

ILUSTRAÇÃO

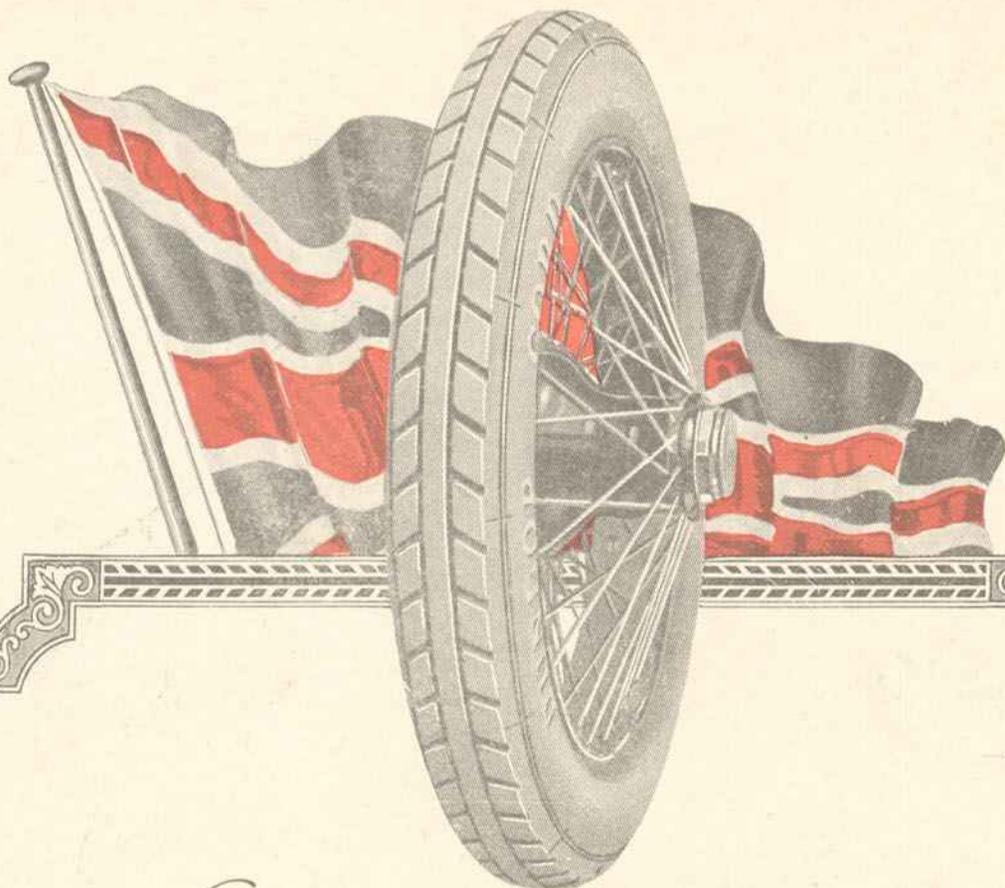


1.º ANO — Número 10

Lisboa, 16 de Maio de 1926

PREÇO 4,800

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



O famoso pneu Dunlop Cord montado na roda d'arame Dunlop

É com a kilometragem que se põe á prova um pneu, e é particularmente n'este ponto que o pneu DUNLOP mostra a sua supremacia sobre todos os outros pneus.

O DUNLOP CORD é um producto completo de manufactura ingleza, e actualmente obtem-se com este pneu o dobro da kilometragem que se conseguia antes da guerra

calce Dunlop e ficará satisfeito

Á VENDA EM TODAS AS GARAGES DO PAÍS

DEPOSITARIOS GERAES

GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7, 1.^o

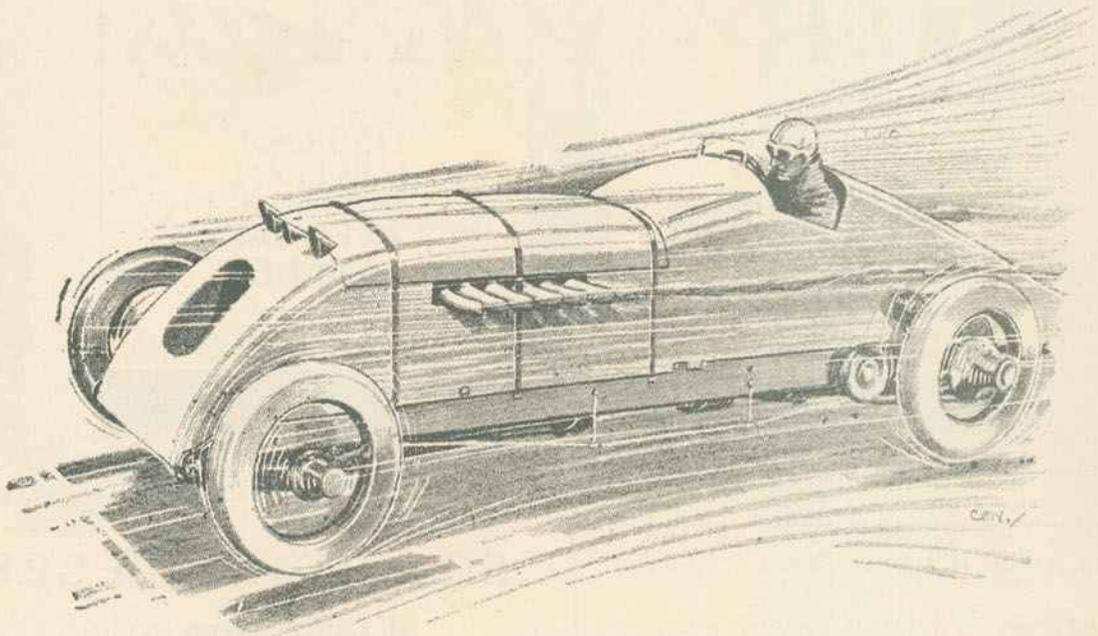
LISBOA

GUILHERME JOÃO GRAHAM & C.^A

Rua dos Clerigos, 6

PORTO

275 quilómetros e 341 metros à hora,
foi a média atingida por PARRY TOMAS, ba-
tendo os records do mundo no seu carro de
corrida.



usando GASOLINA E LUBRIFICANTE

SHELL

N. B.— A gasolina para esta prova foi obtida numa bomba duma garage local
e do tipo standard que vendemos ao público.

THE LISBON COAL & OIL FUEL CO. LTD.

Rua do Crucifixo, 49 — LISBOA

PORTO, FIGUEIRA DA FOZ, VIANA DO CASTELO, FARO

Pó d'arroz
MARIA

cold creme
MARIA

**ADERENTE
FINISSIMO
A MARCA
MAIS PO/
PULAR DE
PORTUGAL**

**O MELHOR
PARA BRAN/
QUEAR E
AVELUDAR
A PELE**

Produtos de beleza conhecidos e preferidos pelas senhoras em todo o país, Ilhas, África e Índia. — Criações da
PERFUMARIA DA MODA — 5, Rua do Carmo, 7 — LISBOA

V. EX.ª QUER TER AS PERNAS ELEGANTES?

USE SEM HESITAÇÃO AS

BANDES L. DE CLARKS

em caoutchouc muito fino de cor rosa e muito macio,
INVISIVEL DEBAIXO DA MEIA MAIS TRANS-
PARENTE.

Pela suave massagem que elas ocasionam durante o an-
damento, facilitam a circulação e tornam a vossa perna
elegante e esculpural.

Preço esc. 35.000 — Porte gratis

VICTOR C. CORDIER

Rua da Prata, 275 — LISBOA
C. Marquez de Abrantes, 1 a 3 — LISBOA
Rua das Flores, 136 — PORTO



FOGÕES INGLESES

SULTANA (registado)



UMA OPINIÃO RECENTE

Casa de Godim-Porto, 12-4-1925.

«Há precisamente um ano que a V. Ex.ª comprei um Fogão
«Sultana». E com muita satisfação que lhes venho participar
que estou satisfeittissimo com esta aquisição, pois que o Fogão,
além de ser de magnifica construção e aparatoso, funciona muito
bem com carvão e lenha e com grande economia. Até hoje de
nenhum concêrto careceu nem qualquer das muitas peças de
que se compõe se partiu. Tenho muito prazer em lhes fazer esta
comunicação. — (a) Marcos Vallado».

PARA MAIS INFORMAÇÕES DIRIGIR-SE A:

HERBERT W. CASSELS & FILHOS

191, Rua Mousinho da Silveira — PORTO

ou **HERBERT CASSELS JR.**

Rua 24 de Julho, 56 — LISBOA

(HÁ OUTROS MODELOS EM DEPÓSITO)

PETRÓLEO

M. d. P.

HAHN

PARA O CABELO

LOÇÃO FORTIFICANTE
& REGENERAADORA



indispensável para limpeza, aformoseamento, conservação
e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20.000 FRASCO PEQUENO 14.000
FRASCO ENSAIO 3.050 VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: **J. DELIGANT, L.ª**
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

**REBELLO
DE ANDRADE & ALCOBIA^{lma}
LARGO DO CARMO 15
LISBÔA**

CONSTRUÇÕES DECORAÇÕES MOBILIÁRIO

**PROJECTOS
DE
ARQUITECTURA**

**ARTIGOS
DE
DECORAÇÃO**

JOALHARIA
PRATAS ARTISTICAS

MARIANNO COSTA

245 — RUA AUREA — 247
TELEFONE: CENTRAL 2393
LISBOA

NASCIMENTO & PINTO

Ourives joalheiros, antiquários, fabricantes, negociantes, importadores e exportadores de joias e pratas artisticas; concertos, reproduções, desenhos e orçamentos. Preços moderadissimos e execução inexcédível. Oficinas em Lisboa e Porto.

SEDE: Rua do Amparo, 106 a 108
LISBOA

CIGARROS ARAKS

Araks

LA REINE DES CIGARETTES EGYPTIENNES
La Vierge Penour

EGIPCIOS DA MAIS FINA QUALIDADE
E AROMA

À venda em tôda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho
R. 1.º de Dezembro, 7

ILUSTRAÇÃO

GYRALDOSE

para a toilette intima da mulher

Excelente preparado nao toxico, descongestionante, anti-leucorreico resolutivo e cicatrizante. Perfume muito agradavel. Uso continuo muito economico. Assegura um verdadeiro bem estar.

Comunicados
Acad. de Med. de Paris, 14 Outub. 1912

SABÃO ANTISEPTICO
à base de
GYRALDOSE
Indispensavel para a toilette intima e as doencas da pele e do couro cabeludo



É o antiseptico que toda a mulher deve ter no seu tocador.

A Gyraldose

é o antiseptico ideal para quem viaja. Apresenta-se em comprimidos estaveis e homogeneos. Cada dose lançada em dois litros d'agua da-nos um soluto perfumado que a Parisiense adoptou para os cuidados rituaes da sua pessoa.

OVULOS
à base de
GYRALDOSE
Descongestionantes e antisepticos. Preventivos e assegurando a cura das doencas das senhoras.

A. VINCENT, Lda - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS - RUA IVENS, 56 - TEL. 1858 C.

GRANDES ARMAZENS DE NOVIDADES
AU
PRINTEMPS
DE PARIS



Os Grandes Armazens
au **Printemps**
são os mais elegantes de Paris

PARA OS CATALOGOS E TODO GENERO D'INFORMAÇÕES
DIRIGIR-SE AO S^o

A. VINCENT

RUA IVENS N^o 56. LISBOA.

OU AOS S^os LAGUIONIE & C^o. AU PRINTEMPS. PARIS.



TEINDELYS



ARYS
3, Rue de la Paix
PARIS

Pó adherente
Impalpavel
(todas as cores)

UN JOUR VIENDRA



Perfume
Perturbante
Penetrante

ARYS 3, rue de la Paix. PARIS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

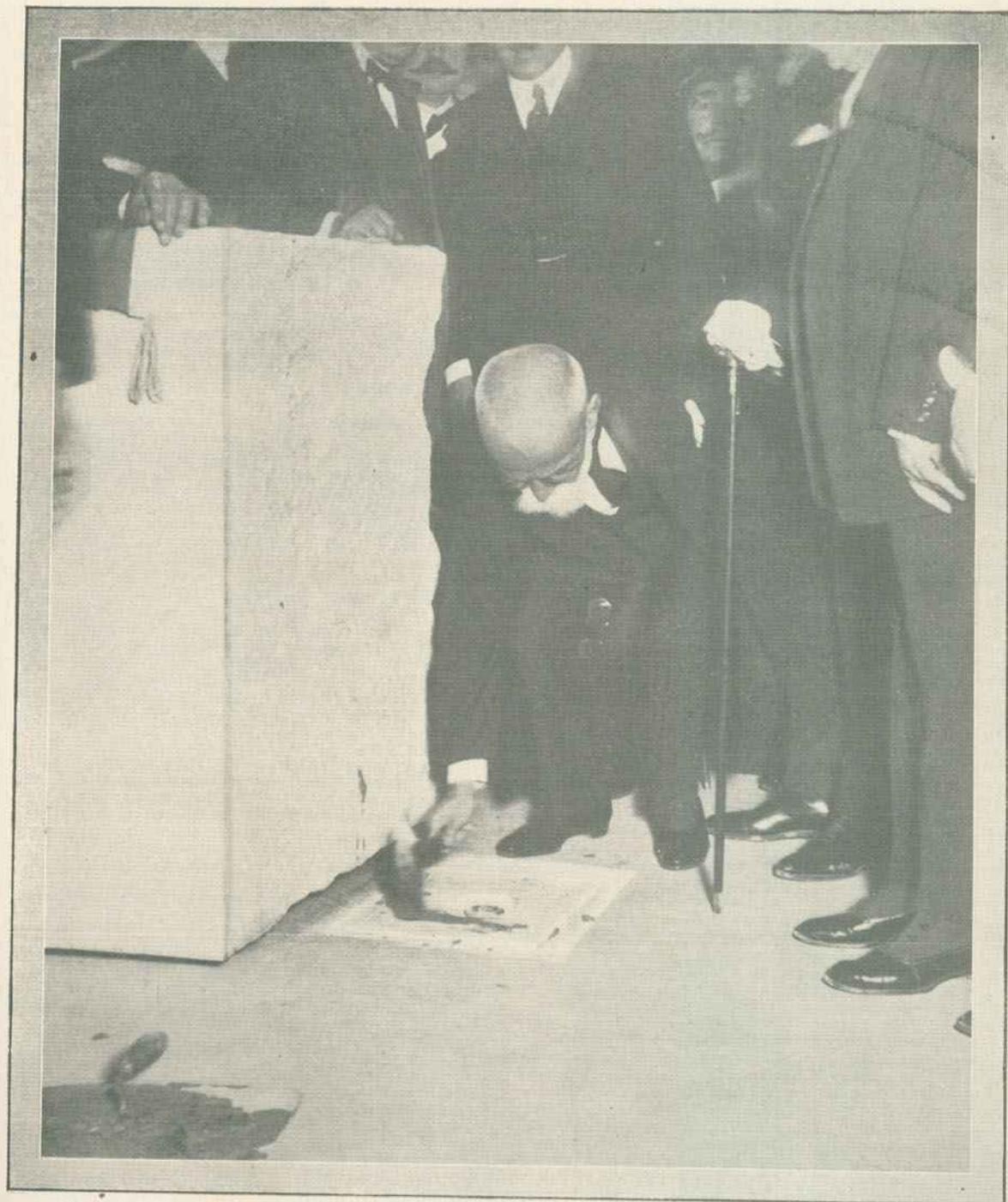
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.º — NÚMERO 10

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE MAIO DE 1926



No dia 13 de Maio, consagrado pela cidade de Lisboa à memória do Marquês de Pombal, seu redificador: O sr. Presidente da República procedendo à cerimónia do lançamento da pedra inaugural do monumento que, ao grande homem de Estado, está sendo construído no alto da Avenida da Liberdade (Cliché Serra Ribeiro)

CRÓNICA DA QUINZENA

O talento do cronista é dalgum modo uma modalidade daquela estranha *vis* aformoseadora com que as mulheres, reproduzindo o conto árabe do sultão que ia nu e todos diziam vestido de ouro e prata, adornam mais com ilusão do que com tecido, o louvor a Deus da carne... A crónica — exclusão feita de certos empedões que fazem a glória de inclitos massadores — é qualquer coisa de leve, de scintillante, de impalpável, que não deixa lastro mas que se saboreia, reconciliando-nos com a palavra escrita depois de todas as malversações facinorosas dos que tudo empalham — desde a ideia até a imagem. A crónica não é o *chronicon*. Se quiserem diluir nela um pouco de Pascal, façam-no em licor de ginjas. Todos os sortilégios e amavios do espírito, todos os recursos da erudição e do saber, os quindins todos do *humour* e até as increpções do sentimento que se debruça sobre as protérias humanas cabem nela. De que são feitas as crónicas de Severine senão de soluços e de gritos? Mas não lhe tirem o recorte breve, nem o imprevisto, nem a ligeireza, que a derrancam e desfiguram e mutilam.

A crónica!

Mas onde vou eu buscar esse talento do cronista, que sorri ainda mesmo quando deixa de ser fútil, para compor este soliloquio com os leitores da *Ilustração*?

O acontecimento capital desta quinzena, foi, *nemine discrepante*, depois dos aguaceiros que durante o mês passado deram actualidade ao proloquo segundo o qual em Abril, águas mil, esta abençoada aleluia com que a Primavera, abrindo — *alfim!* — o seu mágico sorriso auroescente, azulou por sobre as cabeças da lisboeta o pálio rico dos lindos dias e trouxe à secura desesperante da urbe, onde magros jardins pedem licença para serem verdes, o sópro aromático da serra de Sintra e, por cima de todas as antenas, a ironia alada e nervosa das andorinhas — para as quais o meu zaroto estende as mãos. Este encantamento encheu a quinzena, perfumou-a toda, e, aberta no Campo Pequeno, com brilho auspicioso e o inverosímil concurso dalguns touros bravos a *saizon* taurina, foi com um esforço penoso que tivemos de constatar alguns factos tristes, *verbi gratia* a questão dos tabacos, a que as oposições parlamentares deram o rescaldo dum agitação clamorosa, talvez para demonstrarem que, apesar de se tratar de tabaco, o problema do seu fabrico e exploração não constitui positivamente uma *fumisterie*. A emotividade pública, sorvida, porém, quasi até à exaustão pelo drama tóxico da morte de Maria Alves, não teve ainda forças para secundar a frenética, a inspirada agitação das oposições parlamentares nesta amolecente brandura da Primavera, que nos está titilando com afagos de sol e usando de tão capciosa envolvença que já não falta a quem a suspeite conchavada com o sr. António Maria da Silva para — nova Dalila enfeiticante! — cortar a trunfa iracunda à legião dos que o combatem — pondo-lhes a calva à mostra... Nesta *course à l'abime* em que os profetas tóxicos do pessimismo se esfalham por nos convencer que tudo rola — futuro da pátria, integridade das colónias, os mandamentos imortais! — haverá já lugar para que confieamos na Primavera? E agora a propósito de *course*: há uma menção que a justiça manda que se faça aqui aos nossos cavaleiros que em Nice e em Roma mais uma vez ergueram alto o nosso balaão tradicional de *grands seigneurs* na arte de cavalgar. O hipismo, que, entre nós, nunca pas-

sará de uma adaptação artificial mantida com injeções de óleo canforado — pois num país que não tem grande criação de cavalos os *coureurs* são sempre os mesmos resfolegando tristemente no encaicho de umas sebentas notas de escudos — nem por isso deixa de ser o desporto predilecto dos portugueses. Veja-se a sucessão ininterrupta dos nossos cavaleiros tauromáquicos e a grande ressurreição que, instrumentalmente, através de Cañero — diga o que disser em contrário o guapo *rejoneador* cordovês — o nosso hipismo tauromáquico está operando na vizinha Espanha onde a sanguinária nódoa dos cavali-coques esventrados vai sumir-se da ofuscante festa das arenas, exumada do olvido a arte insignificante da picaría que em Portugal nunca se abandonou mercê do nosso espirito democrático — sabido como é que os fidalgos do lado de lá da fronteira deixaram cair o rojão, tanto para agradar a uma corte afrancesada como para não emparecear nos redondéis com a plebe que os invadira gloriosamente, criando toda a irisada gama do touro moderno!

Com a morte de Alves Roçadas e de Barros Queirós desapareceram no túmulo duas figuras de relevo na sociedade portuguesa. O general, que quinze anos antes Lisboa inteira aclamara num cortejo que fez reviver a hora emotiva do regresso de Mousinho, era um bravo. Tinha ganho em África não a reputação dum cabo de guerra, mas o renome merecido dum soldado que no mais acêdo das fregues, sob uma sarraivada de balas, sabia dar a nota da coragem perfeita. Vendo passar o seu feretro através da cidade, entre alas de curiosos, mais uma vez pensei na falta que nos faz uma literatura virilmente exaltadora das nossas epopeias africanas, literatura amassada de factos, viva e poderosa, a um tempo falando à imaginação e à inteligência, e suscitando o que poderia talvez chamar-se a atracção mística da nossa África, onde tantos e tantos desconhecidos da grei — como esse épico Galdas Xavier de quem raríssimos falam — experimentaram até onde pode ainda chegar o sangue da nossa raça. E acudiu-me ao espirito a lamentação entristecida de Mousinho, logo à entrada do seu relatório administrativo sobre Moçambique, aludindo à deformação do seu esforço africano no critério público; como se, efectivamente, a espada do apripador do Ganguhana se tivesse quebrado no sertão à força de acutilar pretos e não de encontro às chinezices invencíveis e aos preconceitos rotineiros da nossa burocracia. — Barros Queirós era uma figura interessante da nossa política há dezasseis anos transformada, que no tocante ao cenário, quer ao pessoal. Marçano aos oito anos, filiado no histórico Pátio do Salema aos dezasseis, republicano toda a vida, Barros Queirós trouxe para a política com a sua figura típica de comerciante, a que não faltava nenhum dos *tics* psicológicos que a profissão acentua; um hom-senso escrupuloso, que era o traço fundamental da sua personalidade e que lhe permitiu ascender às mais altas situações sem as *gaucheries* inerentes aos adventícios, zelando como o mais nobre brasão nobiliárquico o seu passado intemerato de trabalhador. Morreu novo. E se não fora esta circunstância bem se poderia dizer que foi feliz este homem de quem milhares de pessoas acompanharam o feretro, a quem os adversários não recusaram render as suas homenagens e que, colocado à frente de várias companhias e empresas, não viu nunca levantar-se a menor suspeição diminuidora do seu prestígio.

O que a tantos teria custado virulentas recriminações não provocou contra ele o mais leve reparo. A sua honestidade era um axioma e foi para ele um escudo. Ninguém ousou trespassá-lo para o atingir. Mas a circunstância de que, quem quer que o tentasse, perderia o seu tempo, nem por isso deixa de constituir uma nota de felicidade pessoal que me parece merecer a pena registar ao referir-me ao honrado político, diante de cujo cadáver todas as bandeiras partidárias se abateram em sinal de reverência.

O actual ministro da instrução, com a dupla autoridade que lhe vem do facto de ser, ao mesmo tempo que um professor inteligente um médico distinto, acaba de fazer publicar no *Diário do Governo* um decreto determinando que os rapazes que frequentam os estabelecimentos de ensino dependentes do Ministério da Instrução Pública não possam dedicar-se a práticas desportivas sem que os dirigentes desses estabelecimentos, escudados no *verdictum* duma inspecção médica, os declarem aptos para essas práticas. Não sei como será recebida pela rapaziada esta providência do sr. dr. Santos Silva. É muito possível que ela lhe não grangeie os aplausos, tão certo é o *foot-ball* estar-se revestindo entre nós dos caracteres duma obsessão delirante... O meu, esse, quero dolo já a S. Ex.ª com a firmeza de quem há muito se convenceu de que o *foot-ball* — e digo *foot-ball* porque toda a nossa actividade desportiva se concentra nesse jogo — tem dado cabo de mais gente em Portugal do que a pneumónica, que aliás despovoou aldeias, e do que todas as endémias mortíferas que, sem excluir as revolucionárias, vicejam e florescem durante toda a roda do ano desde Valença até Vila Real de Santo António. O decreto a que me refiro é o sinal de uma reacção, o primeiro passo, a diligência inicial do contra-vapor que é preciso fazer para que a nossa juventude se não derranche toda, com a lingua pela boca fora, em holocausto à desportomania que nos tomou de assalto. Exige-o a defesa fisiológica da raça. Reclama-o, já não digo o bom-senso, mas o começo do senso-comum.

Pelo caminho em que fomos, ainda havíamos de ver os organizadores dos espectáculos de *box* recrutando pugilistas entre os hóspedes do Sanatório da Guarda — embora sem a intenção subtil com que há anos, na Praça de Algés, um conhecido empresário exhibiu uma *cuadrilla* de toureiros — corcundas.

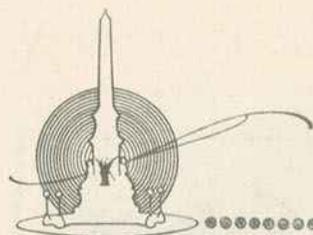
BOURBON E MESESES.

O QUADRO DE MALHÔA

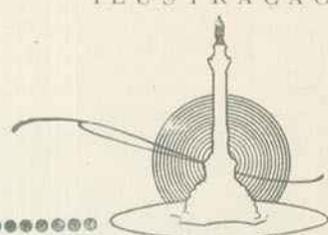
José Malhõa é daqueles poucos artistas que, por terem atingido já a consagração, dispensam o estafado cortejo de adjectivos laudatórios. Diz-se, *tout court*, Malhõa, como se diz Columbano, como se diz Silva Porto, por exemplo. Está na fila dos mestres.

O quadro *Festejando o S. Martinho*, que o nosso *hors-texte* reproduz, também conhecido por *Os bebêdos*, é precisamente um dos mais poderosos em realismo da galeria do grande pintor. Poucas obras como esta tem conseguido dar de forma tão característica os tipos populares portugueses.

A *Ilustração* não publica senão os originais solicitados.



LISBOA



No Salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes: a ilustre poetisa cubana D. Emilia Bernal realizando um recital de belas poesias suas, originaes e traduzidas.



Aspecto da assistência à animada festa organizada pelo Grémio dos Açores no Tivoli, em benefício dos seus conterrâneos vitimados pelo terremoto.



O carro, figurando uma casa em ruínas, que tomou parte no bairrado precatório promovido pelos Bombeiros Municipais de Lisboa com o mesmo fim de caridade.



(Cliche Garcez)

O sr. general Alves Roçadas, uma das mais altas figuras do nosso Exército e heróico combatente das plagas africanas, que a morte tomou recentemente.



Um grupo de congressistas ao Congresso Internacional Olimpico, acompanhados do mestre esgrimista Carlos Gonçalves e alguns discípulos seus, na visita que efectuaram ao Casino Internacional, no Monte-Estoril.



Na Embaixada Brasileira: o sr. dr. Cardoso de Oliveira, entre diferentes figuras do corpo diplomático que o foram cumprimentar no dia do aniversário da descoberta do Brasil.



O sr. Presidente da República visitando a Exposição de Ougivesaria Portuguesa no dia em que ella foi inaugurada nas salas da Associação Commercial de Lisboa.



O sr. Tomé de Barros Queirós, recentemente falecido, que foi um dos vultos mais prestigiosos das nossas instituições republicanas

Numa tarde de corridas de cavalos, género de diversão que, como se vê, não limita ao sexo forte o interesse que desperta

Se as missas não fazem dano aos doentes, igualmente os espectáculos hipicos não fazem mal aos Presidentes de Ministério, mesmo quando os ares publicos ameaçam borrasca. O sr. Antonio Maria da Silva, pelo menos, assim o dá a entender...



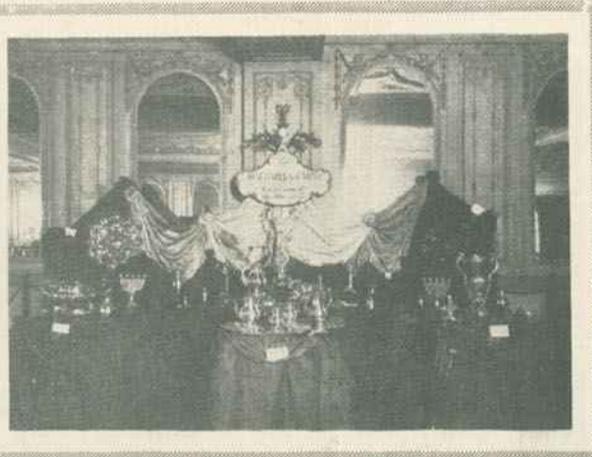
Aspecto do bem organizado stand da casa H. Sarmiento na exposição de ourivesaria



O Nuncio de S. Santidade, acompanhado do sr. bispo de Damião e de outros membros do clero, saindo da Igreja da Encarnação, onde proferiu uma predica allusiva ao Congresso de Braga



Grupo de congressistas ao Congresso Internacional Olimpico, tirado no Salão da Câmara Municipal de Lisboa



Na exposição de ourivesaria: o tentador stand da casa 'Joalheria do Carmo', de Raúl Pereira & C., Limitada

S O C I E D A D E E L E G A N T E



Grupo tirado no casamento da sr.^a D. Jedita Maria da Luz Bastos com o sr. José Cupertino Ribeiro, realizado no dia 8 do corrente na Igreja do Campo Grande



Aspecto da magnífica festa de caridade efectuada nos sumptuosos jardins, terraços e salões do Palácio Fronteira, a Sete Rios, e onde acorreu tudo que há de mais selecto na sociedade de Lisboa



Outro aspecto da mesma festa: tomando chá numa das pequenas mesas que havia espalhadas pelo recinto arborizado



Gentilíssima trindade aprecia fora de corridas de cavalos, saindo, na tarde do último domingo, do campo onde elas actualmente se realizam



Ainda outro aspecto do referido sôbo-dançaute na esplêndida residência dos senhores Condes da Torre



Os noivos e uma parte da distinta assistência ao casamento aristocrático, na exacta acção do termo, da sr.^a D. Maria d'Assumpção de Sousa Coutinho (Funchal), filha da sr.^a Marquesa do Funchal, com o sr. Visconde de Santarém, filho dos falecidos Viscondes de Vila-Nova da Rainha

PORTO E COIMBRA

ACTUALIDADES



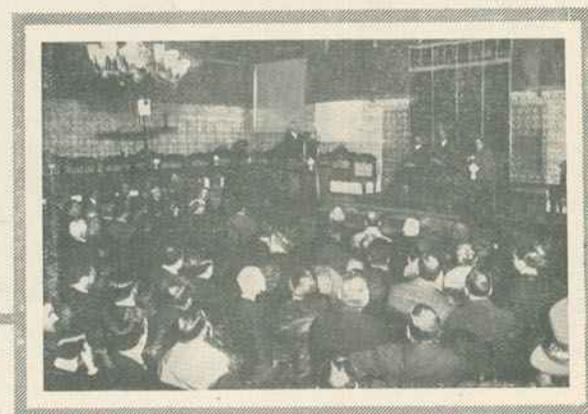
PORTO.—Aspecto da sessão solene comemorativa do 25.º aniversário da Associação Protectora da Infância, cuja obra de benemerência tem jus aos mais altos louvor



PORTO.—Aspecto da festa de confraternização dos antigos alunos da Ordem do Carmo, que alcançou um brilhantismo digno de registo



COIMBRA.—Congresso denominado «Dias Médicos»: a assistência aclamando um ilustre conferente



COIMBRA.—Outro aspecto numa sessão dos «Dias Médicos»: o dr. Alberto de Aguiar realizando a sua conferência



PORTO.—A Tuna Académica que levou a efeito uma festa no teatro de S. João, em homenagem aos eminentes professores ara. drs. Gomes Teixeira e Magalhães Lemos e comemorando o 15.º aniversário da Associação Académica do Porto

(Clíches de A. Moura — Porto)

ESTRANGEIRO



PARIS—O 1.º de Maio: um boulevard dos mais concorridos às 2 horas da tarde desse dia. Quasi de todo suspenso o movimento, essa arteria do Paris-vertigem, do Paris-loucura, dir-se hia transformada em cláustro ou necrópole!

Os filhos da Polónia, tantas vezes santificada pelas dores da dominação estrangeira, não esquecem a sua festa nacional: o seu ministro em França, acompanhado do representante do Presidente da República Francesa, saindo da Igreja Polaca, na rua de St. Honoré, após a comemoração da patriótica data



PARIS—Outro aspecto do 1.º de Maio: a Prefeitura da Polícia de Paris pôs a circular nas ruas os seus carros de telegrapha-sem-fios, para transmitir ordens rápidas no caso de se dar qualquer colisão com o elemento operário



BRUXELAS—A delegação portuguesa ao Congresso Internacional Hoteleiro colocando uma corôa no túmulo do Soldado Desconhecido belga. Figuram no grupo os srs. Manuel de Roldan y Pego e Alexandre de Almeida



PARIS—Vista de conjunto do Salon des Artistes Français, que se está realizando no Grand Palais, no dia dito do Vernissage



ROMA—Celebrando o aniversário da fundação da Cidade-Eterna: o sr. Mussolini e os seus ministros no momento de chegarem à Praça do Coliseu, onde passaram revista aos alunos das escolas oficiais

DESPORTOS

CORRIDAS DE CAVALOS NO JOCKEY CLUB

O entusiasmo pelas corridas de cavalos vai aumentando dia a dia.

São dignos de louvor os esforços notáveis da Direcção do Jockey que se tem empenhado em organizar programas brilhantes e de molde a satisfazer o público.

ao jogo dos nossos equipiers, feita pelo antigo jogador Foust, hoje um dos primeiros criticos ingleses.

«O serviço de Verda é rápido e de bom comprimento. A rede mostrou-nos um jogo muito hábil com os seus «drives em volley», «half volley», «volley» atravessado e «volley» amortecido.

O seu jogo parece-se com o do famoso jogador francês, Borotra, e é por isso um jogo arriscado.



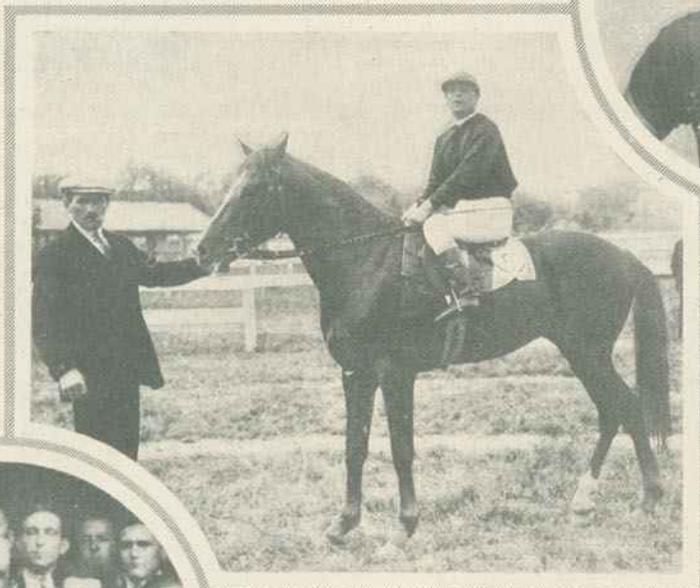
LAWN TENNIS

A TAÇA DAVIS

Na 1.ª volta dos «matches» da Taça Davis, coube a Portugal como adversário, a África do Sul. A nossa «equipe» jogou este encontro em Inglaterra, nos «courts» de Lawn Tennis do Sutton Club.

O resultado, que já é conhecido do público, foi de 4 vitórias a 1 a favor da África do Sul.

Do «Times», transcrevemos algumas passagens da critica



Augusto Pereira, que efectuou a viagem Paris-Lisboa, tendo sido o primeiro concorrente a chegar.
A égua «Whitty», propriedade do sr. Conde de Pinhel

Verda no seu match contra Lezard decidiu os pontos sempre com grande rapidez.

O match entre Casanovas e Spence, foi muito mais disputado do que o «score» o indica.

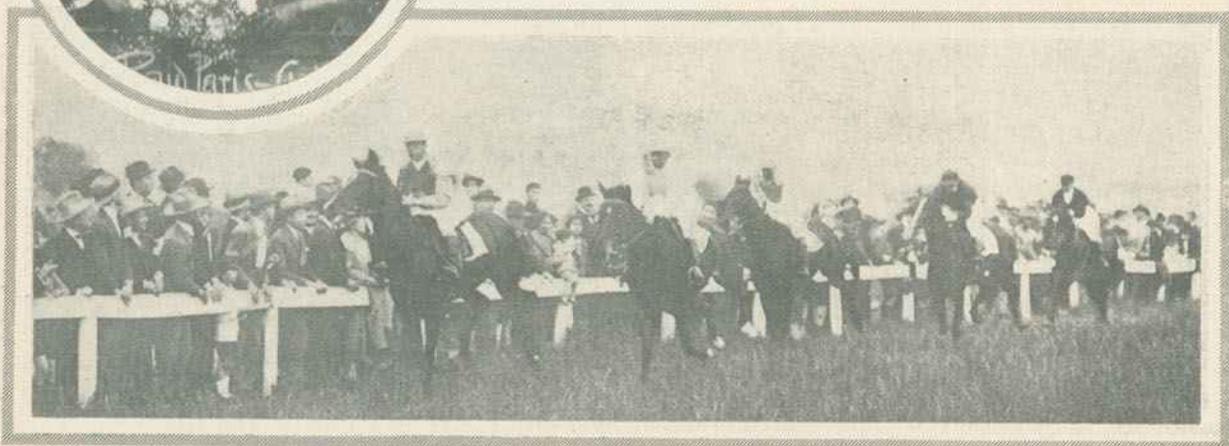
Se somássemos os pontos feitos por cada um dos jogadores, não haveria uma grande diferença entre as duas somas.

Na grande maioria dos jogos, chegou-se a «Deuce» e nalguns jogos sete e oito vezes seguidas o árbitro anunciou este score.

Spence esteve jogando sempre em grande forma.

O ponto forte de Casanovas é o seu «drive» da direita sendo a esquerda o seu ponto fraco.

Casanovas na 3.ª partida chegou a ter 4 jogos a 1 a seu favor. Porém o seu adversário conseguiu igualar o número de jogos e ganhar.



A equipe do «Sport de Lisboa» que efectuou a viagem Paris-Lisboa em bicicleta
Luís Margaride montando a égua «Esguia», vencedora dum das corridas

Esta critica, bem como outras que lemos em jornais ingleses, é deveras lisonjeira para os jogadores portugueses, se bem que estes devido ao facto de jogarem em país estrangeiro e por um péssimo tempo não pudessem evidenciar tôdas as suas qualidades e recursos de bons jogadores.

O 1.º MATCH DE POR FUGAL-FRANÇA

Se bem que o «match» entre estas duas nações, já se tenha realizado há bastante tempo, publicamos hoje algumas das fotografias feitas em Toulouse pelo enviado especial da *Ilustração*, o distinto fotógrafo sr. Serra Ribeiro.

São documentos que ficam e que mostram duma maneira eloquente a diferença de constituição física dos jogadores que disputaram o encontro.

E se frisamos este detalhe, é porque julgamos que a falta de fisico dos nossos jogadores é um dos factores principais das derrotas que sofremos em partidas internacionais.

Em Toulouse a nossa inferioridade nêsse ponto foi manifesta; e que isto nos sirva de lição e pensemos antes de tudo em arranjar para o futuro onze atletas que joguem «foot-ball» e não jogadores que embora muito hábeis, apresentem um aspecto fraco e doente como succede quasi sempre nos encontros disputados no nosso país.



As duas equipes formadas antes do match. — O primeiro «goal» dos portugueses.



O aperto de mão dos 2 capitães antes de começar o encontro



Os capitães das duas equipes, depositando ramos de flores, junto ao monumento dos sportmen franceses mortos pela Pátria.

CERTA MULHER QUE POR ALI PASSOU...

Ao homem da Leocádia, metera-o o diabo nas profundas do inferno, todo inteiro e de uma assentada, pois nunca mais ninguém lograra obter dele vestígio, nova ou mandado. Em fresca madrugada de março, ainda com estréllas a tremeluzirem no alto, abalara êle da aldeia, às escarranchas no *Catita*, burrico de passo tão dançarino e de pêlo tão macio como igual se não enxergava no povo. Embora lhe votasse estima e lhe gabasse os méritos, ia de peito feito em vender a alimária, desde que a oferta andasse rente de a maquia que lhe era mister na ocasião para se lançar em esperançoso negócio. Gente vária o saudou na estrada, já a boa hora e meia de trote, no sítio da várzea, onde os campos correm à solta, contentes de se verem libertos do abraço estrangulador da serra. Na vila, porém, é que o pobre de Cristo não chegou a pôr o pé. Todos os seus conhecidos e amigos

que lá haviam acorrido também a feirar juraram a firme juramento que nem sequer a sombra de tal figura lhes cortara um instante a miradados olhos. Enquanto Leocádia quasi delia a vista em tamanho pranto, a aldeia em pêso, condoída de sorte tão mofina, moveu-se em afanosas pesquisas, que foram além de uma semana, e não deixaram moita nem pôço das redondezas por deavassar. Tudo foi vão, porém! E ao termo dessa conseira caiu pedra sobre o assunto, assentando supersticiosamente o povo em que fôra pela certa o diabo quem dera sumiço ao marido da Leocádia, pois as suas artes e manhas chegam e sobejam para isso e muito mais.

O *Catita*, êsse sim, que foi encontrado, logo na tarde seguinte, lá para as bandas do pinhal. Indiferente à sina do amo, estava o bom do asno com o focinho metido por entre as tábuas curunchosas da tóca estribaria em que o Zé Malhão tinha a recato a sua burra branca. E ela e o *Catita*, em manso colóquio, zurro de cá, zurro de lá, como Tristão e Isolda da espécie asinina, foram surpreendidos em juras de amor. A custo o *Catita* arrancou de ali, zurzido pelos desalmados dos homens, que, teimosos e crúéis, recusam tornar extensivo aos burros o direito ao idílio.

Sempre de luto no corpo, a imagem do luto da alma, Leocádia, ainda nova e senhora de lindo palminho de cara, tomou a sério a viuvez, considerando-se a mais triste das viúvas, porque

nem ao menos lhe ficara uma campa sobre que derramar lágrimas e flôres. E a perspectiva da miséria, com falta de sustento não só para si como também para a boquita sófrega de Inácio, o filho tenro, que, como reliquia única do seu matrimónio de dois anos, se lhe aninhava no colo, carregou de mais sombra a sua dor. O marido detestara sempre a ociosidade, mas a modéstia do seu ganha-pão jámais consentira que alguma coisa tomasse vulto no mealheiro. Condenava-a, por conseguinte, a soledade a angariar apenas por seu esforço e préstimo a sua manutenção e a do filho, — a não ser que capitulasse perante as instâncias, vindas por portas travessas e sempre repelidas com energia, do Tobias do Monte, homem de largos têres ganhos nos Brasis, que já nos seus tempos de solteira a dardejava com olhares fogosos e a procurava seduzir com a ostentação das riquezas. Mas isso — nunca! Leocádia, se prosápias tinha, eram as de ser mulher pudente, de um só amor e de uma só fé, e por coisa nenhuma do mundo desceria a ombrear com essas tantas viúvas que, mal arrefecidas as cinzas dos consortes, já o pernil se lhes ajeita para os cancanos de novas bôdas.

Em si própria, pois, teria de achar arrimo e remédio na provação da viuvez. E achou. Alguns anos da juventude passara-os ela, como criada, num conventinho distante quatro léguas, se tanto, ali da aldeia. Saira de lá quando as casas monásticas do país foram coagidas ao encerramento. Mas fôra-lhe de grande proveito a estadia naquele meio: no trato suave das monjas e sob o seu afável ensino, industriara-se na mais completa e subtil sciência de fazer doces, essa delicada arte com que as religiosas preenchiam os ócios claustrais. O receituário desse mosteiro era então uma coisa famosa, pela variedade e pelo apuro. De norte a sul, tôda a descoberta efectuada no campo da gulozeima ia ali afluír sem demora. Desde a doçaria miúda, queijinhos de gila ou de amêndoa, que se comem num ai, e lousos biscoitos, cuja mastigação nem de leve fere as ermas gengivas dos velhos, até a pastelaria de grande envergadura, por assim dizer monumental, com os anafados bolos de ovos, as tortas rechonchudas e os pastelões que só fornos potentes conseguem cozer, — tudo ali obtinha um fabrico esmerado, impossível de exceder em qualquer outra cozinha monástica. Em melhor escola não poderia, portanto, Leocádia ter feito a sua aprendizagem. Em breve, graças também à sua ingênita queda para o ofício, a aprendizagem convertia-se em mestra, e, tanto assim, que, ao receber o último sinal de bênçã da abadessa, uma santa velhinha que tomou o rumo duma comunidade de Espanha, ouviu, confusa, na timidez da sua alma humil^{de}, e, seguinte: «Não esqueça, minha filha, os dias de paz que passou conosco, nem tam-pouco as prendas de mãos que lhe ensinámos; se alguma vez tiver de dar ordem à vida, com a habilidade que, especialmente para os doces, soube atingir, terá sempre uma fortuna ao seu alcance.»

Estas palavras da carinhosa madre é que, depois, na hora escura em que o destino misteriosamente lhe roubara o marido, lhe haviam alumado o caminho da salvação. Decidida, tomou por êle: abriu estanco e fez-se doceira.

Já lá iam vinte anos, sempre naquela vida trabalhosa mas honesta e compensadora. A casa em que morava já era sua, e lá em baixo, junto à Ribeira de cantantes e espumosas águas, possuía também um fértil trecho de pomar e horta.

Frescura e lindeza perdidas, e a saudade do seu homem sempre a romoer-lhe a alma, a sua cabeça cobrira-se bem cedo da neve triste da velhice. Agora já o Tobias do Monte se desimaginara de ela. E como sinal de que veleidades de mulher moça, se as quisesse ter, já lhe não assentariam bem, todos na aldeia haviam passado a tratá-la por *Tia* Leocádia.

Isto aliás não lhe dava pena. A vida para ela só tinha agora um encanto: o filho. Se trabucava tão solícita, se queria coalhar algum dinheirito, tudo era com sentido nele. O rapaz espigara, estava um pedaço de homem, entroncado e respirando saúde. Quando foi das *sortes*, a pobre mulher andou numa dobaçoira, da casa dos fidalgos para a casa do juiz, da casa do médico para a do senhor cura, a todos choramingando que livrassem o seu Inácio das correias da tropa. O que mais ela temia é que o rapaz se estragasse lá pela cidade, pois bem via o que sucedia aos mais. Voltavam tão diferentes, que nem virados do avêssio! Mentindo com quantos dentes tinha na bôca, mentira que nos corações das mães alcançará fácil perdão, a *Tia* Leocádia alegava, nos seus rôgos, que o filho era o seu único amparo, quando, no final de contas, quem angariava mais até que o indispensável ao seu lar era ela exclusivamente, no seu ofício de doceira que não tinha mãos a medir, aviando fartas encomendas para bôdas, baptisados e festas de anos, mesmo para longe da aldeia.

Fôra aquela uma hora de angustias, fôra. Mas a sua manha bem chorada conseguiu vencer: Inácio ficou livre da vida militar. E ajudando a mãe no expediente da loja, onde nos domingos, dias de mercado, o movimento era intenso, ali ficou junto dela, como o coração da pobre mulher tanto ambicionava. Na tarde desse dia, quando lhe trouxeram a boa-nova que lhe desencarcerou a alma em sobressalto, foi um verdadeiro bôdo de gulozeimas naquele largo. O rapazinho pinchou de contente, atafalhando a bôca de rebuçados e de biscoitos, e não houve visinha da *Tia* Leocádia que, também por generosidade dela, não tasquinhasse nessa noite à ceia uma regueifa apetitosa ou um pão de ló fôfinho que nem cama de anjos.

Uma coisa única apouquetava às vezes a velha, quanto ao filho: o rapaz mostrava-se sensível demais às graças físicas da freguesia feminina. Entrasse na loja uma rapariga desenhada, e logo êle daria mostras de perturbação, desfazendo-se em galanteios e, o que era sumamente grave, beneficiando muito no pêso



a freguesia a quem Deus presenteara com semblante fagueiro. Havia já moça astuciosa que só lhe transpunha a porta quando supunha a velha lá para o forno, a contas com a cozedura, porque sabia que Inácio a aviaria com mão larga. Por isso a velha doceira andava sempre de espreita e estava de continuo a admoestralo:

— Não podes ver uma burra de lenço, não podes... Tens tempo, rapaz, de perder o juízo algum dia. Mas ainda é muito cedo, ouviste?

Nestes momentos a sua voz tornava-se estranhamente áspera, porque, se havia coisa que a fizesse estremecer, era a ideia de que o filho se apartaria dela mais tarde ou mais cedo, para se casar, para ir fazer vida aparte. A Tia Leocádia ambicionava deste modo iludir o poder da natureza, e a natureza, em represália, sorratamente, preparava-se para atirar um golpe certo ao seu egoísmo maternal.

Decorria pachorrenha, sem nada de maior, a vida da aldeia, com a velha Leocádia entregue a fazer maravilhas da massa de ovo, que nas suas mãos era tão plástica e tão dúctil como os preciosos metais nas mãos de qualquer dos famosos auríficos da Renascença, e com toda a mais gente ganhando, cada qual em seu mister, o pão de cada dia, — quando estalou ali, estalar é o termo exacto, a nova de que na noite seguinte haveria espectáculo no teatrinho do Grémio, onde já se não efectuava rêsita ou coisa que o valha desde bons anos atrás. O fatorialório foi geral, esmuçando o acontecimento. Como a crise scênica apertava na capital, os cómicos andavam em pequenos grupos, tentando a sorte pelas provincias. Chegara assim a vez àquela remansosa aldeia. Vasculhou-se logo o teatro, fez-se passagem de bilhetes pelas familias principais, e não houve, naquele acanhado meio que vivia como que fora do mundo, ninguém que, mesmo sem esperanças de assistir ao espectáculo, não rejubilasse e não pusesse no facto orgulho bairrista: a terra ainda tinha alguma importância, visto que os artistas da capital a haviam lobrigado no mapa!

Ainda a companhia não chegara, e já o farmacêutico e o regedor andavam açodados em busca de cómodo para os seus componentes por uma ou duas noites, pois, sem visitantes a não ser lá uma vez no ano, não havia na povoação hospedaria a valer ou sequer modesta pousada. O processo de aboletamento foi o escolhido. Um cômodo ficaria ali, outro além, outro acolá, em casas particulares.

Como a Tia Leocádia tinha na sobre-loja um bom quarto disponível, foi a primeira a ser procurada para o efeito. Anuiu, sobretudo porque lho pedia o farmacêutico, homem que na aldeia dispunha de basta influencia.

Inácio, esse arrastou-o a onda do entusiasmo. Requereu dinheiro da mãe e, como esta começasse por negar-lho, foi-se ao baú das suas economias, onde dormitava boa maquia, mercê das gorjetas que sempre lhe davam quando ia à entrega de qualquer encomenda. Com empenhos lá conseguiu um bilhete, que, ao entrar na loja, agitou perante os olhos repressivos de Leocádia, como troféu de vitoriosa batalha.

Pela tarde chegou, enfim, o bando histrionico, muito modesto, composto de quatro ou cinco figuras, entre as quais uma só mulher. E o alo-

jamento desta logo coube à Tia Leocádia. Alta, elegante, com desenvoltura de aventureira, rindo por tudo em gargalhadas de cristalina sonoridade, espalhando em roda aromas penetrantes — afirmar que a doceira a viu com satisfação transpor-lhe a porta, seria mentir. Mas o dito estava dito: indicou-lhe o quarto, serviu-a com cortesia no que a actriz teve mister naquela hora da chegada, e retirou-se para a sua faina do costume.

Em Inácio ainda a impressão que a esbelta cómica despertou foi mais funda — mais funda e diferente. Mal deu com os olhos nela, experimentou como que um deslumbramento. A beleza daquela mulher não tinha para elle quaisquer semelhanças com a das raparigas da aldeia que lhe aceitavam as palavras de galanteio e o péso generoso nos doces vendidos na loja. Dificilmente se convencia de que ella era feita da mesma carne que as outras. Como, de súbito, à sua vista, sentia desdém por aquelas que até ali requestara com disfarçado ardor!

E toda a tarde malucou, malucou, em ideias que se desprendiam do mesmo cortiço: um espanto apaixonado pela actriz sua hóspeda.

Durante o espectáculo o delirio intensificou-se-lhe mais ainda. A cómica representava um papel de intensidade dramática, cheio de frases de candente amor, que, no seu lugarzinho ao fundo da platêa, Inácio sonhava serem-lhe dirigidas por aquela boca rubra, promissora de estranhos e voluptuosos beijos.

De volta a casa, antes de a artista recolher, não se conteve que não passasse pela loja a pôr num prato uma ruma de *joaninhas* e trouxas de ovos, que foi colocar à cabeceira da fascinadora. Dormitando, a boa da velha não deu por nada.

Fazeis ideia de quanto são terríveis as noites dos anacoretas, quando o diabo as crucia com as tentadoras visões do pecado? Pois foi igual a essas aquela noite de Inácio, noite de horas sem fim, sentindo o mistério da vida a penetrar-lhe até as profundas a alma ingénua, assistindo, entre deliciado e temeroso, ao florescimento da sua mocidade, que uma primavera de amor sacudia com violência inaudita.

Na manhã seguinte, já próximo do meio-dia, estava o rapaz sózinho na loja quando a artista desceu. Com a onda farta dos seus cabelos louros despenhando-se no mármore das espáduas de belo modelado e um decote em demasia esmolter para os olhos curiosos, perfumada, insinuante, saudou, entre sorrisos:

— Ora, viva o meu senhor hospedeiro! Gostava de saber quem foi a pessoa tão gentil que se lembrou de me presentear com aqueles deliciosos doces que comi ontem à noite...

A acêsa cor que tingiu o rosto de Inácio logo advertiu a actriz, não só de que o presenteador fôra elle, como até de que o fizera com misteriosa intenção, certamente a occultas da mãe. E, no seu íntimo, o facto lisonjeou-a: era sinal de que por onde passava a sua beleza ia agitando os corações de todos os homens. Pressentindo mais uma aventura curiosa, dispôs-se a apressar-lhe a eclosão. O seu interrogatório foi cerrado e hábil:

— Ouve cá, nunca saíste aqui da aldeia, não? nunca viste mais mundo? nunca sentiste ambição de ver outras pessoas, outros costumes, outras terras? Pobrezito de ti! Agarrado às saias da mãe, passa por ti a vida e não a sentes, passa por ti o amor e não o gosas!

A cada pergunta da feiticeira mais Inácio

via aumentada a sua perturbação. Queria responder e não atinava com as palavras.

A actriz, achando singular encanto para a sua vaidade no enleio do rapaz, resolveu-se a desenvolver uma ideia um tanto demoníaca, despertada havia pouco na sua mente caprichosa:

— Vejo bem que abalei a tua confiança na felicidade que a aldeia te permite disfrutar. A minha vinda aqui, as minhas palavras, abrimos perarte a tua alma uma porta para o desconhecido. Queres transpô-la, transpô-la pela minha mão? Ofereço-me para te guiar no caminho. Damos esta noite o último espectáculo aqui, e partiremos amanhã. Como sou livre e a companhia se dissolve agora, para cada um dos artistas tomar o rumo que lhe aprouver, não se me dá acompanhar-te. Basta que arranjes com que nos mantermos a ambos por uns dias; depois, trabalharemos. Irás saber o que é a vida, irás saber o que é o amor.

E, voltando costas a Inácio, que a escutara como que atordoado, sumiu-se na escada, deixando no rastro um perfume inebriante.

A felicidade da Tia Leocádia ficou, portanto, suspensa de leve fio. Mas cem mil fios ella tivesse a segurá-la, que nem assim a deixaria de ver cair em terra, feita em estilhaços, desde que surgira a lançar-lhe mão aquela mulher de tanto poder sedutor, no momento em que essa felicidade, toda encerrada apenas no coração dum rapaz que tinha vinte anos, estava inteiramente à mercê da primeira mulher que a quisesse colher.

Obediente à lógica bárbara dos instintos, Inácio decidiu seguir a encantadora. Com a sua roupita melhor e o pecúlio coalhado durante anos metidos num saquitez, depois de ter sacudido da alma metade da timidez que lha carregava, foi, ao cair da tarde seguinte, quando já a noite começava de desprender do seu rear um ondeante véu de sombras, ter com a actriz ao cruzamento das estradas, onde tomaram ambos a diligência para a vila. Não se atrevendo a comunicar a sua resolução à mãe, nem sequer lhe dera um beijo de despedida. E nunca mais voltou.

Hoje, na dor com que a ausência e a ingratitude do filho a apunhalaram, a pobre doceira vive imersa em semi-idiotia. Nunca mais os gulosos daquelas redondezas tornaram a saborear um toucinho do céu ou um pão de ló saídos das suas privilegiadas mãos.

A sua garretilha e a sua masseira, as suas fôrmas e o seu rôlo madraçam de grande. E a velha acisma, scisma, noite e dia. No fundo da sua alma — o que é o coração das mães! — ainda espera o seu Inácio, quanto mais não seja à hora da morte, simplesmente para lhe perdoar!

As vezes um viandante qualquer, sentindo-se fatigado, pára e assenta-se na sua soleira. Ella, então, corre, ansiosa, a entre-abrir a porta. Julga que é elle que, enfim, voltou. Mas, certificada de que se iludira mais uma vez, logo se recolhe, com as lágrimas correndo-lhe pelas faces.

CÉSAR DE FRIAS.



A CIDADE DE ULISSES E DE POMBAL

UM CURIOSO TRABALHO TOPOGRÁFICO

Sé vera a fama, Lisboa deve a sua fundação a Ulisses, sábio príncipe da Itaca e feliz consorte daquela Penélope que todas as mulheres deviam ter como espelho.

Perdida, porém, essa origem nas brumas mitológicas, o que Lisboa melhor lembrará será decerto a sua reconstrução, após o terramoto de 1755, operada sob o mando de Sebastião José de Carvalho e Melo, o célebre Ministro de D. José, cujo carácter anda sujeito a controvérsias, apontando-o uns como espirito liberal, e outros como despota e vingativo. Uma coisa ou outra, não é isso que importa agora, porque o que Lisboa quer ver nele é simplesmente o homem que, mercê da sua férrea vontade e da sua pronta decisão, a arrancou do estado de ruínas em que a convertera o terrível cataclismo. A cidade, pelo seu esforço, foi levantada de novo, com as ruas obedecendo a um traçado geométrico e os edificios a um tipo architectónico talvez pesado, um tanto falho de elegância, mas, em compensação, sólido, para resistir à passagem de séculos. Um auxilio, pelo visto, faltou ao ousado Marquês: o de mestres-de-obras no género dos preclaros *gaioleiros* de hoje, inexcitáveis na arte de fazer casas ligeiras, de rápida construção e... ainda mais rápido derruimento!

Lisboa, portanto, tem basta razão para lembrar Pombal, o seu restaurador. E por isso lhe está erguendo um monumento no alto da Avenida da Liberdade. Mas quis ainda a sua edificação levar mais longe a homenagem devida ao grande Ministro do Estado, pelo que resolveu, a partir de este ano, dedicar-lhe o dia do feriado municipal, em vez de, como até aqui, o votar a Camões, o épico egrégio cuja comemoração passou a ser nacional, como é mais próprio.

Assente esse dia de Pombal em 13 de Maio, a Associação dos Arqueólogos Portugueses, semimto não presta em dar realce a tudo que inte-

resse a história lisiponense, quis colaborar também nos seus festejos, e fê-lo com bastante felicidade, pois promoveu no Museu do Carmo a exposição de um trabalho que muito interessa



a Lisboa e é, por vários motivos, bem-digno de apreço e menção.

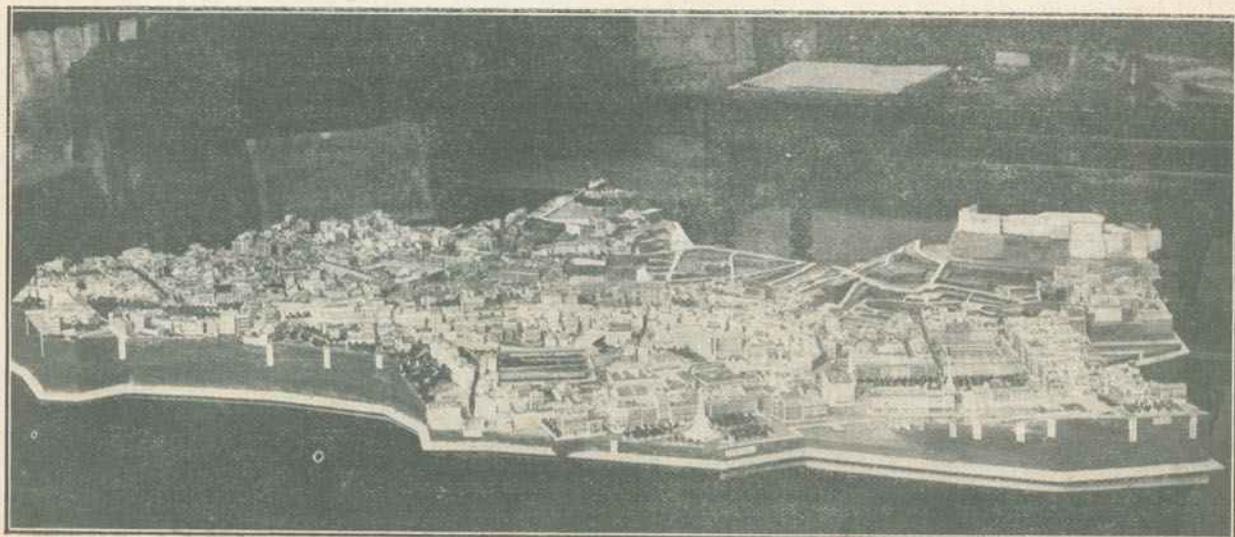
Trata-se de uma planta, ou, melhor, reprodução topográfica, em relevo executado sobre madeira, da parte da capital que vai do Monte e Castelo de S. Jorge, ao nascente, até ao Carmo e Praça dos Restauradores, ao poente, tendo

por limite sul a rua de Santa Justa, e a rua Gomes Freire e a Escola de Guerra ao norte. Isto é, uma área de 959,600m² ou coisa parecida.

Na escala de 1:100, e onde tudo, nas suas minúcias, aparece representado, desde os lácteos lampiões do Monumento dos Restauradores até, por exemplo, qualquer humilde água-furtada, lá para as bandas de S. Marta, onde uma linda bordadeira tenha a correr-lhe entre os dedos os fios de linho do seu ganha-pão, e na alma os fios de ouro dum sonho de amor, — tudo ali aparece miniatualmente retratado.

Obra de singular paciência e de escriptulosa exactidão, cabe agora dizer a quem é devida a sua autoria: ao sr. Luis Gaetano Pereira de Carvalho, um dos mais antigos construtores civis e 2.º comandante do Corpo de Salvação Pública (Bombeiros Municipais de Lisboa), aposentado. Como se vê, não é um anónimo, mas sim, pelo contrário, um verdadeiro benemérito da cidade, um autêntico bravo, cujo peito se constela de insignias honoríficas, como, entre muitas outras, as de Cavaleiro das Ordens Militares da Torre e Espada, de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, e de Cristo, para só citar as principais. Expondo a própria vida em favor do seu semelhante, num heroísmo que é o mais alto de todos, porque não mata mas salva, porque não faz derramar sangue, mas sim se empenha em poupá-lo, — tem elle tido marcada acção em todos os grandes incêndios ocorridos em Lisboa de algumas dezenas de anos para cá, como o da Madalena, em 1907, cuja lembrança nos confrange ainda, o da Manutenção Militar, o das Encomendas Postais, etc.

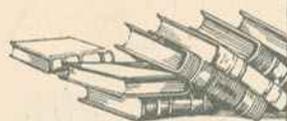
Com o trabalho a que aludimos, o amor que o sr. Luis C. Pereira de Carvalho há muito consagra à cidade de Ulisses e de Pombal alcançou ainda que sob aspecto muito diverso, novo testemunho.





MALHÔA—Festejando o S. Martinho

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



livros e Escritores



A nossa época, tantas vezes acusada de estabelecer de ânimo leve a sua escala de valores, conferindo pouco menos que a tôta titulos de nobreza, de quando em logo evidencia propósitos de se resgatar de a abastardante pecha que, não sem sérios fundamentos, lhe é atribuída. Pelo menos, certos actos e certas pessoas vão sendo colocados nos lugares de relevo que, a dentro dos respectivos campos, lhes competem.

Aconteceu já isso com Raúl Brandão, o mestre-prosador hoje a caminho da consagração devida ao seu alto talento, mas até há dois lustros ou menos conservando o seu nome numa atmosfera de obscuridade. Isto em Portugal, porque — estranho contraste! — enquanto aqui as escassas tiragens dos seus originaes jaziam adormecidas nas estantes dos editores, lá fora, na outra faixa da península e nas Américas latinas, esse nome rolava já então óvante, no frontispício dos muitos milheiros das traducções espanholas dalguns destes livros.

Tardiamente, embora, a justiça começa de ser feita também entre nós ao escritor insigne do *El-Rei Junot* e dos *Pobres*. Já a Academia o chamou a si, e já não há volume saldo da sua pena castiça e maga que permaneça ainda na primitiva estampa. *Os Pescadores* tiveram, especialmente, o condão de lhe escancarar diante dos passos a porta da popularidade, cujos batesantes são de ouro — ouço que, diga-se de passagem, bastas vezes a ferrugem ataca e mancha.

Agora mesmo obtiveram reedição os seus dois livros *A Farsa* e *Humus*, tão intimamente ligados no teor, e pertencentes ambos ao ciclo a que pertencem também as comoventes páginas dos *Pobres*.

Na *Farsa* Raúl Brandão curvou-se sobre a vida e extraiu de ella, do seu tumulto de lágrimas e de risos, de sublimidades e de misérias, quatro ou cinco figuras que a simbolizam no que ella tem de essencial e de eterno: a dor, a ternura e o sonho. A *Candidinha*, o *Anacleto dos caixões*, a *Cega*, — que figuras palpitantes de

nosco para tôda a parte, como visão de pesadêlo, quiçá como um vislumbre de remorso, pois a idea de nos caber também um tanto de culpa na rajada de tragédia que fustiga e torse aquele miserando sêr chega-nos a assaltar, tal o poder emocional do autor ao moldá-lo.

No *Humus*, mais subjectivo do que *A Farsa*, domina o dialogo de Raúl Brandão com o próprio eu, ou com os fantasmas que evoca, no obstinado intento de prescrutar o sentido da vida e o golfo de mistério para onde tudo, homens e coisas, quais insignificantes destroços dum naufrágio, corre a sumir-se. Quem se deixe ir com o grande escritor, quem o tome por guia na treva do sofrimento humano, bloco formidável de rocha onde o seu espirito, como incansável mineiro, escava profundas galerias, acabará sempre por encontrar, no fundo desse angustioso mundo de sombras, onde ecôam gritos lacinantes, onde se amalgamam loucas gargalhadas e trágicos soluços, um precioso veio de sonho, que irradia luz, que desprende de si idealidade e beleza.

Estão em plena voga as antologias, facto assás compreensível: o homem do nosso tempo não tem ócios e vagares para leituras demoradas. Sacudidamente, freneticamente, ambiciona, sim, conhecer tudo, não prescindindo de mergulhar a sua alma inquieta em tôdas as belezas que o mundo entesoura, mas, exige, a par, que lho proporcionem sem quebra do ritmo imposto à sua marcha. As sensações de muitas horas deve quintessenciá-las uma única; a flor deve estar no apogeo do viço e do aroma; o fruto deve ter atingido a apetitosa madurez. Por último, coloquem-lhos à beira do caminho, para que elle, passando lesto, tenha apenas de erguer a mão para os colher e saborear.

No campo das belas-lettras, as antologias servem às mil maravilhas este designio de síntese e intensidade: fornecem a nata da obra dum autor, apontando as suas feições mais características e patenteando o espectáculo das mais luzidas joias do seu génio. Certo é que a elaboração de tais trabalhos, com o escrúpulo e o bom-gosto atinentes à sua feitura, não é das coisas menos árduas e melindrosas; mas o que é indubitável é o seu proveito, o que é axiomático é o seu valor. Divulgam, ensinam, acuram o sentido estético.

Mais um volume desta natureza acaba de se desprender dos prêlos: as *Páginas Escolhidas*, de Afrânio Peixoto, forrageadas por elle próprio, a rôgo do seu editor. E este, por nossa fé o juramos, é ainda crêdor de mais carinho do que o geral desses trabalhos, por constituir o florilégio da obra notabilíssima, plurifacitada, scintilante e forte, dum dos maiores escritores brasileiros contemporâneos, dum dos mais elevados expoentes da cultura do Brasil moderno.

Nas *Páginas Escolhidas* toma-se bem o pulso, através de quasi quatrocentas páginas, a este admirável temperamento de artista, provido de erudição que abrange na sua periferia todos os ramos do conhecimento, desde a história à critica, desde a medicina ao fôro.

O dr. Afrânio Peixoto não é, com certeza, um desconhecido em Portugal. Mas duvidamos muito que a sua personalidade seja aqui estimada na sua exacta estatura, fora dos meios intellectuais. A verdade é esta: Portugal teima em desconhecer o Brasil e os seus valores mentais, alguns de pujança que só na uberidade magnifica do

solo americano encontra paralelo. Também, reciprocamente, o Brasil nos não conhece na completa medida das nossas virtudes. Pensando-se nisto, com irremediavel tristeza, avalia-se quanto é urgente que esta muralha de mútua ignorância, só por acção criminosa mantida entre dois irmãos, se derrube de vez. E para isso nada melhor do que permutarmos os nossos livros, por-



Afrânio Peixoto

que as literaturas são, como tantas vezes se tem dito, os mais fiéis retratos do génio dos povos a que pertencem.

Nas *Páginas Escolhidas* apparece-nos, em primeiro lugar, Afrânio Peixoto, o acadêmico eminente das duas Academias, a Brasileira de Letras e a das Ciências de Lisboa, como romancista ousado, de estilo seivoso e arguta profundidade psicológica, transmitindo-nos em muitas das suas belas páginas a visão da terra sertaneja, na epopéa do seu desbravamento. *Esfinje*, *Maria Bonita*, *Fruta do Mato*, *Bugrinha*, formam um quadrinómio representativo de fecundo e viril talento. Há, depois, uma série de parábolas, entre as quais domina *Judite*, onde há profusão de rútilas imagens. A esta parte do volume segue-se a das páginas brasileiras, estuantes de patriótico sentimento, e, antes da parte final, esta composta de crônicas e ensaios criticos, surge-nos então um galhardo feixe de páginas portuguesas, mais uma vez comprovando o cárido e sempre desperto amor pelas nossas coisas e pela nossa gente, pela nossa terra e pelas nossas letras.

Porque, leitores de Portugal, é essa a feição do labor de Afrânio Peixoto que mais nos deve penetrar no espirito: o seu lusitanismo fervoroso. Camoniologo dos mais distintos, *Os Lusitadas* e a figura do poeta egrégio que concebeu as formidáveis estâncias do poema eterno tem sido assuntos predilectos da sua pena, alcançando d'ele meritorios estudos de exegese.

O sr. dr. Agostinho de Campos prefacia este trabalho antológico, pondo nas suas palavras, de boa moldura a sinopse bio-bibliográfica de Afrânio Peixoto, um convicto acento admirativo. *Minha Terra e minha gente*, livro educativo, inspira-lhe os mais rendidos louvores. E, na verdade, difficil será apontar obra mais significativa e lisonjeira para nós, portugueses, do que esta: em quasi tôdas as suas páginas o génio colonizador dos nossos maiores é exaltado, orgulhando-se Afrânio Peixoto de a origem lusitana do seu Brasil.

C. DE F.



Raúl Brandão

verdade, sobretudo a primeira, com a sua ambição recalcada, o seu despeito rastejante, a espera da hora da desforra, a veemência do seu amor pelo filho!

Lida uma vez *A Farsa*, esse estranho vulto, em cuja alma se amassa o que há de mais vil com o que há de mais puro no mundo, difficilmente se nos descreva da lembrança, indo co-

UMA CARTA DE SANTA TERESA

Tem história esta carta. O último episódio é o da sua incorporação no Arquivo das Congregações, afirmada pelo Ministério da Justiça, dissimulada pelo director, desconhecida do pessoal. Uma lenda começou até a correr, em que se lhe atribua o valor fabuloso de duzentas mil pesetas, montante da quantia que por ela haviam oferecido de Espanha.

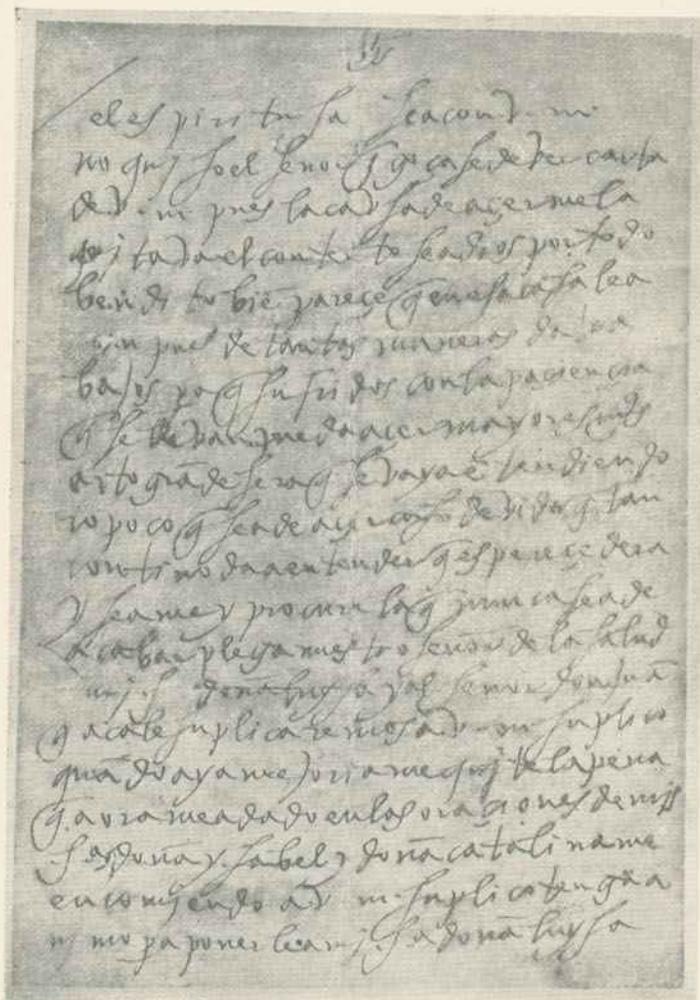
Após o falecimento do professor Borges Grainha, que instalou arquivo e museu, casualmente veio a descobrir-se a espécie rara. Afinal não

fôra sonogada, nem tampouco sepulta em esconderijo misterioso; mas onde estava encobria-a um disfarce tão cuidadosamente descuidado que bem traia a preocupação de quem ali a depositou. E essa preocupação para Borges Grainha, cioso da sua obra, fanático pelo enriquecimento das suas colecções, não podia ser senão esta: que o autógrafo precioso fôsse distraído dali em proveito de outro arquivo, oferecendo melhores títulos à sua posse.

A carta, segundo referência de fr. Pedro da



teresa de jesus.



O original mede 31 x 23

Jesus

El Espiritu Santo sea con v. M.

No quiso el Señor que gozase de ver carta de V. M. pues la causa de hacermela quitaba el contento. Sea Dios por todo bendito. Bien parece que en esa casa le aman, pues de tantas maneras dá trabajos para que sufridos con la paciencia que se llevan pueda hacer mayores mercedes. Harto grande será que se vaya entendiéndolo poco que se ha de hacer caso de vida que tan de continuo dá a entender que es perecedera, y se ame y procure la que nunca se ha de acabar. Plugue á Nuestro Señor dé salud a mi señora Doña Luisa y al señor Don Juan, que acá le suplicamos. A V. M. suplico (cuando haya mejoría) me quite la pena que ahora me ha dado. En las oraciones de mis señoras Doña Isabel y Doña Catalina me encomiendo. A V. M. suplico tenga ánimo para ponerla a mi señora Doña Luisa.

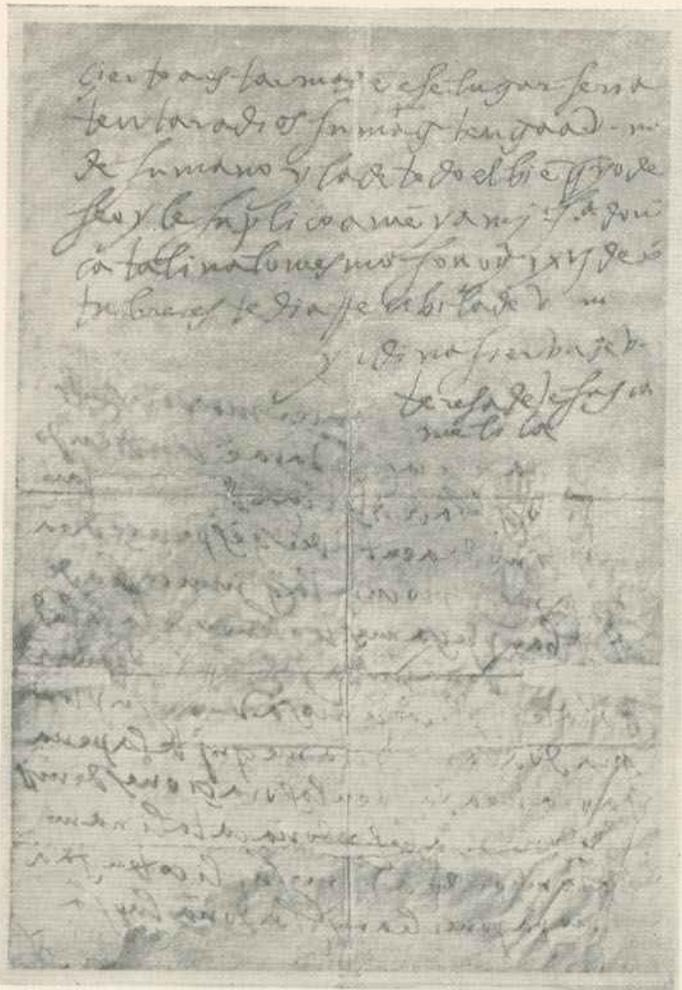
Anunciação, que anotou-e comentou a primeira colectânea de cartas de Santa Teresa vinda a lume, estava em posse das Carmelitas Descalças, de Lisboa, desde os fins do século XVII pelo menos, e fôra arrestada no Convento do Candeeiro, aos Olivais, a seguir à implantação da República. Figura no rol dos bens reclamados pelo governo de Espanha em nome de D. Tomasa Rocatallada, em religião soror Maria Tomásia de S. Joaquim, priora daquele Carmelo. Na memória, com efeito, apresentada ao tribunal de Haia, instância para que de mútuo acôrdo Portugal e Espanha interpuseram recurso, pode ler-se esta rubrica: *Un tableau à double cristal, renfermant une lettre autographe de S.^{te} Thérèse: par suite de sa grande valeur estimative ou réclame... 5.000*

Sendo o veredictum do tribunal arbitral contrário à parte reclamante, ficou em posse do estado português a carta e todos os bens da pequena comunidade. Daí o achar-se há obra de anos na casa do Quelhas, para onde a Comissão jurisdiccional dos bens das extintas congregações a remeteu.

Juntamente com a carta, existia no conventinho do Candeeiro a mão esquerda de santa Teresa conservada num relicário. Esta mão fôra amputada em 1593 pelo P.^o Jerónimo Graciano, quando nove meses depois de dado o corpo à sepultura em Alba de Tormes, o fôram encontrar intacto, apenas coberto duma leve babugem de bolor e, segundo a versão, escorrendo bálsamos perfumosos. Destinava-a o padre provincial às Irmãs de S. José, de Ávila. Com a disputa que se travou entre esta cidade e Alba de Tormes quanto a possuírem o despojo mortal de Teresa, veio o P.^o Graciano a doar-la às Carmelitas de Lisboa. A carta devia vir pelo mesmo conduto, mas do facto é omissa a Crónica da ordem.

Sabido é o particular afecto que o douto e austero fr. Jerónimo Graciano votava às *Fundações* de Portugal. Em Lisboa deu a lume a sua tão suave *Lampara encendida*, saindo a terceira parte da obrinha, da mesma forma que o *Stimulo de la propagacion de la fee*, dos próprios prelos do cláustro de S. Filipe, onde viria trabalhar a rôgo, no último quartel de quinhentos, o tipógrafo André Lobato.

A carta, cuja existência em Lisboa é assinalada desde o século XVII, devia trazê-la, pois, a mão generosa do P.^o Graciano, vigário



Cierto, a estar más en ese lugar sería tentar a Dios. Su Majestad tenga a V. M. de su mano, y le dé todo el bien que yo deseo y le suplico; a mi, y a mi señora Doña Catalina lo mismo. Es hoy 22 de Octubre. Este día recibí la de V. M.

*Indigna sierva de V. M.
Teresa de Jesús, carmelita.*

dos Carmelitas Descalços da Província de Portugal. Não se perdeu o autógrafo; o relicário, porém, quando os arroladores apareceram de lápis em punho a tomar conta dos haveres do Recolhimento, estava despojado da venerável reliquia. É de presumir que as religiosas, na fuga precipitada, não levassem outro espólio da terra que as bania.

Não tem nderêço a carta, mas pelas notas apenas à edição das obras de Santa Teresa, feita sob os auspícios de Fr. Diêgo de la Presentacion, Geral dos Carmelitas da Primitiva Obsrvância, sabe-se ser a destinatária D. Guiomar Pardo y Tavera, dama da primeira nobreza toledana, sobrinha de cardeal e primeiro inquisidor, e filha dos duques de la Cerda, senhores de Malagão. A duqueza, esta D. Luisa, a favor de quem na carta se supplica de Deus conformidade de ânimo, ocupa na vida apostólica de Teresa um lugar de primeira plana. Foi em casa dela, quando mandada pelo padre provincial de Avila a Toledo a consolá-la do nojo da viuvez, que escreveu o livro da sua vida e pôde mover altas influências para que Roma confirmasse a reforma dos Descalços. Ali, no meio do fausto e cercada de cortezãos que rendiam homenagem à sua virtude e à sua intelligen-

cia superior, conheceu a ilusão das grandezas e a vaidosa traça das convenções humanas. O quadro que na autobiografia traça do viver em palácio parece ter saído daquela pena acerada e levemente maliciosa que compôs o Criticon. "Di... — escreve ella — en lo poco que se ha de tener el señorío, y como mientras es mayor tiene mas cuidados y trabajos: y un cuidado de tener la compostura y conforme a su estado, que no lo dexa vivir, comer sin tiempo, ni concierto (porque ha de andar todo conforme al estado y no a las complexiones). Es así, quel de todo aborreci el desear ser señora; Dios me libre de mal compostura, aunque esta [a duqueza] con ser de las mas principales del reyno, creo ay pocas mas humildes, y de mucha llaneya. Yo la avia lastima... Pues con los criados es poco lo poco que ay que fiar. No se ha de hablar mas con uno que con otro, sino al que se favorece ha de ser el malquisto. Ello es una sujecion que una de las mentiras q̄ dije el mundo es llamar señores a las personas semejantes, no me parece son sino esclavos de mil cosas, etc. (LOS LIBROS DE LA MADRE SANTA TERESA — Lisboa, António Alvares, 1628).

Em Toledo concertou ainda a fundação do Convento de Malagão, oferecendo D. Luisa de la Cerda casa e rendas perpétuas. A duqueza guardou até o final grata memória daquela que foi a sua enfermeira desvelada na crise dolorosa da sua vida. A presente carta testemunha o affecto com que lhe correspondia a reformadora das Descalças. São próximos ou parentes dos duques de la Cerda as pessoas citadas.

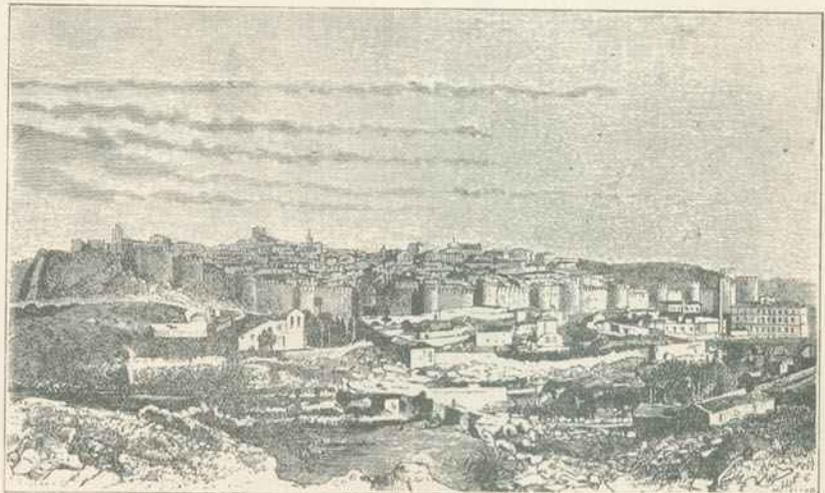
Mística, contemplativa, entregue aos negócios de Deus, de quem cria haver recebido mandato, Teresa não punha de parte os deveres da vida das relações. Mais duma vez nos aparece como diplomata consumada, e não raro discutindo palmo a palmo os interesses temporais da Ordem.

Nesta carta, Teresa alude aos trabalhos que acabrunham a nobre família, os quais são annuncios certos de que Deus está com ella. Poderia illustrar este conceito subtil, de certo modo, aquella fabuleta que se attribui a santo Ambrósio, também doutor da Igreja:

Chegando o santo com um companheiro de jornada a casa dum homem rico, e pedindo agasalho, perguntou:

- Então é feliz?
 - Felicissimo.
 - E remediado?
 - Tenho para vender, dar e estragar.
 - Nunca teve infortunio algum?
 - Está para ser o primeiro. Saúde de ferro, filhos submissos, fartura a rodos, sorte nunca me faltou, que mais posso desejar?
- Ouvindo isto o santo voltou-se para o companheiro e disse-lhe:
- Vamos desta casa, que mais nora menos hora cai sobre ella a ira do Senhor.
- Não tinham dado grandes passos, a casa sumia-se pela terra dentro.

AQUILINO RIBEIRO.



Avila

NO MUNDO FEMININO MULHERES DE HOJE

COMO as nossas silenciosas e timoratas avósinhas arredondariam os olhos, atontadas de espanto, se um capricho das leis evolutivas da Humanidade fôsse arrancá-las à quietude misteriosa em que as abandonou o rolar do tempo, para as colocar em face da mulher de hoje!

Como se recusariam a reconhecer nesta a herdeira dos seus princípios de recato, da sua tática submissão aos rígidos e estreitos preconceitos sociais que lhes coartavam avaramente toda a liberdade de acção, toda a veledade de

plos herdados só o que a sua razão, de acôrdo com as suas aspirações e o seu amor próprio, lhe aconselham a guardar. Não é já o ente tímido, falho de mentalidade e decisão, a quem o homem, do alto da sua superioridade comodista, empoleirado no seu egoísmo, concedia apenas o direito de amar o marido, cuidar dos filhos, olhar pela roupa e preparar a comida.

E quando ela não fosse capaz de mais complexas funções, devemos convir que o seu quinhão de responsabilidades não era já dos menos importantes.

Mas ela tinha a facilidade para mais, para muito mais, e bem desasombrosamente delas deu provas irrecusáveis.

Nas sciências, nas artes, nas letras, nas indústrias, no comércio, na política, na pedagogia, em todas as profissões, enfim, sem excepção das que lhe exigem invulgar audácia e sangue frio, em que a sua actividade pode desenvolver-se e a sua inteligência afirmar-se, a mulher tem demonstrado, nos últimos tempos, apreciáveis, por vezes mesmo, admiráveis, recursos de acção, inteligência e energia.

O perigo não a atemoriza, antes parece atraí-la. E assim vêmo-la dedicar-se às mais arriscadas ocupações, como por exemplo a aviação, que, depois do automobilismo, a apaixonou.

E não se julgue que a mulher aviadora, o é apenas por snobismo. Não. É perfeitamente integrada nos múltiplos e complicados conhecimentos técnicos e práticos da mecânica que ela se encarrega do seu motor, sabendo afiná-lo, experimentá-lo e conduzi-lo através os ares com pericia incontestável, conseguindo, a par do seu natural e constante competidor — o homem — vitórias retumbantes, credoras do aplauso público e das recompensas oficiais.

Na América, na Inglaterra e na França, existe hoje um considerável número de aviadoras, sendo justo destacar entre as d'êste último país três mulheres que, mercê da sua coragem e dos seus feitos arrojados, mereceram a classificação de *aves* na aviação francesa: Adrienne Bolland, Louise Faure Favier e Andrée Peyre, — cuja graça sorridente e gentil transparece na fotografia que reproduzimos, e que não obsteu, apesar de muito feminina, a que num recente *meeting* da aviação, realizado próximo de New-York, M.^{lle} Peyre alcançasse o mais clamoroso successo.

Mas ao seguirmos de perto o triunfo alcançado pelas mulheres de hoje, empenhadas em demonstrar que quando o ensejo ou a vocação surgem, dispõem realmente de largos recursos para vencer, assalta-nos o vago terror de a vermos desertar das suas funções naturais desdenhando a sua missão puramente feminina, abandonando por fim as ocupações do lar.

O perigo, porém, é na realidade menos grave do que se afigura ao primeiro exame. O sen-

timento da sua feminilidade, por muito que ela se encontre em conflito com o meio onde as circunstâncias a conduzem, subsiste sempre no espírito e na consciência da mulher. Pode aturdir-se um instante entre o fragor das forjas, o bater dos ferros, o arfar dos motores, o sibilar dos ventos; mas lá surge o momento em que se lembra das rendas, do conforto do lar, do sorriso do homem amado, quicá do carinho dos filhos. E é-lhe nostálgica da vida simples, des-cuidosa, serena, da sua casa onde ela é e será sempre, a soberana. Então, sem mesmo se aperceber de que obedece mais a uma necessidade instintiva, do que às exigências do equilíbrio doméstico, ela trocará alegremente a *chave de tubos* ou a *chave de porcas* pela agulha, e em vez de poisar as mãos delicadas no aro pulido do volante, escondê-las há com muito maior graça e propriedade, nas peugas do marido, carícias dos pontos que só ela sabe tecer, a exemplo do que faz a esposa do primeiro magistrado da América do Norte, Mrs. Calvin Coolidge, que apesar da sua alta situação social, não desdenha os humildes trabalhos domésticos que tanto contribuem para o estabelecimento da paz e da alegria no lar.

E que, afinal, a alma tímida, calma, tranquila, que existe oculta no fundo docemente iluminado de tôdas as psicologias femininas, por mais audaciosas e empreendedoras que se afirmem, propende naturalmente para as suaves e delicadas atenções caseiras; para o desempenho das funções que lhe foram de comêço traçadas pela Vida e pela Sociedade.

De resto ali, entregue ao seu tão depreciado labor, absorvida numa missão que se reflecte poderosamente no futuro, porque dela depende, em grande parte, a formação e a orientação dos caracteres confiados ao seu espirito educativo, a mulher contribui tanto ou mais para o



M.^{lle} Andrée Peyre afinando o motor do seu aéro, companheiro dilecto de aventuras e perigos



Mrs. Calvin Coolidge, esposa do actual presidente dos Estados Unidos da América do Norte cosendo as meias de seu marido

progresso social, como consagrando ao mais arrojados empreendimentos da sciência a sua coragem, a sua inteligência e o seu esforço.

Num campo, vence pela energia, no outro... pelo coração.

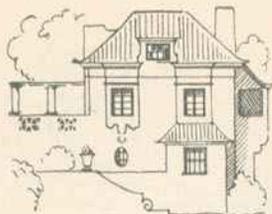
HELENA DE ARAÇÓ.

independência, até mesmo a dentro do lar, o templo magnífico onde elas pontificavam como sacerdotisas magnas da família!

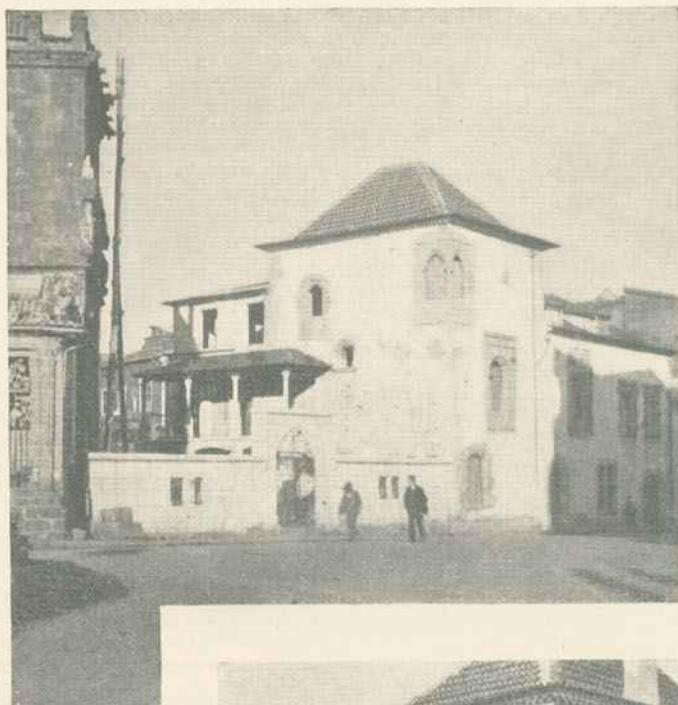
Em verdade, poderiam elas, as santas, as dóceis abelhas laboriosas de out'ora, cuja actividade se exercia exclusivamente no âmbito delimitado da maternidade e das apagadas funções domésticas, conceber que as filhas, as netas, criadas sob a influência da sua passiva renúncia à comunhão das regalias e conquistas do progresso, pelo homem reservadas ao homem, — o gigante do direito, da força e da independência, — se emancipariam um dia da tutela que as mantinha aquilutadas na crença da sua inferioridade intelectual e física?

Podiam lá admitir que a perpetuadora da sua missão calma e silenciosa, do seu apoucado mas sublime sacrificio, quebraria de motu próprio as cadeias férreas do convencionalismo estabelecido? Compreenderiam que ela, assumindo altivamente, consciente da razão que lhe assistia e do valor que representava, as responsabilidades inerentes ao seu gesto de rebelião, galgaria com denodo as fronteiras do lar, para ingressar na vida tumultuária e exaustiva do exterior, bem provida de coragem e de facilidades de acção, a cooperar com o homem, em todos os campos onde até então elle se encontrara só, na grande obra de civilização e progresso social?

Mas foi assim. A reacção tinha que sobrevir. E a mulher é hoje menos escrava dos antigos preceitos e teorias coibitivas, tomando dos exem-



A CASA PORTUGUESA

A CASA DOS
COIMBRAS

A PAR DA BEM CONHECIDA CAPELA DOS COIMBRAS, EM BRAGA, EXISTIA UMA LINDA CASA QUINHENTISTA QUE PERTENCIA AOS MESMOS SENHORES. CERTA VEREAÇÃO MUNICIPAL DE HÁ CÊRCA DE VINTE ANOS ORDENOU A DEMOLIÇÃO DESTA MORADIA A PRETEXTO DE «ALARGAR E EMBELEZAR O LOCAL». O SR. D. JOSÉ QUEIROZ DE LENCASTRE, DESCENDENTE DOS FUNDADORES E ACTUAL PROPRIETÁRIO DESTAS EDIFICAÇÕES, TEVE A FELIZ IDEA DE GUARDAR CUIDADOSAMENTE AS PRINCIPAIS CANTARIAS ORNAMENTADAS QUE FAZIAM PARTE DA CASA DEMOLIDA E MANDOU-AS APLICAR NA ACTUAL CONSTRUÇÃO QUE SE ESTÁ ERGUENDO NOU-TRO PONTO JUNTO DA CAPELA, ONDE É LÍCITO ESPERAR QUE FUTURAS VEREAÇÕES A DEIXEM PERMANECER

São da primitiva casa, mantendo aqui idêntica disposição, as 4 janelas do andar nobre e o vão arqueado e ornamentado do piso térreo. Toda a fachada, porém, que dá sobre o pátio de entrada, bem como a vedação deste e os restantes vãos, são obra moderna que se harmoniza com a parte antiga.

Quanto não ganhará em encanto este conjunto, desde que cada vão tenha seu caixilho próprio e que do pátio irrompa a indispensável mancha de verdura.

ARQUITECTO DA RECONSTRUÇÃO: J. C. VILLAÇA.



COLÓNIAS PORTUGUESAS

GUINÉ

É esta a mais velha e mais nova das nossas actuais colónias. Mais velha, pois é o que nos resta da costa da África ao norte do Equador, que já foi toda nossa e por onde se iniciaram as descobertas marítimas nacionais; mais nova, porque é aquela cuja

rosa e moço a pacificação desta nossa colónia.

Embora pequena, pois que tem apenas 36.000 k.², cêrca de 2 vezes e meia mais pequena que a área de Portugal continental, ou aproximadamente 34 vezes mais pequena que a nossa Província de Angola, é uma das nossas mais ricas e interessantes colónias, ficando apenas a 7 ou 8 dias de viagem de Lisboa.

Encravada em territórios da África Ocidental Francesa, é o que nos resta do nosso antigo poderio da Costa da Guiné.

Só em 1896, pelo tratado negociado com a França, se definiram os limites da Guiné, tendo nós, graças à inépcia ou falta de coragem dos delegados portugueses, perdido Zinguichor, magnífico porto na margem esquerda do rio Casamansa, que nunca devia ter deixado de ser a fronteira natural do norte da colónia.

Os terrenos da nossa Guiné são aluvionares e muito ricos, bastando olhar a sua carta para se ter a impressão de que estamos em presença do delta de um antigo grande rio que fenómenos geodinâmicos posteriores tivessem profundamente modificado.

Teria esse rio desaparecido mais ou menos completamente, ficando o delta; e na verdade todo o território compreendido entre os rios Casamansa e de Nuno, sulcado de vastos e inúmeros canais, na sua maior parte navegáveis, com o arquipélago de Bijagoz, assim faz pensar.

Comum terreno rico e profundo, água por todos os lados e um

clima acentuadamente tropical, é a nossa Guiné duma extraordinária riqueza natural, o que justifica a sua elevada densidade de população, pois que possui aproximadamente um milhão de habitantes, o que dá, para África, a verdadeiramente extraordinária densidade de 28 habitantes por k.². Densidade tanto mais significativa, como índice de riqueza natural e ainda da excelência dos nossos processos de política indígena, quanto é certo que a vizinha Guiné Francesa, que ao sul confina com a nossa tem apenas 8,11 habitantes por k.² e os restantes territórios franceses também nossos vizinhos, menos

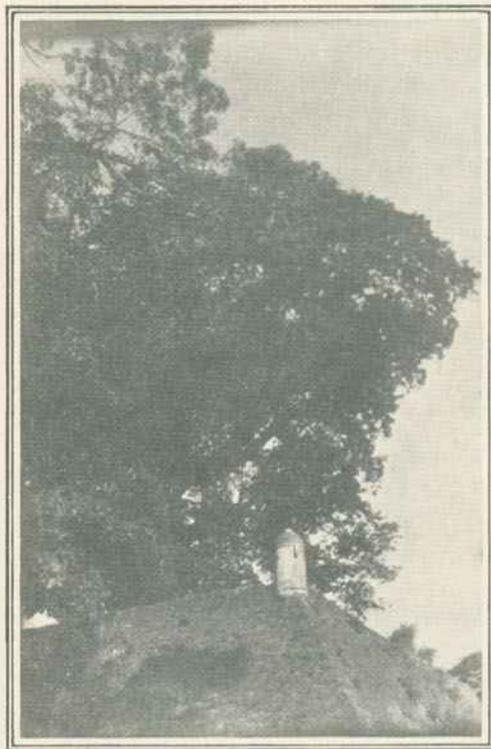
ainda. Imagine-se como decuplicaria o valor de Angola se em vez dos seus 3,6 habitantes por k.² tivesse 28 como a Guiné!

Ainda quanto a população, a Guiné oferece a curiosa particularidade de ser povoada por 15 raças diferentes, em caracteres étnicos, linguagem, costumes e aptidões, a saber: fulas (forros, pretos e futas), mandígas, balantas, manjacos, papeis, manchanas ou brames, bijagoz, biafadas, felupes, banhuns, cobeanos, nalus e sussos.

A nossa Guiné, situada exactamente a meio da distância que vai do Equador ao trópico de Cancer, tem um clima acentuadamente tropical, com duas épocas perfeitamente regulares e distintas, seis meses de seca, de Novembro a Maio, e seis de chuvas, de Maio a Outubro. A chuva caída anda à roda de 2.000^{mm} anuais, sendo de 27° G. a média anual das temperaturas, oscilando estas entre as médias de mínimas e de máximas, de 16 e 38° C.

Embora este clima seja excelente para o bom desenvolvimento de todas as culturas tropicais, não é contudo peor para a raça branca do que o de S. Tomé e Príncipe, costas de Angola e Moçambique e mesmo o da Índia, para a verificação do que basta comparar os dados meteorológicos de cada uma destas regiões.

Há na Guiné europeus, que vivem lá muitos anos, a grande maioria, sem outras doenças que umas ligeiras febres de onde em onde, o que não tem gravidade de maior dado o conhecimento que a medicina actualmente tem do pa-



Baluarte sul da histórica fortaleza de Bissau, acabada de construir em Julho de 1775. Foi a terceira fortaleza construída no memo local, tendo a segunda sido demolida em 1708 por ordem de D. João V



Um grupo de belezas... da Guiné, de raça mandinga, na região de Cuhor

difinitiva ocupação e desenvolvimento económico datam de mais fresca data.

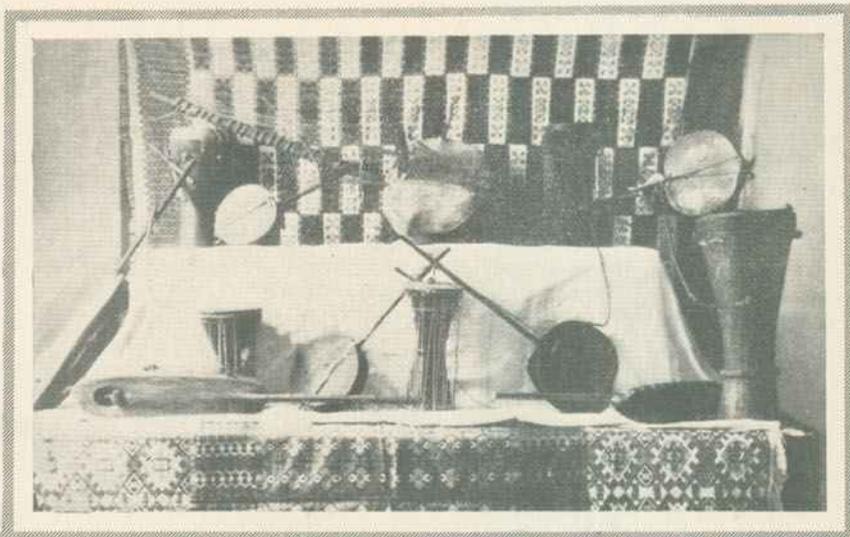
Foi a actual Guiné Portuguesa descoberta em 1446 por um esforçado e ilustre navegador, Nuno Tristão, da escola do Infante D. Henrique.

Foi o primeiro sangue que a Guiné nos custou, entre tanto outro que os portugueses por lá têm deixado, pois que tendo Nuno Tristão chegado ao rio Geba numa caravela, quando tentava desembarcar, atacaram-no os indígenas em 12 canoas, matando-o e a mais 19 companheiros, com frechas envenenadas. Depois destes muitos outros portugueses deram a vida à nossa obra colonizadora na Guiné, sendo o último o valente alferes Alonso Figueira, que em Mansabá, no último sério combate que tivemos, contra o famoso caudilho Abdul Injai, morreu heróicamente, selando com o seu sangue gene-

ludismo e da maneira de o combater. Vivem na Guiné muitas senhoras brancas e crianças, muitas das quais nascidas lá mesmo, constituindo por vezes belos exemplares como o que mostramos na fotografavura junta.

Nada mais injusto que a lenda, que é preciso desfazer, de que o clima da Guiné é o peor das nossas colónias.

Só em 1919 a Guiné ficou pacificada e, por conseguinte, só depois disso começaram a aparecer as primeiras tentativas da exploração agrícola em grande, feita por europeus, algumas das quais têm sobrado no meio de dificuldades de toda a ordem, restando ainda duas numa luta corajosa con-



Instrumentos musicos indigenas da Guiné



Grupo de empregados da S. Agricola do Gambiel, na Guiné, entre os quais se vê (X) F. Teixeira, que há cerca de um ano para lá foi deportado, mostrando-se socegado trabalhador

tra a falta de capitais, e outros embaraços, mas que graças ao inteligente e patriótico auxilio e encorajamento do actual governador e algumas entidades officiais, que vêem o desastre que seria para a colónia o seu desaparecimento, se vão desenvolvendo, devendo dentro de alguns anos constituir um verdadeiro titulo de glória para o esforço colonizador dos portugueses nesta colónia.

Ultimamente estabeleceu-se também uma empresa agricola alemã no arquipélago de Bijagoz.

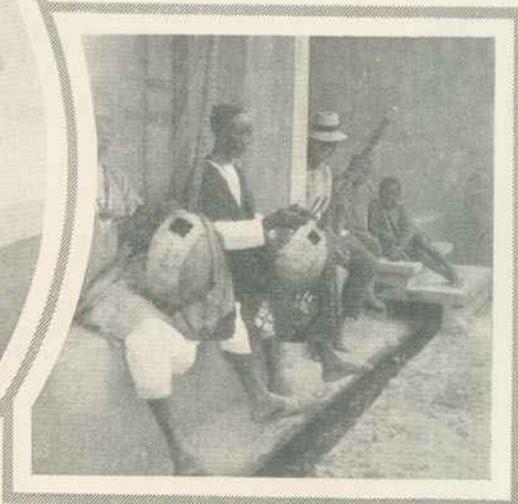
As principais exportações da Guiné são actualmente a mancarra e o coconote, que nos últimos 20 anos se tem desenvolvido extraordinariamente. Quando em 1901 a exportação da mancarra era apenas de 1.674 toneladas e a do coconote 3.150, em 1923 eram respectivamente de 16.317 e de 10.520 toneladas, cifras já excedidas.

São estes dois géneros produzidos pelos indigenas, que também produzem para exportação apreciáveis quantidades de couros e alguma borraça, produzindo ainda todo o arroz que na Guiné se consome, pois é a base da alimentação indigena, e que deve ser em quantidade superior a 60.000 toneladas.

Há 15 anos que o orçamento da Guiné apresenta saldo, sendo actualmente esta a única colónia que fecha as suas contas sem déficit.



Guiné—O sr. Jorge Garcia de Barros, administrador da Sociedade Agricola do Gambiel com sua Esposa e Filho, lá nascido



Músicos ambulantes tocando balafón em Bissau

O MORGADO DE MATEUS

EDITOR D' «OS LUSIADAS» (1)

CELEBROU a Sociedade de Estudos Camonianos do Rio de Janeiro o 4.º Centenário do Nascimento do Poeta, em 1924, com algumas empresas dignas de tão alta memória. Primeiro, a criação da cadeira desses estudos, a Camonologia, ciência e arte de humanismo, de patriotismo, de civismo, de história, geografia, etnografia, ética e estética, breviário de uma raça e sua fé de ofício nos fastos universais. Como se fez a Dante Alighieri, desde a Idade-média, como se cuida fazer a Victor Hugo, presentemente, está instituída, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, uma cadeira de Camões, confiada ao mais sábio dos camonianistas vivos, o sr. dr. José Maria Rodrigues. Depois, uma série de publicações, alusivas ao Poeta e à sua Epopéia: o *Dicionário d'Os Lusíadas*, a *Medicina d'Os Lusíadas*, a *Camonologia*, *Notas à margem d'Os Lusíadas*, a *Geografia d'Os Lusíadas*, finalmente, *Camões e o Brasil*, que ora se imprime em Portugal.

Em 1925 ocorria uma data camoniana, mais modesta, porém sensível ao nosso culto: foi o motivo desta leitura, que teve beneplácito de nossa douta associação.

«O dia é consagrado a insigne camonista, o mais ilustre dos editores d'Os Lusíadas».

Dom José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos nasceu no Porto, a 7 de maio de 1758, de nobilíssima família, donde veio o ser moço fidalgo, segundo o senhor de Ovelha de Marão, morgado de Mateus, e administrador de outros vínculos, alcaide-mór de Bragança, comendador da Ordem de Cristo, etc., além de postos diplomáticos que seus talentos e serviços arrangearam.

Fez bons estudos na Universidade de Coimbra, entrando depois para o exército, onde serviu até 1791, sendo, neste ano, nomeado ministro plenipotenciário de Portugal na Suécia, e, em

1795, na Dinamarca. Volveu à Pátria em 1799, casando-se com D. Teresa de Noronha, nobilíssima filha de Dom José de Noronha, de quem houve um filho, Dom Luís José de Villareal.

Exerceu missão diplomática ainda em Madrid, em Londres, em Berlim, indo finalmente servir na legação de Paris, em 1802. Ai, sendo já viuvo, casou-se, em segundas núpcias, com a Condessa de Flahaut, que, anos antes, conhe-

gal, adoptou o nome de Marquês de Sousa Botelho, e sua segunda mulher, o de Marquesa de Sousa, ou simplesmente Madame de Sousa, nome que viria a ilustrar com o seu talento, as suas publicações, e o encanto de grande dama do século XVIII, nos vários e perturbados regimes do comêço do XIX século.

Adelaide Maria Emília Filleul, nascida em Paris aos 14 de maio de 1761, era da média burguesia, que a orfandade havia de confiar a um convento, para educar-se. Ai, aos dezoito anos, formosos e prendados, a colheria o Conde de Flahaut de la Belharderie, para desposar a sua nobresa e sua posição, compensadoras de cinquenta e sete anos bem passados. Era o marido intendente dos jardins e dos gabinetes do Rei e habitava o Louvre; a posição e as seduções da Côte, não protegida pelo amor, levaram a esposa a não resistir ao jovem Talleyrand, então Abbade de Périgord, de quem houve um filho, Charles de Flahaut, ao qual a fortuna galante iria também sorrir.

Por isso, a-pesar da moral fácil da época, em que tudo era licito, guardadas apenas as aparências, que eram toda a virtude, seu cunhado, d'Angiviller, irmão de Flahaut e intendente dos palácios reais disserra dela, talvez consi-

derando a infracção à honra conjugal: «C'est une méchante femme...» Seria exigente e injusto. Ela tinha, disse uma grande artista e dama de sociedade, capaz de a julgar, um lindo porte, um rosto encantador, os olhos mais espirituais do mundo, e tanta amabilidade que um dos meus maiores prazeres era passar o serião em sua companhia» (Madame Vigée-Lebrun, *Souvenirs*, t. I, p. 272). Chénedollé, o poeta lamartiniano «avant la lettre», viria a dizer desses olhos: «ela os faz



D. JOSÉ MARIA DE SOUSA BOTELHO (MORGADO DE MATEUS)

Reprodução de uma gravura obsequiosamente cedida pelo sr. Conde de Mangualde

ceru em Hamburgo, entre nobres emigrados franceses, fugidos da grande Revolução.

Por intrigas da Chancelaria inglesa foi retirado de Paris e enviado ministro plenipotenciário em San-Petersburgo, em 1805; recusou-se a partir, e deu a sua demissão. Foi daí que se deu às letras, empreendeu a monumental edição d'Os Lusíadas (1817), traduziu para o vernáculo, e imprimiu, as *Cartas de Mariana de Alcoforado* (1824) e empreendia uma *História de Portugal*, quando veio a falecer, em Paris.

Nos meios diplomáticos europeus, o morgado de Mateus, como é mais conhecido em Portu-

(1) Leitura realizada na Sociedade de Estudos Camonianos do Rio de Janeiro, para celebrar o centenário de Sousa Botelho, em 1 de Junho de 1925.

de veludo quando quer, e faz pata de veludo com os olhos». Amável e agradável, assim, como resistir às seduções fáceis da mocidade, num tempo ainda mais fácil, embora, ou por isso mesmo, um velho e honrado marido?

Madame de Flahaut partiu para a Alemanha na companhia do filho menor, no começo da Revolução, que, pouco depois, lhe prendia o espólio. Conseguindo escapar-se da prisão, e já a salvo, sabe porém Flahaut que o seu advogado é preso, por culpado da evasão, e vai morrer por isso: comparece ao Tribunal revolucionário, para defender o inocente e, preso de novo, é guilhotinado, em 1793. Confiscados os seus bens, ficou na penúria a mulher, errante pelo estrangeiro: para viver, fez-se autora, publicando romances, que lhe deram, além de alguns meios, a celebridade. «Adèle de Senanges», Londres, 1794, depois «Emilie et Alphonse ou le danger de se livrer à ses premières impressions», Paris 1799, são dessa época.

Estava em Hamburgo, quando se avistou com Sousa Botelho, então ministro português na Prússia, e aí lhes nasceu a mútua simpatia que, aliada ao gosto comum das letras, mais tarde, os devia unir. Contaram as más línguas da época que estando adiantada a corte, ocorreu a chegada de Talleyrand, que vinha da América. Madame Flahaut intercedera por que se não demorasse, temendo viesse a prejudicá-la: um mês inteiro o pouco escrupuloso Bispo de Autun permanecera em Hamburgo, dando pretextos a maledicência. (G. J. Turquem, «Les femmes de l'emigration», Paris, 1911, t. I, pág. 327).

Talvez por isso, só mais tarde, em 1802, já ministro em Paris, Sousa Botelho e a célebre romancista, reintegrada na sociedade francesa, e na amizade influente de Madame Beauharnais, a onipotente Josefina, e de Madame Tallien, a bela Notre Dame de Thermidor, e outras e outras grandes damas do novo e velho regime, permitiu o mútuo gosto juntarem-se, em casamento, agora sob a égide diplomática de Talleyrand, cuja estrela começara o seu longo apogeu.

Madame de Sousa continuou a publicar romances, da mesma fama dos primeiros, «Charles et Marie», Paris, 1802, «Eugène Rothelin», Paris 1808, «Eugénie et Mathilde», Paris, 1811... e foi, sob o seu novo nome, uma notoriedade compensadora para o do marido, que lhe perdoara o passado, em troca do encanto e do agrado de sua pessoa e de suas maneiras. Diz muito bem um biógrafo: «O gosto que eles tinham pelas letras levou-os a se unirem, e esta união foi das mais felizes». Assim foi, de facto. Quando Sousa Botelho veio a faltar, o filho do seu primeiro casamento, o Conde de Vila Real, teve com a madrastra todas as atenções e todas as generosidades. É que as merecera.

Sante-Beuve, que a retratou literariamente nos seus magníficos «Portraits de femmes», disse dela e dos seus romances: «Aqueles que conheceram Madame de Sousa nela encontraram esse supremo senso das conveniências que tão bem ela pintou nos seus livros, e jamais essas palavras inúteis que ao acaso se ensaiam, como tanto se faz hoje em dia; um modo de exprimir-se claro e definido, um arranjo de pensamento simples e engenhoso, agudo sem pretensão, expressões que mau grado nosso perduram, alguma coisa enfim do que distinguiu o século xviii, de Fontenelle ao abade Morellet, com uma pontinha de sentimento peculiar às mulheres. Moralista dos meandros do coração, ela pouco acredita nos progressos de hoje, e poderia ser severa com as nossas ruidosas desordens,

se sua indulgência amável acaso pudesse ser severa» (Portraits de femmes», 1845, p. 59). (!)

Esse aticismo, feito de educação e de reserva, se traduz em muitos dos seus juízos, por exemplo, para citar um, neste, característico: «Os defeitos, de que nós gabamos, assemelham-se à fealdade enfeitada: exibem-se em toda sua extensão». E bem século xviii, sociedade fina, pulida, correcta, que se poderia moralmente simbolizar no dito de um dos seus, aquele mesmo Talleyrand: «Isto é mais que um crime, é uma falta...» Antes louco ou criminoso, que impudido ou inconveniente.

Poi esta a esposa, grande dama e dama de espírito, com que Sousa Botelho ornou a sua madureza e que lhe estendeu o nome a uma celebridade duradoura, de bom gosto e de belo espírito.

Charles de Flahaut, o filho de Talleyrand, o enteado de Sousa Botelho, esse teria fortuna nas armas, no Império, e bravo, e belo, e bem educado, seduziria a Hortensia de Beauharnais, rainha da Holanda por seu marido Luís Bonaparte, dando-lhe um filho, que viria a ser o duque de Morny, famoso homem público — em todos os sentidos — homem político, homem de negócios, homem de amor — no Segundo Império, graças ao seu colação Napoleão iii, que lhe reconhecia o sangue e as aptidões. Filho adúltero, não o pôde guardar a seduzida e sedutora Hortensia, e a avó, Madame de Sousa, foi a educadora do jovem Morny, que cresceu no lar de Sousa Botelho, à rua Verte, depois à rua de L'Évêque, em Paris, chorado por ela, quando lhe faltou, em 1825.

Não deixa de ter interesse e curiosidade este incidente de Sousa Botelho esposado a uma grande dama do século xviii, autora célebre e que havia de celebrar o nome dele na Europa e na literatura francesa, cujo filho, havido de Talleyrand, havia de ter, de uma rainha, enteada e cunhada de Napoleão, Hortensia, a filha de Josefina e mãe de Napoleão iii, um filho, dandy, don-juan, «brasseur d'affaires», condutor de homens, que viria a reger a festa do Segundo Império, com elegância e habilidade, o Morny, da esplêndida caricatura de Alphonse Daudet, seu secretário, no «Nabab», o autêntico Duque de Morny...

Um dos seus recentes biógrafos, de Morny, diz, de Sousa Botelho: «Este homem de bem, um tanto triste, foi o melhor marido; atencioso, pulido, e nada cioso de uma autoridade que aliás lhe não contestavam. Amava as letras, traduzia Camões em francês, e levava a delicadeza, talvez a virtude, até não se mostrar de modo algum cioso dos sucessos literários de sua mulher.

(!) Nos seus «Venuses», agora divulgados, diz Sainte Beuve: «...A Francesa, M.^{me} d'Arbigny, em «Gortima», é M.^{me} de Flahaut (M.^{me} de Sousa) que assim tudo arranjava, intrigas, casamentos, etc. M.^{me} de Flahaut esposaria talvez o Duque de Orleans (hoje rei, Luís Felipe); durante a emigração, na Suíça, esteve ele por ela apaixonado, mas lhe fizeram ver uma intriga duplice. Dizem que M. de Flahaut é de M. de Talleyrand; sua mãe o adora; ele é bem fátuo. A mãe deu-lhe por divisa que «o ofício dos homens é enganar; as mulheres que se defudam!!! Ele teve um filho da rainha Hortensia em 1813, quando ela gozava de mais liberdade: este filho (M. de Morny) é adorado por M.^{me} de Sousa, e por tolos; é como uma côrte. Nas memórias inéditas da rainha Hortensia, M. de Flahaut representa um papel de herói de romance, como M. de Guiso nas de Palatino: parecem-se eles. Mas, nas memórias da rainha não se diz palavra sobre o filho. A rainha Hortensia partiu grávida de Paris. Em Genebra ou Turim, creio, surpreendeu uma carta de M. de Flahaut a outra mulher e o romance acabou. (Mec cahiers, «Rev. des Deux Mondes», 15 Jan. 1926, p. 388-9.)

Seu próprio filho manteve até o fim os mais afectuosos sentimentos para com sua madrastra: tanto vale para significar a que ponto reinava a inteligência — em todos os sentidos da palavra — nesse perfeito casal» (M. Boulenger, «Le Duc de Morny» Paris, 1925, p. 69).

Retirado da vida pública, Sousa Botelho começou a pensar nos seus trabalhos literários. Este homem fino, de velha raça, educado em solares e côrtes, teve uma intuição literária perfeita, como se não fora mundano e fidalgo, diplomata e político, e apenas poeta ou crítico, homem de gosto e de arte.

Compreendeu que Portugal dera ao mundo duas universais obras primas, que transcendiam os limites nacionais, no tempo e no espaço. Uma, seriam essas cartas da freira portuguesa, Mariana de Alcoforado, escritas ao amante, esse vão Noel de Chamilly, que Saint Simon descreve já marçal, sempre tacanho, e a causar admiração tivesse provocado os mais belos gritos de paixão que já conservaram letras humanas.

Vertidas para o francês, — se não foram compostas nessa língua, como presumiu, com boas razões, o Conde de Sabugosa, — Portugal não possuía uma edição nacional dessa obra prima, que dera volta ao mundo sentimental, fazendo derramar muitas lágrimas e esgotar-se numerosas edições. Estas cartas de uma pobre mulher amorosa criaram um género literário; dizia-se no século xviii: «écrivéz-moi une portugaise», uma bela carta de amor, como as da freira infeliz. Esse património literário da Pátria cumpria-lhe tornasse. Sousa Botelho reuniu-as, numa edição, a um juízo crítico, em que das onze tradicionais prova que apenas cinco são as autênticas, e as traduz para o vernáculo.

Outra, e maior obra prima, que merecia a universal curiosidade, é o poema nacional, obra eterna do engenho humano, que celebra, não um herói, mas um povo, não uma peregrinação pelo Mediterrâneo fechado, como a «Odysseia» ou a «Eneida», mas um periplo pela Terra, ao Mar-Oceano, que, se mais fora, lá chegaram, os Portugueses, não para levar a guerra e a conquista, como na «Íliada» ou na «Jerusalém libertada», para louvar a Deus, na síntese simbolista do Mundo ou na obra de uma encarnação terrena, como a «Divina Comédia» ou a «Messiada», mas o Poema Moderno de Navegação, o «Paraíso achado», outros mundos que ao mundo vão mostrando, para a Indústria, o Comércio, a Paz, a Ciência, a Arte, a Natureza, esses *Os Lusíadas*, com que se inaugura uma época da história literária do mundo e que são a fé de ofício de um povo, nos fastos universais, que ele veio honrar.

Sousa Botelho, sabendo que o monumento literário principiara a corromper-se, desde a primeira edição, quiz evocar a reproduzir essa primeira, numa réplica, que fosse, materialmente, uma obra prima de arte tipográfica e iconográfica, honrando essa edição príncipe, quasi geralmente desconhecida.

Obtém o texto original e o reproduz piedosamente, graças à pericia do mestre impressor Firmin Didot, em tipos fundidos expressamente, nitidos e perfeitos, em grandes folhas em quarto de sumptuoso papel, encomendando estampas e gravuras a mestres pintores e gravadores, um dos quais tem o nome célebre de Fragonard, o filho do grande pintor, confiada a direcção artística da obra a outro célebre artista, Gérard, o pintor de M.^{me} Rêsamier, de Josefina e de Napoleão.

Dessa obra monumental faz uma restrita tiragem, reduzida a 210 exemplares, que não serão dados a comércio, e destinados apenas a soberanos, grandes homens, escolhidas bibliotecas; gasta com isso 51.152 francos, ou mais de 9 contos de réis fortes, da moeda da época, que valeria dez vezes a de hoje, e dá a Portugal e a seu Poeta uma majestosa edição dos seus versos, o Poema simbólico da nacionalidade, impresso e ilustrado como muito poucos livros da humanidade.

Não foi apenas obra fácil de Mecenas, protector de letras e artes, mas também de erudito e de sábio. Para mostrar como Sousa Botelho era consciente de seu assunto, basta apenas uma consideração. Louva D. Carolina Michaelis a Camões por ter escolhido, não um herói, fosse ele Achilles ou Enéas, Ulysses ou Vasco da Gama, ou Godofredo de Bulhões, para sujeito de um poema, mas alguém, mais digno e mais capaz, um Povo, o herói colectivo, segundo notara Wilhelm Storck. Pois bem, cincoenta anos antes do illustre camonista alemão, Sousa Botelho insiste que o herói d'Os Lusitadas é Portugal, são Os Lusitadas, os Lusitanos, «o peito illustre lusitano, a quem Neptuno e Marte obedeceram» (Canto 1, 3)...

Madame de Sousa nas suas interessantes cartas à Condessa d'Albany — aquela que desposára um pretendente ao trono da Escócia, Carlos Eduardo, conde d'Albany, e depois tivera a paixão de Alfieri, com quem casou, morto o primeiro marido, — cartas ora publicadas, revela como partilhara das penas e das alegrias de Sousa Botelho, a uma tal empresa:

«Peço-vos deis acolhida, em vossa biblioteca, ao livro que o sr. de Sousa imprimiu há pouco, e não há de ser posto à venda. É puramente uma homenagem que elle presta a seu pais, onde faltava ainda uma formosa edição do Poeta que tão brilhantemente cantou o descobrimento da Índia e os tempos gloriosos de Portugal... O nosso «Camões» só terá duzentos exemplares, que hão de ser enviados a todas as bibliotecas da Europa, e oferecidos a um pequeno número de amigos, capazes de apreciarem esta nobre e patriótica empresa. Enfim, havia cento e cincoenta anos que ninguém a tomava a si; e não creio que haja exemplo de um particular, não muito rico, que tenha feito tão bela edição, proibindo aliás a venda de um exemplar sequer. Encho-me de orgulho; julgo-me feliz; e todos os elogios que meu marido aqui recebe, a tal ponto me exaltam, que não tardarei a ter uma cabeça alta, e um porte de menina de quinze anos» (Carta de Outubro de 1817).

Diz oem essa missiva de harmonia de gostos e sentimentos do casal Sousa, e da nobreza da obra que empreendera o marido, e de que se ufana a esposa. Em 23 de novembro do mesmo ano, á mesma correspondentes, escreve M.^{me}, de Sousa:

«Acreditaí, querida amiga, que teríeis sido uma das primeiras pessoas em que eu e meu marido pensássemos para vos enviar uma obra, que em verdade teve o melhor êxito, por certo a mais bela que jámais saiu das impressas de França. Nem um só exemplar há-de vender-se. É uma espécie de monumento que meu marido quis erguer á sua pátria, e ao Poeta que tão altamente celebrou a época da glória portuguesa. Sómente fez tirar 200 exemplares; e, seja dito, entre nós, custou-lhe isto mais de sessenta mil francos. Tencionava dá-los a todas as bibliotecas e academias dos dois mundos e oferecê-los aos seus mais íntimos amigos ou a particulares que

tiverem belas livrarias... O sr. Sousa mandou um exemplar ao Rei (Luís XVIII), e ás principais bibliotecas de Paris. Sua Magestade aceitou o que lhe foi oferecido, e muito o admirou, mostrando-o por espaço de três dias a todas as pessoas da Côrte, confessando que ainda não tinha saído das impressas francesas coisa tão formosa. Eis aqui um verdadeiro triumpho, e tanto mais lisongeiro, quanto os senhores cortezãos o não esperavam!»

Em 21 de dezembro, torna ainda M.^{me} de Sousa á mesma amiga: «Grande satisfação tenho em que estejais contente com o nosso «Camões». No meu conceito, e sob o ponto de vista artistico a mais bela gravura é a de Toschi, de Parma. Se podesseis imaginar quantas lidas e despezas custou a meu marido, vai em cinco anos, esta empresa, haveríeis por certo de lhe dar ainda maior estimação. Quantas vezes não se demorou elle na officina do sr. Didot, cinco, seis e sete horas! Nem o compositor, nem o revisor sabiam a lingua portuguesa; de sorte que a obra foi impressa como se fôra um quadro de mosaico. Enfim, cheguei a recear que a saúde de meu marido corresse perigo. Não queremos gabar-nos do que despendeu, seria este capítulo uma «loucura séria», aos olhos dos homens frios, incapazes de sentir o extremo gozo de uma alma nobre e generosa, ao levantar um monumento ao cantor sublime das glórias de sua pátria... No que me respeita, nenhum merecimento me cabe, senão o de haver prometido a meu marido diminuir, quanto possível fôr, todas as despesas de casa, afim de que seu filho não ache de menos na sua fortuna aquella sôma, e seja resgatada pelas nossas economias, se vivermos ainda alguns anos.»

Isso faz honra, não só a Sousa Botelho, como a sua mulher, que assim concorreu, até com sacrificios, para esse monumento a Camões.

«Os Lusitadas, poema épico de Luis de Camões. Nova edição correcta, e dada a luz, por D. José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Mateus, Sócio da Academia Real das Sciências de Lisboa. Paris; na officina tipográfica de Fernin Didot, impressor do Rei e do Instituto MDCCGVII.»

Tal é o titulo. Compreende: Dedicatória a El-Rei (3 páginas numeradas); advertência (I a XLVIII); vida de Camões (XLIX a CXXX); o poema (I a 375); notas da advertência (377 a 397); notas da vida de Camões (398 a 413) e suplemento (415 a 424).

A direcção artistica ou iconográfica foi confiada ao célebre pintor, Barão Gérard, que desenhou, além disto, o retrato de Camões, em frente do rosto, gravura ornamentada pelo desenhador Visconti. Desenne, desenhou outro retrato do Poeta, na Gruta de Macau, e as estampas que precedem o I, o III e o IX cantos; Fragonnard Filho desenhou as gravuras dos II, IV, I, VI, VII, VIII e X cantos. Foram gravadores em cobre, os mais fumosos do tempo, Orstman e Lignon (duas gravuras cada um) e Richomme, Laurent, Bonivet, Massard, Forster, Pigeot, Forsell, Lacour (uma cada um), cabendo o Toschi a revisão de todas, retocando e dando o *placet* para a tiragem. Durand foi o impressor, e Mená o revisor.

Além dos dois retratos do Poeta, de Gérard e de Desenne, são assuntos das gravuras: «O Conselho dos Deuses» (I), «Visita do Rei de Melinde a Gama» (II), «Assassinio de Inês de Castro» (III), «Sonho d'El-Rei D. Manoel» (IV), «Adamastor» (V), «Venus aplaca os ventos»

(VI), «Desembarque do Gama em Calecut» (VII), «Segunda audiência do Samorim ao Gama» (VIII), «Ilha de Venus» (IX), «Audiência de D. Manoel ao Gama» (X). (Cf. de Juromenha, «Obras de Luis de Camões», vol. I, p. 373, etc.; Inocência e Brito Aranha, «Dic. Bibliog.» t. XIV, p. 111, etc.).

Desta preciosa edição, 11 exemplares vieram para o Brasil: para El-Rei, a Rainha, o Príncipe Real, a Princesa Viuva, Condessa de Linhares, João Paulo Bezerra, D. Francisco de Sousa, José Joaquim Carneiro, Manuel Jacinto, escrivão do Erário, Infanta D. Isabel, António de Saldanha da Gama. Alguns devem ter tornado a Portugal. Existem na Biblioteca Nacional 6 exemplares, sendo um o de El-Rei D. João VI, e outro o da Duquesa de Hamilton, adquirido na Europa, pelo camonista João Antonio Marques. Além destes, há um no Gabinete Português de Leitura, e, no que sei, dois particulares possuem exemplares, o dr. Paulo Tavares, e o prof. Simões Corrêa, que, em França, adquiriu, em leilão, o exemplar que coubera ao pintor Gérard.

No suplemento (p. 415 a 424), apenso a esta edição, diz Sousa Botelho: «depois de ter publicado a minha edição, a Biblioteca Real de Paris fez (em Alemanha) a aquisição de um exemplar de 1572, e com generosidade me foi facultado immediatamente. O meu prazer foi extremo vendo que esta edição era diversa das que possuo e em tudo conforme á da Biblioteca de Lisboa.»

Devera dizer «pezar». Com effeito, havia duas edições de 1572, e a mais conhecida, a que adoptou Sousa Botelho, que não parece a melhor, é a que se virá a demonstrar, muito mais tarde, que não é a primeira. Compára elle as duas, estabelece as variantes, e, em 1819, dois anos depois, publica uma segunda edição, pelo mesmo Didot, agora principal responsável, sem as gravuras, reduzido o porte, mas com as variantes das edições iniciais, as duas de 1572.

Este foi um desgosto, depois de tanto trabalho e tanto dispêndio. Peor que isto, trama irónica do destino, a dos homens, sempre maldosos, por inveja, incapazes de tolerarem a benevolência alheia; indiferença de muitos, frieza de outros, criticas acerbas algumas, e até insultos, punzaram a Sousa Botelho, pela sua obra e seus sacrificios. Não importa. Durante um século, todas as edições, ricas ou pobres, eruditas ou didáticas, incocavam, para sua autenticidade de texto, o texto da edição do Morgado de Mateus. Algumas das gravuras de outra edição monumental, de Biel, são da de Sousa Botelho, sem sequer menção da origem: uma... indelicadeza, e não um empréstimo; homenagem, contudo, silenciosa...

Bem era, pois, que, na celebração de mais um centenário do Nascimento do Poeta, pouco depois, no ano imediato, se não deixasse passar o centenário da morte de um lusitano que fez ao culto da Pátria tal suprema homenagem, a de um monumento impresso e ilustrado, como é essa edição do Morgado de Mateus, que nos deu textos autênticos, um século antes da gravura facsimilar, agora tão divulgada.

Sousa Botelho, esse benemérito camonista, faleceu há cem anos justos, a 1.º de Junho de 1825, em Paris. Que sua memória, aliada á do Poeta do nosso culto, seja sempre abençoada pelos camonianos!

AFRANIO PEIXOTO.
Da Academia Brasileira.



TEATRO



TEATRO DE FANTOCHES

Não sei se já repararam que as Crianças deliram por Teatro... Digo que não sei, pois através da espessa trama dos tantíssimos conceitos e teorias de Senhores Sábios de nomes assustadores — Pedagogos, Professores, Moralistas, Educadores, Puericultores, etc., etc., — cada vez mais difícil será enxergar com olhos limpos essa pura rês de luz que é a alma dum Criança. Tudo quanto pensam, dizem e escrevem aqueles odientos Ogres soleníssimos, carregados da mais fastidiosa e confusa sabedoria, obedece sempre a uma alta e mui nobre finalidade: Fazer das Crianças *homens e mulheres* — *Cidadãos e Cidadãs* — quer dizer: fazer das Crianças animais sem graça nenhuma!

E raro pensam, dizem ou escrevem coisa que tenha préstimo real e imediato para a vida das próprias Crianças.

Parece que para aqueles doutores, os pequenos só tem uma razão de ser: crescerem para ser homens! Quando, pelo contrário, a verdade é que só existe uma única explicação e desculpa para a existência dos homens sobre a Terra: é servirem para fazer Crianças.

O que a Gente grande tem, através dos séculos, feito sofrer a Gente miúda, dava para uma destas negras histórias que, estou certíssimo, deixaria a da Inquisição a perder de vista. A palmatoada bestial, carinhosamente substituída hoje pela bestialíssima regada, as orelhas de burro e exposição à janela da escola para a troça humilhante de quem passa na rua, os compêndios — oh! os compêndios! — e todos os estúpidos e grosseiros castigos e todos os prêmios ainda mais grosseiros e mais estúpidos com que se abate ou perverte a natural bondade, a altivez instintiva e instintivo desejo de saber, a Vontade sagrada e as mil e uma delicadezas das pobres pequeninas vítimas, a horrível arte com que imbecis, quanta vez chamados Mestres e quanta vez chamados Pais, vão infiltrando nas almas de milhões de desgraçados o veneno das suas próprias e ridículas vaidades, da inveja, da desconfiança, do ódio, do medo e da mentira — tudo isto, um dia, bem contado e bem explicado, creio que fará arripiar os cabelos a qualquer penitenciário da mais decidida vocação!

«De pequenino é que se torce o pepino» — diziam os velhos bandidos do meu tempo, — e na verdade, parece que plenamente realizaram sua grande máxima de hortelões saloios, haja em vista a *pepinreira* geral em que estamos vivendo... E o mais curioso é que toda esta admirável obra tem sido sempre posta em prática, com a mais *santa* das intenções: para que os pequenos sejam obedientes e cheios de juízo, para que tenham um futuro muito feliz — *para seu bem*... Pois que neste mundo delicioso, os mais vastos crimes, as mais brutas hecatombes, desde o Dilúvio Universal até a Grande Guerra, desde Saturno a devorar os filhos até aos senhores Mestres a ensinar meninos, tiveram sempre um alto propósito salutar, — religioso, político, humanitário. É consolador!

Sim, tudo para nosso bem, — para sermos homens! — nos disseram a todos nós quando eramos pequenos.

A infamíssima mentira!

Porque afinal nós agora já sabemos o que é isso de chegarmos a ser homens. Já somos. Já somos tão sábios como eles eram então, já penetrámos aquelas verdades misteriosas de que só eles, os velhos, tinham o segredo. Já sabemos que ser homem, é, simplesmente, esta coisa trágica: não ser Moço! — E ser doente no corpo e na alma, maus dentes, calvicie, mau estômago, mau fígado, todas as vísceras gastas ou avariadas, ridículos, manias, — nos mais grotescos

e felizes, as manias de serem ministros, bispos, governadores civis, — e as manias, e a dúvida, a amargura, a covardia no pensar, o egoísmo no sentir, a doença e a morte das pessoas amadas, cruces negras por toda a estrada da vida... E se algum lenitivo ainda nos é dado, consiste em recordar algum sorriso da infância, alguma brava loucura, feita por conta própria, na passada Juventude! Ser homem é uma dedada suja na Paisagem...

E foi para chegarmos a este encanto, que tanto nos martirizaram? Não era preciso, senhores sábios, não era preciso...

Na vida, assentemos nisto, senhores Mestres, há uma só coisa divina: a Infância! E há uma só coisa bela: a Juventude!

Tudo o mais...

E vejam V. Excelências, como palavra puxa palavra, a asneira puxa asneira, até aonde viermos ter, quando era de Teatro e só de Teatro que esta crônica queria falar!

Pois ia eu a dizer-lhes que por Teatro deliraram as crianças e que são actores e actrizes excelentes, imitando-nos e caricaturando-nos falas e gestos com graça inigualável, e, o que é melhor, representando pegadas da sua própria composição, sabendo como artista algum dar a mais intensa vida a uma boneca de trapos, e, um chitotito lhes basta e uns cordeis a servir de redeas, para transformarem uma simples cadeira derrubada no trotador do mais puro sangue. Qual de nós não fez, por este barato e cómodo processo, viagens maravilhosas, as viagens do Peet-Gint?... Quantas vezes desatrelámos junto às portas de Ouro dos mil Palácios da Ventura, atravessámos as cidades deslumbrantes de luz e alegria, onde jámais nos levariam nem levarão os Sleepings, e que, — ai de nós! — jámais encontrámos nem encontraremos na Vida!

Felizes aqueles que conservam esta cadeira-fuda, benditos aqueles que a mantêm através das dores e desastres das jornadas... Pois neste País que, como mulher de má nota ou Diogenes de maus costumes, anda sempre à procura dum *Homem*, os únicos homens admiráveis são só os que tiveram a suprema arte de, até ao fim da vida, se conservarem crianças.

Velha cadeira encantada que levou o sr. Renan até as terras da Judea, e logo atrás o sr. Eça de gorra com Raposos, Topsis e Alpeidrinas, fôste a mesma que arrastaste Flaubert até Carthago e o Astrologus Martins a sonhar e a delirar através da nossa História, que por montes e aldeias alentejanas transportas ainda hoje o sr. Gamacho mail a sua Gente Rústica, e, disfarçada no machito imortal do Malhadinhas, levás de garupa esse estranho e desembaraçado sr. Aquilino!

Estranha Bruxa, que vais por cima de toda a folha, companheira fiel da Lotcura de todos os Artistas, velha cadeira quasi divina cujo condão foi há milhentos anos descoberto pelo génio aventureiro das crianças, minha nau Catarina que tinhas madeira que chegou para todas as caravelas dos Bartolomeus e dos Gamas, tu que te alivaste das mãos do Vinci até as mãos de Sacadura e de Coutinho, que arrancaste sob a espada do Quixote contra todos os terríficos moinhos do Bom-Senso e do Mau-Gosto, e fôste com o Camões das barbas cor de sol mais alto que as estrelas — velha cadeira da minha infância tão distante, porque tão cedo, a mim, me abandonaste?

E aqui me deixas agora, exposto ao justo riso dos leitores, estatelado ao comprido de toda esta longa página que minha prosa empobreceu, sem forças sequer para bem dizer o meu recado, envergonhado e esquecido, — mais uma vez esquecido de que era enfim de Teatro e só de Teatro que lhes queria falar...

E de que Teatro, amigos meus! Do Teatro para Crianças, o mais belo, o mais decente e o mais inteligente teatro do mundo, em que são actores aqueles comediantes que melhor tem interpretado Aristófanos, Sofocles, Shakspeare e o Roberto do Diabo: o Teatro dos Fantoques!

Porque, senhores Pais e Mães de família, é preciso divertir as Crianças, fazê-las esquecer Mestres, conselhos, ralhos, livros e compêndios. Livros e compêndios que lá para o ano três mil, que é quando o mundo começará talvez a ser decente, serão expostos em Museus apropriados, ao lado dos punhais e venenos dos criminosos célebres, da guilhotina e das algemas, e dos instrumentos de suplício das Inquisições das cinco partes da Terra, com os nomes de seus autores em grandes dísticos ante os olhos arregalados da feliz petizada dêsse tempo!

Mesmo agora me calu um nas mãos, maravilha das maravilhas! Tem por título: *Como se aprende a redigir*. Seu autor é certamente um anjo. Anjo que adeja lá para as bandas de Setúbal, mesmo a beira do Bocage, que sobre o caso guardou silêncio profundo, porque é de bronze, é de bronze e tenho dito... Vai já na segunda edição o mirífico livrinho, e edição de grande tiragem para satisfazer os constantes pedidos que nos chegam de todo o país, dizem seus orgulhosos editores. Agora, sim, agora é que o País vai começar a escrever como se deve! Lá verás, leitor, como eu vi com estes que a terra ha-de comer, a prosa imortal de Acácio apresentada como modelo literário da Escola Realista. É «a Descrição de Coimbra», a famosa descrição com que o Eça fez rir umas poucas de gerações de rapazes, e que ali aparece agora para guia de bem compôr o estilo, ante os olhos dos pobres estudantes do liceu, e ante todos os que começam a exercitar a sua pena na arte de escrever», como lá se diz no prefácio.

Para que mais estaremos guardados? Como este País se está vingando bem dêsse terrível Eça e como isto dava um capítulo profundo sobre a inutilidade da Ironia!

Falta-me espaço para te apontar todos os tesouros daquela obra admirável, e melhor é, leitor, que o compres, e a ti mesmo te divirtas.

O que não devo esquecer é que aquilo veio da terra dos salmonões, da formosíssima Setúbal, da foz do Sado, ali ao pé da estrada do Outão, mil vezes mais bela que a Gornija de Marselha e do que todas as estradas da Costa Azul da França, branca estrada correndo entre veludos verdes de pinheirais e esmeraldas líquidas de pequeninas praias helénicas, hortezos rescedentes que descem até à fimbria alvissima da onda, — Mar amoroso, Mar lírico, Mar maravilhoso como em parte alguma assim o vereis, e onde os pagantíssimos olhos do Filho, molhados de lágrimas, viram surgir dentre as espumas, nua, a Vénus Aphrodita, *Mater amabilis* dos deuses e dos homens...

Sim, foi nestes sitios que Deus banhou de toda luz da sua graça, nesta paisagem melhor mestra de escritores que Cíceros e Vieira, que a bendita selecta nasceu para maior gloria de Acácio!

E pergunto eu: porque demónio será que nesta terra de revoluções, os rapazes dos sete aos dezoito anos de idade, capazes de pegarem em armas, não fazem uma valentíssima Revolução contra todos nós, pondo-nos aí a pão e lanterna?

Pois aqui lhes fica o conselho... e que venha depressa.

Sobre o Teatro dos Fantoques, já agora, para o próximo número...

FREI CARLOS.

ARTES E ARTISTAS

EXPOSIÇÃO DE OURIVARIA PORTUGUESA



Caravela em filigrana
(Ourives de Gondomar)

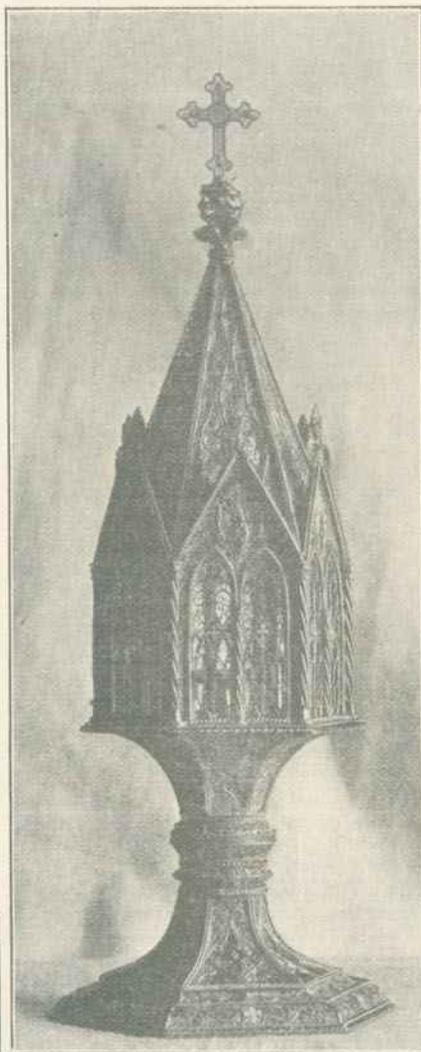


Cesto em filigrana
(Ourives de Gondomar)

A exposição dos ourives, patente na Associação Comercial de Lisboa, durante o segundo congresso da classe, foi orientada num sentido mais industrial do que propriamente artístico, mas não é isso motivo suficiente para deixar de dizer-se alguma coisa a seu respeito; tanto mais que ela representava um esforço aggregativo e propulsor, do qual se devem esperar bons resultados.

Em Portugal, é preciso, é, a bem dizer, urgente, bater êste campo das chamadas artes applicadas ou decorativas, visto que as normas pseudo-aristocráticas, que ainda se acatam por cá, na matéria, têm inconvenientes de vária ordem: o primeiro dos quais é o considerar-se o critério artistico incompatível com o destino comercial dos objectos, quando nada obsta a que as coisas negociáveis possuam o seu valor de arte.

Torna-se difficil, se não impossivel, assentar numa norma exacta, infalivel, para demarcar onde termina a arte e onde principia a industrialização. A pintura e a escultura são objecto de comércio, e hê objectos comerciais louvavelmente artisticos. Nem o facto da unicidade se pode invocar. Muitas peças únicas nada têm com a arte; certas reproduções mecânicas revelam carinhoso trata-



Relicário gótico em filigrana
(António Maria Ribeiro)

mento. Tudo se reduz a uma questão de sensibilidade, quanto ao apreciador; pois em arte, como em nenhuma outra esfera, influem os imponderáveis, os indefiníveis, as infinitésimas.

Numa exposição de ourivesaria, há sempre, a favorecer a nota artística, a quali-

dade da matéria-prima. O ouro e a prata não são só metais nobres ou ricos; são, com o bronze, os metais artisticos por excelência. Ajudam a quem os trabalha, e tratá-los mal, ou mal-empregá-los, é gravissima falta, como querer levá-los áquilo que elles não podem dar, aminguando-os na fancaria e na bugiganga.

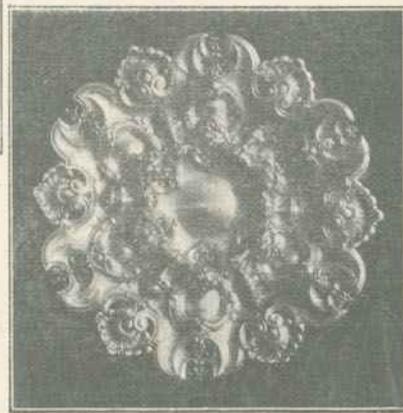
Na exposição das Portas de Santo Antão, a prata sobressaia abundantemente, mostrando-se o ouro avarissimamente, nestes tempos de carestia e proibições. Pratas brancas, pratas doiradas, pratas fôscas, batidas, buriladas, cinzeladas, fiadas, encanestradas, emmalhadas, cravejadas.

Começando pela arte graciosa, tradicional e humilde dos filigraneiros do norte, citarei, como lição de boa camaradagem, o mostruário colectivo dos ourives de Gondomar, onde o fio de prata, ao natural ou esmagado em chapa, se mostrava em toda a sua docilidade, quer nos tipos correntes de adôrnos leves, quer em finas rédes de bôlsas, quer nas cópias dos modêllos typicos da cestaria, como no cêsto da casa Domingos Martins Ferreira & Filhos, aqui reproduzido.

À arte da filigrana, guindada a um tom mais alto, pertencia também uma das peças mais lindas da exposição: o relicário,



Salva dos Cardos
(António Maria Ribeiro)



Salva D. João V
(Raúl Pereira & C.ª)

estilo gótico, em fio dourado e esmalte, planeado por António Maria Ribeiro, e executado, em Valbom, por Joaquim António de Magalhães & Filho. Joia delicada e primorosa; verdadeiro achado pelas proporções e graciosidade das linhas, digno de um museu da especialidade!

Registável ainda a fina teia das filigranas douradas da Joalheria do Carmo, empregadas em guarda-joias e bocetas, com aplicações de esmalte.

Passando à prata lavrada, é de justiça mencionar em primeiro lugar a casa Leitão & Irmão, que tem sido uma grande escola de ourives. Ela, só por si, poderia constituir, como já tem feito, toda uma exposição valiosa. Desta vez, cingindo-se à sua habitual distinção, inimiga da publicidade, limitou-se a uma discreta acção de presença, aproveitando o ensejo para prestar homenagem ao mais velho dos seus colaboradores, o cinzelador Augusto Luís de Sousa, septuagenário, de quem se mostram um belo cofre e uma caneca, de carranca, D. João V.

Como no mobiliário, esse estilo joanino é hoje dominante na ourivesaria portuguesa, que raro se abalança, por falta de criadores, à descoberta de novos motivos, vivendo agarrada à tradição, que se nos afigura fecundamente aproveitável, mas, ao lado de cuja gloriosa suntuosidade, se sente a ausência das tentativas, moças e inquietas, de renovação. Não basta repetir, mesmo maravilhosamente. Convém bus-

Do mesmo artista havia uma estatueta de Afonso de Albuquerque, montada em mármore negro de Sintra, e uma banqueta completa de altar, com seu tabernáculo, românico-bisantino, em pau santo incrustado.

A Joalheria do Carmo, de Raul Pereira & C.ª, era das que se apresentavam melhor, em vários géneros. Magnífica a cinzeladura, semi-oriental, numa fruteira e algumas caixas. Feliz o aproveitamento dos caramujos dos antigos lenços de Alcobaça na base rendilhada dum par de candelabros de cinco velas. Dignos de menção um broche de brilhantes de estilo antigo, as salvas D. João V, e o serviço de chá, bem como os trabalhos em filigrana, já referidos.

O escultor João Silva trouxe a colecção das suas placas e medalhas de santos nacionais e estrangeiros: Santo António, a Rainha Santa, a Virgem do Pilar, etc. A execução dos cunhos

cimento & Pinto, entre os quais a caneca D. João V dum cinzelador de dezanove anos, a vitrina de Raul Mendonça, com as experiências de esmaltes de Limoges, de Artur Lobo de Avila,



Cofre das andorinhas
(Raul Pereira & C.ª)



Candelabro
(Raul Pereira & C.ª)

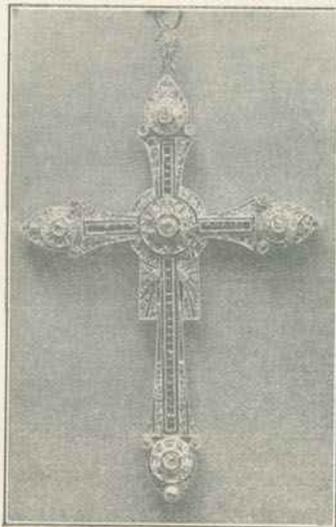
e algumas joias, estilo antigo, de Barreto & Gonçalves, bem como as reduções de móveis, em madeira e prata, e os emmalhetados de W. A. Sarmento, julgamos poder dar por finda, sem omissão ou injustiça de maior, a nossa tarefa de anotadores da actualidade artistica.

Muito teriamos a escrever, se outro fosse o nosso intuito, sobre a que entendemos dever ser orientação preferível em certames deste jaez.

Organizada com evidente precipitação, a Exposição da Ourivesaria Portuguesa limitava-se, salvas as excepções apontadas, aos tipos correntes do fabrico, para assim dizer, usual; sem que os vários expositores tivessem cuidado, em especial, de preparar os seus mostruários.

Em todo o caso, mesmo assim improvisada, a exposição afirmava as excelentes qualidades técnicas de alguns artistas, que pena é não se mostrassem dispostos a tentar, ainda que a título de experiências modestas, novos caminhos, fora da rotina.

MANOEL DE SOUSA PINTO.



Cruz
(Ferreira Tomé)

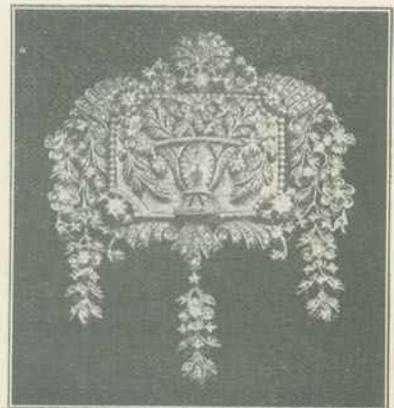
car, inovar, ser do tempo. Mas deixemo-nos de considerações genéricas, talvez importunas!

Entre as grandes salvas e pratos trabalhados, salientavam-se algumas do esplendido lavrante, que é o já citado António Maria Ribeiro, um discípulo de Leitão & Irmão: a Gabraliana, alusiva ao descobrimento do Brasil, a dos Cardos, a dos Pavões, e outra com a rosácea de S. Francisco, do Porto.

nem sempre favoreceu os modelos do artista, cuja *Mater dolorosa* nos pareceu das mais cuidadas.

Cabe a vez de aludirmos ao sr. Ferreira Tomé, que tem sido a alma e o braço desta árdua empresa de coordenação de esforços da sua classe, para maiores empreendimentos. Como organizador e propagandista, tem-se revelado incansável. Como industrial, são muito apreciáveis alguns dos seus trabalhos. A cruz, a que chamou Fé, Esperança e Caridade, inspira-se num simbolismo que careceria de maior evidência.

Claro está que, neste breve artigo, não nos propusemos fazer um catálogo dos expositores. Mencionando os trabalhos em prata de Nus-



Broche de brilhantes
(Raul Pereira & C.ª)

CABOUCOS DO PORTUGAL MELHOR

O JORNAL QUE NOS FALTA

PORTUGAL é país pequeno de mais para encolher-se na contemplação de si próprio. Inglaterra, França ou Alemanha, pela sua massa geo- ou demográfica, como pelo forte sôpo da sua energia pensante, teem pêsso ou dão impulso com que verquem por vezes o mundo a seu jeito, e é-lhes licito, portanto, ignorarem o mundo. Mas em regra não o fazem, antes possuem observatórios potentes, mirantes de longo alcance, donde vêem o que se passa fora delas, e microscópios ou laboratórios que tudo isso esmiúçam ou dissecam, espremendo-lhe o oportuno ensinamento.

Nós, não. Fatia de terra à beira-mar cortada, fez-nos a História cosmopolita de nascença; cosmopolitas fomos, emquanto não degeneráramos; e, como tais, pressentimos um dia que a Europa abafava no velho mundo e precisava alargá-lo. Nesse dia interpretámos a Europa, alargámos o mundo, e soubemos ser grandes.

Hoje, sonâmbulos, fúteis e incultos, vivemos, sem curiosidade nem higiene, de janelas fechadas e cortinas corridas. Encerrados na casa estreita, dançamos ou bulhamos uns com outros; e pelas frestas que ainda restam abertas não entra o ar que vivifica — a lufada grande impregnada de ideias, o tufão das correntes idealistas, morais ou filosóficas, o despejoamento e limpeza das nossas teias de aranha pelos factos ou feitos decisivos, que verdadeiramente fazem, estão fazendo e farão o futuro. Um mundo se varre e outro se forma à nossa volta; e entretanto, através dos nossos postiguinhos, só nos chega da atmosfera exterior um foguetório de encantar velhos pacóvios, caixeiros radicais e varinas ricas: cataclismos, assassínios, escândalos, grandes incêndios, revoluções de faca e algarida, figurinos, modas, e casamentos ou divórcios de pêssegas cinematográficas.

Lá de quando em quando, algum palhaço literário conta-nos o que viu e congeminou no Cairo, em Malta, Nazaré ou Egipto, sem que as suas piraetas nos deixem mais adiantados do que ele. Pululam as revistas, revistas e revistas arqueológicas, literárias, poéticas ou políticas; mas faltam-nos informadores suficientes, desinteressados e leais da acção externa e do pensamento alheio, que-não contrabandistas facciosos do que lhes convém impingir-nos como importante, grande e último, segundo o almirante das suas iludidas e illusórias filarmónicas.

Daqui vem que os lusos governantes, ainda os menos péssimos, assim como as nossos oposições, e até as mais doutrinárias e sinceras, consideram a pátria como ilha posta no vácuo, vivem a modo de entaipados para cá das realidades, e dão-nos a impressão aditiva de sarabandas de sombras dançando a toque de um piano cujo som se não ouve...

Não nos podem bastar as grandes gazetas que temos: — as que encham a primeira página com a sega-rega sempre igual dos congressos políticos, a novelesca titilação de horrendos crimes e roubos atrevidos, ou com a exploração dos concursos quebra-cabeças para cabeças inquebráveis. Cresçam e floresçam, se assim é preciso, êsses paradigmas da incultura da multidão, palha do pobre gado que não aboca pasto

mais fino; mas venha algum dia o papel informador para gente branca, em que o bipede autêntico, embora razoavel e modesto, não veja insulto diário à dignidade do seu cérebro.

Venha o órgão de informação norteadora, sabedor, capaz de síntese, filtro do pormenor inútil, que nos livre de coscuvilhices, bugigangas; elogios aos génios domésticos, vigários políticos da direita em sôbia e prudente simetria com vigários políticos da esquerda. Venha a fôlha em que se possa seguir, sem assinar o *Times*, o *Temps*, o *Journal de Genève* ou *El Sol*, o que vai pelo mundo e não consta de um serviço de informação telégrafo-pelintra, relegado para o sagueão da letra mais miúda.

A lei jornalística de *prêto quer faya, faya a prêto*, pode ser altamente comercial e industrial, mas não altamente jornalística. Alto jornalismo é aquele que além de vender, educa; e levanta, em vez de agachar-se. Países mais pequenos do que nós, como a Suíça e a Bélgica, sustentam diários com que muito se aprende, e que de-certo seriam mais ricos, se quisessem fazer-se mais reais. Bem sei que temos uma lingua menos comprida que a francesa, cuja ponta pode dar a volta ao mundo; sabemos todos que os melhores jornais europeus e americanos são mais empresas do que templos, e que nas suas administrações há muitos escritórios e cofres-fortes, e nem meia sacristia ou altar. Daí resulta que a fundação de um diário europeu em Portugal, com seu ideal de cultura bem sincero e bem firme, não será negócio, senão trabalho cívico.

Aliás temos de-certo, já a esta hora, numeroso público a quem servir um jornal que comprima em duas ou três colunas o noticiário de bisbilhotice pessoal, policial, burocrática, provincial ou política; que se abstenha da literatura fraldiqueira desenvolvida *pari passu* com o incremento de lupanares e batotas; e dê toda a atenção e amplitude à grande informação cultural, serena, imparcial e objectiva. Ai os nossos bons artistas, poetas, eruditos, cientistas, conferencistas, etc. ver-se-iam mais aquinhoados, na distribuição de espaço, do que os nossos assassinos, gatunos, desfalcadores, moedeiros-falsos, simples vândos ou ilustres chefes de partido; mas a atenção dispensada aos representantes da intelectualidade nacional versaria impessoalmente as suas obras, trabalhos e teses, reproduzidas, extratadas, explicadas apenas, ou comentadas também, sem tempêro amantegado e rançoso dos adjectivos «eminente» e «genial». Viriam aí reduzidas as crónicas parlamentares e partidárias ao registo sumário e resignado das asneiras ou patifarias maiores; e lá de fora interessaria tratar não só a politica, os desastres e o cinema, mas sobretudo a civilização, a educação, as iniciativas e progressos morais, os exemplos e modelos de civismo, as grandes correntes idealistas, as novas tendências sociais, pedagógicas ou filosóficas, que estão afeioando o novo mundo em que teremos de viver e a que precisamos de adaptar-nos. Esse jornal falar-nos-ia pouco ou nada de Mary Pickford, Charlie Chaplin ou Douglas Haig, surdo-mudos insignes, e o mais possivel de Joice, T. S. Eliot, Keyserling, Tagore, Ghandi, Decrolly e outros pensadores, apóstolos,

pedagogos ou santos, que falam e é preciso ouvir, porque dezenas e dezenas de milhões de homens os escutam na Europa, na Ásia e na América, e mudam de alma sob o influxo das suas ideias, exemplos ou doutrinas, e vão concertando um futuro que já em parte é presente, do qual nós aqui não suspeitamos nem a direcção nem o alcance. Esse jornal lembrar-se-ia assiduamente de que Portugal reside não só na Europa, mas também na Península, e seguiria atento os progressos que a Espanha está fazendo na economia, na mecânica, na sciência, na educação e no civismo, detal jeito que, se ela e nós continuamos cada um como vai, uma para diante e outro para baixo, seus vassallos teremos de ser outra vez fatalmente, por mais postas de Aljubarrota que se deitem pela bôca fora todos os 1.^o de Dezembro.

Só os cegos não vêem que há em Portugal clientela bastante para uma publicação assim, e elementos intelectuais com que compreendê-la. E não é preciso filosofar muito para concluir que o nosso actual nacionalismo, necessário e louvável embora, tem de buscar equilíbrio sensato na observação e no estudo das tendências e ansiedades forasteiras.

E o dinheiro?... Lá vamos:

De há dez anos ou doze para cá, êsse *dio del oro, del mundo signore*, tem aprendido tantos passos novos de dança, que já se não sente tão bem como de antes no fundo das burgas, nem no calor do seio das famílias. De deus penate há-de promover-se a deus cívico, passado êste estádio maluco, em que o vemos funcionar com o divindade caída, e posta ao serviço do Diábo.

O dinheiro vai compreendendo à sua própria custa que não é prazer, mas dever. E se é certo que foi lá muito longe que um Rockefeller disse: *Tempo virá em que se entenda que o homem que morre na opulência morre na desonra* — já aqui se viu em anos recentes a nova maravilha, inédita e inaudita em Portugal: o homem que morreu abastado, mas deixou os seus dez mil contos para fundação de um instituto científico onde já a esta hora se trabalha e produz.

Os exemplos inteligentes e patrióticos dos beneméritos Bento da Rocha Cabral, fundador do Instituto que tem o seu nome, e Zeferino de Oliveira, instituidor da cadeira de Estudos Camonianos, indicam sentido novo do civismo, combinado com as possibilidades da riqueza e as verdadeiras urgências da cultura nacional.

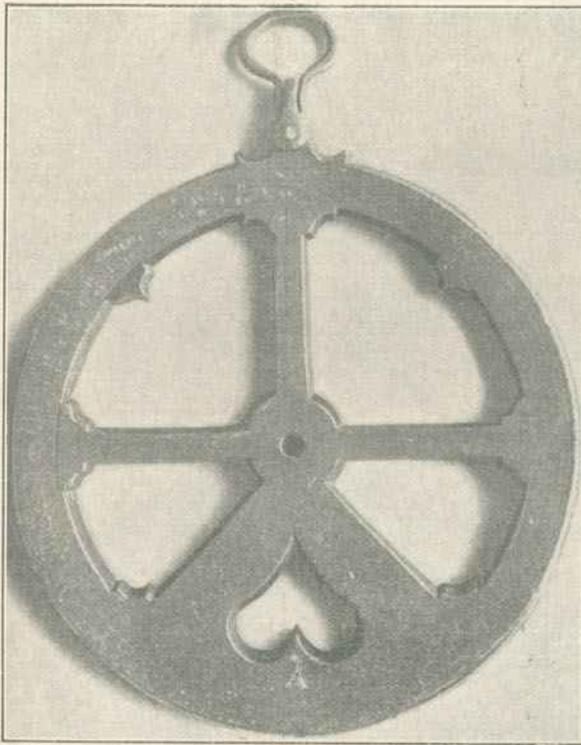
Algum dia aparecerá (e até talvez sem desaparecer) quem torne possivel entre nós a existência da publicação assídua que, bem solta de mercantes e politicantes, possa constituir uma opinião pública informada, culta e idealista. Algum dia será obra o que hoje não passa de imaginação, e se há-de ver que a dificuldade está mais dentro, do que fora de nós. Porque, como disse o eloquente Vieira, «as obras e as imaginações dos homens não teem mais diferença que serem umas por dentro, outras por fora; as obras são imaginações por fora, as imaginações são obras por dentro; e se são menos as obras que as imaginações, não é pela diferença, senão pela dificuldade...»

AGOSTINHO DE CAMPOS.



UM ASTROLÁBIO NÁUTICO DO SÉCULO XVI

ANDANDO Mr. Donald Cowie, em Dezembro de 1903, a dirigir a dragagem do porto de Vera Cruz, no México, sucedeu que numa das bombas de aspiração da areia subiu um disco de bronze que felizmente se apanhou e guardou, estando hoje na posse do R. T. Gunther, da Universidade de Oxford. O precioso achado é a roda de um astrolábio



Roda de um astrolábio náutico do século XVI

náutico do século XVI, que ainda conserva o anel de suspensão, tendo porém perdido a alidade, chamada *medeclina*, que sobre a graduação marcava a altura do sol. Tem de diâmetro quasi dois decímetros (184 milímetros) e pesa aproximadamente dois quilos (1887 gramas). Só um dos quadrantes é dividido nos noventa graus, como se vê na fotogravura junta, mas com uma graduação dupla: correndo a mais interior de baixo para cima, desde o a 90, para medir as alturas; descendo a exterior, de a 90, para medir distâncias zenitais. É de notar como de dois modos se faz baixar o centro

de gravidade do instrumento, para aumentar a sua estabilidade quando suspenso: já pelas aberturas, em que o disco é vazado para se lhe diminuir o peso, maiores na metade superior, já pela espessura da chapa que diminui desde dois centímetros em baixo até um centímetro na parte de cima. É este o mais antigo exemplar conhecido do velho astrolábio náutico da época dos descobrimentos, venerável relíquia que o acaso de uma dragagem felizmente exhumou do fundo do mar. O instrumento similar existente no

Observatório astronómico da Universidade de Coimbra, com meio metro de diâmetro e dez quilos de peso, é do século XVII. Estes dois exemplares, de tão diferentes dimensões, fazem compreender muito bem a explicação que dá João de Barros sobre o modo como se tomava a altura do sol ao tempo da primeira viagem do Gama quando descreve a chegada à ilha de Santa Helena: «Principalmente com um astrolábio de pau de três palmos de diâmetro, o qual armavam em três paus à maneira de cámbrea, por melhor segurar a linha solar, e mais verificada e distintamente poderem saber a verdadeira altura daquele lugar; pôsto que levassem outros de latão mais pequenos,

tão rusticamente começou esta arte que tanto fruto tem dado ao navegar».

LUCIANO PEREIRA DA SILVA.

O RAIOS VERDE

QUANDO, ao fim do dia, o sol mergulha no mar, toma por um momento a cor verde. Este fenómeno é bem conhecido pela vulgarização que d'elle fez Júlio Verne num dos seus romances a que deu o próprio titulo de «o raio verde». Tratava-se de um homem que

pretendia observar aquele pôr do sol num horizonte marítimo e que desesperava de o conseguir, pois que, no momento próprio, era a vela dum barco, era o céu brumoso tão comum em Inglaterra, que se interpunham entre elle e o sol no ocaso. No último dia das suas tentativas, o céu estava limpido como nunca se vira nas costas do Mar do Norte; nenhuma embarcação de vela ou a vapor se avistava sobre a superficie do mar calmo; o observador tinha escolhido um local onde parecia que coisa alguma pudesse vir distrair-lo dos seus propósitos; mas appareceu uma rapariga a desempenhar-se daquela tarefa que incumbe às raparigas e que consiste em criar sentimentos ternos no coração dos homens, e o observador, em vez de fitar o sol, no momento propício, fitou dois olhos que o fitavam, dos quais, aliás, viu desprender-se um clarão verde de esperança.

Não sabemos explicar por que a esperança é verde. Quanto à luz verde que o sol emite no ocaso, attribui-se o seu aparecimento à refração dos raios luminosos. A luz branca do sol é devida, como se sabe, à reunião de cores simples, uma das quais é o verde, cores que se separam quando o sol passa de um meio para outro, visto que umas se desviam mais, outras menos, da direcção que seguiam. Ao sumir-se o sol no horizonte, alguns dos raios simples de que a sua cor se compõe hão de perder-se da nossa vista quando outras possam ainda chegar até nós. Sem o vermelho e alaranjado, os raios luminosos que recebermos ficam sendo o verde, azul, anilado e rôxo, dos quais o primeiro é o de mais brilho. Compreende-se então que o sol seja verde por um momento e tudo illumine de verde, antes de, arroxendo, desaparecer.

Há hoje quem afirme que para a produção do raio verde interveem também refrações anormais que deformam fortemente a imagem do astro. Seja como for, o fenómeno é descrito pela forma seguinte:

O sol, ao aproximar-se do horizonte marítimo, é de cor francamente alaranjada, apresentando rápidas deformações que lhe tornam irregular o contorno. Quando o centro do disco tem mergulhado nas ondas, e à medida que diminui a superficie visível, a mancha elliptica que então se observa é orlada de verde-esmeralda, e essa orla cresce carceando a parte central até extinguir-se. No próprio momento em que o astro parece sepultar-se no mar, esse verde, dominando toda a superficie solar, atinge a intensidade dum vivo clarão que subitamente se extingue. — Pôs-se o sol.

F. MIRA.

Feminina

MODAS! MODAS!... AS NOVIDADES DA PRIMAVERA



Os sweater — e toda a complicada nomenclatura que classifica a blusa moderna, — são o complemento obrigado das *toilettes* de passeio, *sport* e, por vezes mesmo, de meia cerimônia. Fazem-se de preferência com tecidos de seda de cor lisa para acompanhar saias de fantasia plissadas, franzidas ou em machos.

Se bem que o chapéu pequeno continui no favor das elegantes, a moda empenha-se em lançar este ano as capelines e os *érets* de fantasia de palha ou crina, que são a última palavra do *chic*.

toilette, dispõem de faculdades conceptivas para tão arrojadadas composições em que a tesoura tem papel preponderante; só elles podem imprimir na *toilette* essa nota de imprescindível modernismo tão anciadamente rebuscada pela mulher elegante. Daí resulta que a despeito a sua aparente simplicidade, os vestidos modernos são mais difíceis de realizar do que os seus predecessores onde as complicações de disposição se acumulavam. Não sofre dúvida que é mais difícil vestir hoje com verdadeira elegância, do que há trinta anos.

Mas ponhamos de parte considerações filosóficas sobre a psicologia evolutiva da moda actual e passemos a anotar-lhe as principais características de actualidade, visto que nos importa menos conhecer as causas animicas da sua evolução do que os seus efeitos estéticos.

Sobre a altura das saias, dissemos já que, não sendo possível encurtá-las mais, foi resolvido (era preciso alterar qualquer coisa. .) fazê-las descer. — Oh! mas só um pouco! E tão devagarinho, tão subtilmente, que não há a temer o risco de suscitar revoltas declaradas e clamorosas. Conservam-se ainda curtas, muito curtas, é certo, mas já escondendo um pouco mais discretamente... os joelhos.

Quanto a roda... Longe de abriremos caminho para a saia francamente ampla que os *godets* nos fizeram entrever, eis que regressamos a linha estreita e esguia, precursora da saia travadinha que lá para o inverno voltará possivelmente a torturar-nos o passo e que já faz os seus primeiros ensaios de aparição nos *tailleurs*, apenas sofismada com a sobreposição do tecido, ao lado, para nos garantir ainda a liberdade dos movimentos, mas encerrando a *silhouette* num aparente estreitamento. Entretanto, as pregas, finas ou largas, vinculadas à máquina ou à mão, os machos e os franzidos, tão favoráveis à leveza dos tecidos próprios da época, estão em pleno apogeu figurando em todos os géneros de *toilette* onde não transpareça o classicismo do rigoroso corte *tailleur*.



Ao primeiro exame, a moda criada para a primavera, não oferece alteração de forma geral digna de reparo. A linha esboçada durante o estertor do último inverno, permanece, um pouco mais definida no seu incontestável intento estilizante, mas bem firme no propósito de se reger por uma nitida simplicidade de efeito. De facto, a moda actual, que sabe encerrar o seu ecletismo numa uniformidade habilmente adotada (não nos detenhamos no paradoxo) modela as suas criações com singular singeleza, buscando efeitos de flagrante ingenuidade realçante da verdadeira gracilidade feminina. Mas se analisarmos com detida atenção as coleções apresentadas pelas grandes modistas francesas, depressa reconheceremos que essa aparente simplicidade não passa dum subtil efeito obtido pelo engenho complicado e inesperado do corte. E é esse requinte de composição habilmente esbatido, que constitui o segredo do *chic* moderno.

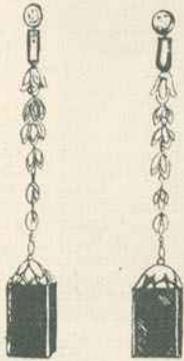
E claro que só os grandes mestres do corte, os estetas da

ADORNOS MODERNOS



AS JÓIAS

As jóias não estão ao abrigo dos caprichos da moda. Também elas sofrem com a inconstância da soberana feiticeira, que lhes não respeita a sumptuosidade intrínseca, nem os primores da cínzeladura delicada, quando entende que essas qualidades não harmonizam com os seus apetites estéticos do momento. As pedras preciosas, como os tecidos, também têm hoje a sua voga, a sua aura passageira do prestígio. E a forma das jóias, Santo Deus! — acompanha, na ância de remodelação constante, a efêmera duração da linha da *silhouette*. A moda assim o quer... obedecemos. Neste momento, por exemplo, as esmeraldas predominam na primeira linha da elegância. Brincos, anéis, colares, braceletes, *pendentifs*, todos êsses tentadores aliados da graça feminina, ostentam actualmente as preciosas pedras de reverberações fugazes como a esperança que simbolizam. Os brincos da moda, que continuam compridos, são formados por umas cadeias ou minúsculos festões de platina onde se engastam as scintilações luminosas de pequeninos brilhantes ou diamantes, dos quais pendem duas formosas esmeraldas de forma rectangular ou oval que ali tremulam inquietas, a exporem brilhos tentadores. O *pendentif*, que volta a usar-se, deve reproduzir o mesmo motivo artístico dos brincos, suspendendo-se dum

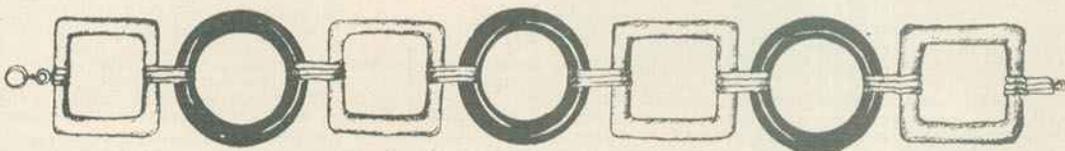


delicado fio ou cadeia de platina aqui e além salpicado de diamantes, que acompanha de perto o pescoço. A par destas jóias de grande preço acessíveis a poucas mortais, a moda acarinha também os *pendentifs* de agata, *lapis lazuli* ou qualquer outra pedra formosa, com incrustações de prata oxidada ou diamantes — imitação — o qual pende dum cordão de seda duplo e é rematado com ampla borla de seda.

Dos anéis, ainda há pouco nos ocupámos. Dissemos então que se usam parcimoniosamente, admitindo-se apenas um belo anel numa mão bem cuidada. Sucede, porém, que o gosto pelos braceletes, de dia para dia crescente, faz recamar os pulsos de ricas pulseiras, tantas quantas se possuir e que não briguem em género e qualidade, quando enfiadas conjuntamente no mesmo braço. Porque, é conveniente acentuar que a elegância actual depende muito de equilíbrio e harmonia do conjunto da toilette, adornos, etc. Ora esta preferência pelas pulseiras usadas com profusão, reflectiu-se nos anéis com prejuizo para êstes, porque as grandes elegantes, ao prepararem-se para um baile, recamam os pulsos de braceletes, mas deixam os dedos desprovidos de anéis para mais franco realce da pureza e apuro das suas mãos patricias.

Entre os braceletes modernos, destaca-se como forma preferida, os que se compõem de várias anilhas esféricas ou rectangulares, prêsas entre si por outras anilhas mais pequenas, no género do modelo que reproduzimos no fim da página e que representa o bracelete da moda.

Pelo que respeita a adornos do penteado, a moda é sóbria. Poucos admite, quando dêles não prescindir completamente, e êsses mesmos são de forma discreta, quasi sempre iguais ao motivo do *pendentif* que devem acompanhar.





MAE MURRAY, a estrela incontestada e singular da *Metro* é uma das mais curiosas artistas da scena muda. Como a maior parte das «stars» em voga, passou dos sucessos teatraes no Broadway, para os sucessos cinematográficos... no mundo inteiro. A diferença porém entre esta passagem e a de outras muitas é que, enquanto estas passaram dum lugar brilhante a outro mais brilhante ainda, na frente dos elencos cinematográficos, Mãe saltou para o brilho fulgido dos «sunlights» que lançaram a sua figura aos quatro cantos do mundo, da semi obscuridade dum *cabaret* humilde da velha Nova York. A extranha e delicada criadora de «French Dolls» era uma simples bailarina, uma «girl» sem aparente destaque entre as muitas borboletas da dança que enxameiam os pequenos palcos da grande metrópole.

A sua boa estrela levou ao pequeno *music-hall* um excepcional artista, Robert Z. Leonard, que ainda hoje é o seu encenador preferido e esse homem, no seu arguto golpe de vista, descortinou na «girl» alguma coisa de raro, de diferente da vulgaridade dos milhões de aspirantes a artistas de cinema que passam todos os meses pelos estúdios de Hollywood.

Decididamente, apoderou-se da crisálida que, sob as suas mãos de artista, desabrochou lançando aos ares, ao céu estrelado da cinematografia, mais uma bela mariposa alada de mil cores. Mãe Murray obteve triunfos rápidos, decisivos como estocadas de mão de mestre. Os argumentistas imaginaram para ela as mais raras comédias em que Leonard aproveitava sempre os dotes excepcionais de bailarina da grande artista. Todo o mundo culto se rendeu em breve a essa mulher-boneca, a esse esquisito delicioso tão estilizado como a Nazimova, dum esplendor de toilettes tão raro como os de Glória Swanson ou Betty Blythe, duma plástica ingravida e coleante, lembrando um ofideo perverso e fugidio, com uma máscara sensível ao máximo, de cambiantes tão subteis como as de Mãe Marsh ou Lillian Gish. Não sei se em Portugal a sabem admirar. Creio que «French Doll» já foi apresentado nos nossos ecrãs, mas faltam ainda surgir ante as multidões, ávidas sempre de beleza e de ineditismo, digam o que disserem os descrentes na sensibilidade colectiva dos aglomerados populares, as suas criações de Princesa Nadia de «Fashion Row» de Circe em «Circe» (de Blasco Ibañez), «Miss Midnight» e por último «Merry Widow» a nossa conhecida Viuva Alegre, onde a genial estrela, dirigida pelo enorme artista que é Eric Von Stroheim, tem uma corda de glória tão extraordinária que conseguiu que o belo filme esteja em exhibição no Capitól de Nova York, há uns bons dois meses. Quando em Portugal se conhecerem estes filmes entre muitos outros, dar-se há valor a afirmação de Blasco Ibañez que, embora com um pouco de

exagêro, disse: «Mãe Murray, a mais vibrátil e subtilmente sensitiva das mulheres do ecrã, é por isso mesmo, na minha opinião, a maior das maiores atrizes da pantalha».

O filme da U. F. A. «Madame Dubarry» que Lisboa viu há uns seis anos, só agora foi exhibido em Paris onde, por consequências da guerra, fôra interdito. Lá como cá, foi este filme consi-

exibição de gala de «L'Inhumaine» de Marcel L'Herbier, filme de vanguarda.

«Nana» de Emile Zola, adaptação de Jean Renoir, será apresentado ao grande público das «primeiras», não num cinema dos boulevards como é uso para as grandes super produções como esta, mas sim no «Moulin Rouge» situado no ponto onde existiu o antigo «abal» do mesmo nome e onde se passam grandes scenas do romance e do filme. A interpretação compreende Catarina Hessling, Werner Krauss, Jean Angelo, M.^{me} Forzane e foram reconstituídos por Jean Renoir, quadros célebres de seu pai, o grande pintor Renoir, contemporâneo da acção do romance.

Polaire, vai reaparecer... no cinema. Interpretará, sob a direcção do autor um «cenário» de Robert Boudrioz «Les Louves», tendo como outros intérpretes principais Leon Mathot e Jean Dax.

Norma Talmadge deve interpretar em breve para «United Artists» um filme representando a vida da malograda divette Gaby Deslys.

No dia 30 de maio passado, foi o neurasênico Charlie Chaplin, apresentado pela Providência com... um segundo filho, do seu terceiro matrimónio. «Actualmente» é sua esposa a linda Lita Grey. O rei da tragicomédia continuará ainda a série dos seus neurasênicos divórcios? E de crer que os seus «Charlotsinhos» o impeçam de tal!...

A cinematografia americana que tem dado ao mundo da arte os maiores sucessos, tem sentido também grandes fracassos comerciais. O que é curioso é que esses fracassos, foram sempre de extraordinárias obras de arte, dos maiores encenadores. Uma lista eloquente:

Intolerância, Lys brisé, O nascimento de uma nação, América, Inis Life Wonderful de David Wark Griffith, o mais extraordinário dos encenadores. Joana d'Arc, Vassalagem, de Cecil de Mille.

Civilização, de Thos H. Ince. Esposas Levianas, de Eric Von Stroheim. A Rainha de Sabá, de Gordon Edwards. Dorothy Vernon, de Mary Pickford. O ladrão de Bagdad, de Douglas Fairbanks. Opinião pública, de Charlie Chaplin, Cinzas do Odio, de Norma Talmadge. Monsieur Beaucaire, de Rudolph Valentino, Casa de Boneca e Salomé, de Alla Nazimova. Eugénia Grandet, de Rex Ingram.

Qualquer destes filmes é um monumento cinematográfico e qualquer deles deêu um prejuizo que vai de 200.000 dolares a 1 milhão.



Mãe Murray, a recente triunfadora do Broadway foi com a sua criação de «Viuva Alegre»

derado uma obra prima e apreciadissima a encenação de Ernest Lubitsch hoje na América bem como os principais intérpretes dêsse filme de «avant-guerre» Emil Jamings, Pola-Negri e Harry Liedtke.

No espaço de alguns meses, entraram no mercado americano tres grandes filmes inteiramente franceses: «Koenigsmark» «Les Misérables» (edição da Societé des Cineromans), e «Miguel Strogoff» com Ivan Mosjoukine. Também alcançou um colossal êxito no Klaw Theater uma



Margarida Keller, nadadora e actriz do cinema, protagonista do filme da Metro «Uninvited Guest» dirigido por Ralph Ince.



As irmãs Eva e Jane Novak, duas lindas finlandesas, ambas estrélas das produções Mayer



Douglas Fairbanks, no seu imperfurbável sorriso, serve de pedestal a um pitoresco tipo de velho boémio em «His Majesty, the American»



Marion Davies, no último filme de Mount Bell «Leights of old Broadway», esquisa admiravelmente uma delizenda figurinha romântica

Lillian Gish e John Gilbert nas suas criações de Mimi e Rodolfo da imortal «Bohèmes», edição da Metro



Uma sumptuosa decoração de panejamentos, no filme «Robin Hood» segundo Walter Scott

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

(Continuação do n.º 9)

— Em verdade assim o fêz — respondeu o magistrado; — e com tais razões que deixaremos o caso como está, contanto que não haja mais escândalo na vida desta mulher. Deve, porém, haver cuidado de que seja a criança examinada na doutrina, como deve ser, e de quando em quando, ou por ti ou por Mestre Dimmesdale. E também, quando tempo fôr, não deve esquecer mandá-la à escola e à igreja, na forma de nossas leis e costumes.

O moço padre, ao acabar de falar, tinha-se afastado um pouco do grupo, ficando com o rosto um tanto escondido pelas pesadas dobras do reposteiro; a sua sombra, que o sol estendia pelo chão, tremia, com a violência do apêlo que elle acabara de fazer. Pearl, esse elfo bravo e bulhoso, foi devagar até elle, e, tomando-lhe a mão entre as suas, encostou-a à cara; cartia tão terna, e ao mesmo tempo tão tímida, que a mãe, que a estava vendo, perguntou a si própria: — Será aquella a minha Pearl? — Ela sabia, contudo, que no coração da filha havia affectos, ainda que em geral se manifestassem unicamente em impetos violentos, e só se lembrasse de que uma ou duas vezes, em toda sua vida, se tivessem revelado com tal suavidade. O sacerdote — pois, salvó olhar de mulher longamente desejado, não há nada mais doce do que estas mostras de simpatia infantil, espontaneamente dadas por um instinto espiritual, e que, portanto, parecem significar que em nós há qualquer coisa digna de ser amada — o sacerdote voltou-se, pôs a mão sobre a cabeça da criança, hesitou um instante, e depois beijou-a na testa. Não durou mais tempo o impulso sentimental da pequenina; riu-se, e deitou a correr pelo vestibulo, tão ligeira que fêz dizer ao velho Wilson que não sabia se ao menos com as pontas dos dedos ella tocava o chão.

— A garota tem bruxaria em si, tenho a certeza — disse elle ao sr. Dimmesdale. — Não precisa de pau de vassoura para voar!

— Estranha criança! — observou o velho Roger Chillingworth. — É fácil ver nela a parte da mãe. Pensais, senhores, que seria fora da especulação de um filósofo analisar a índole desta criança e, de seu feitio e cunho, tirar uma idea de quem seria o pai?

— Não; seria pecado, num caso destes, seguir as indicações da filosofia profana — disse o sr. Wilson. — Melhor será jejuar e rezar para

tal fim; porventura ainda melhor, deixar o mistério como está, a não ser que a Providência por si mesma o revele. E por isso todo o bom cristão tem o dever de tratar com paternal carinho a pobre criança abandonada.

Assim concluído tudo a bem, Hester Prynne e Pearl saíram da casa. Ao descer os degraus, diz-se que se abriu a gelosia de um quarto de dormir e que surgiu ao sol o rosto da sr.^a Hibbins, a irmã do Governador Bellingham, conhecida por sua indole azêda, e que, poucos anos depois, foi executada por bruxa.

— Pist! pist! — disse ella, e a sua cara agourenta parecia pôr sombra na alegria da casa nova. — Queres ir connosco esta noite? Haverá boa companhia na floresta; e quasi que prometi ao Homem Negro que a formosa Hester Prynne também iria.

— Desculpai-me junto d'êlo, fazei favor! — respondeu Hester com um sorriso triunfante. — Tenho que ficar em casa e velar pela minha pequenina Pearl. Se ma houvessem tirado, de bom grado iria convosco à floresta, e assinaria o nome no livro do Homem Negro, e com o meu próprio sangue!

— Um dia te teremos lá! — disse a senhora bruxa, de mau modo, e retirando a cabeça para dentro.

Porém nisto — se supusermos autêntica esta entrevista de Hester Prynne com a sr.^a Hibbins, e a não termos por simples parábola — se via já confirmação do argumento do moço padre contra o intento de cortar os laços que prendiam uma mãe pecadora ao fruto da sua fragilidade. Logo ali a tinha salvado a criança das rêdes de Satanás.

IX

O FÍSICO

Sob o nome de Roger Chillingworth, estará o leitor lembrado, escondia-se outro nome, que a pessoa que o usara tinha resolvido nunca mais se pronunciasse. Já se contou como, na multidão que assistira à exhibição ignominiosa de Hester Prynne, estava um homem, já de idade, gasto de peregrinações, o qual, quando acabava de sair dos perigos das terras selvagens, viu a mulher em quem esperava encontrar corporizados o carinho e a alegria do lar exposta

ao povo como exemplo de pecado. A sua reputação de mulher era calcada aos pés de todos. A infâmia falava alto em torno dela na praça do mercado. Para os parentes, se noticia lhes chegasse, e para os que tinham acompanhado a sua vida quando ainda sem mancha, nada restava senão o contágio da sua desonra; e esta lhes seria atribuída, sem d'úvida, exactamente no grau e proporção da intimidade e respeitabilidade dos laços que anteriormente os prendiam a ella. Então por que motivo — uma vez que a resolução estava em suas mãos — havia aquele que se encontrava ligado à mulher caída pelos vinculos mais intimos e sagrados de todos, vir publicamente afirmar os seus direitos a herança tão pouco de apetecer? Resolveu não se colocar ao lado dela naquelle pelourinho de infâmia. De ninguém conhecido, excepto de Hester Prynne, e possuindo a chave do silencio dela, preferiu retirar o nome da lista dos vivos, e, pelo que dizia respeito a suas ligações e interesses anteriores, desaparecer da vida tão completamente como se em realidade jazesse no fundo do mar, onde, de há muito, corria que estava sepulto. Efectuado este intento, novos interesses desde logo lhe iriam surgir, e também um novo intento; sinistro, é certo, se não culposo, mas de força bastante para prender toda a energia de suas faculdades.

Em conformidade com a resolução que tomara, passou este homem a residir na cidade puritana com o nome de Roger Chillingworth, e sem mais apresentação que o saber e a intelligência, de que possuía maior quinhão que o vulgar. Como os estudos que fizera num periodo anterior de sua vida, lhe haviam dado largo conhecimento da sciencia médica do tempo, foi como fisico que se apresentou, e como tal de bom grado o acolheram. Homens hábeis, da profissão médica e cirúrgica, raras vezes apareciam na colônia. Poucos, ao que parecia, participavam daquelle zêlo religioso que levava os outros emigrantes a atravessar o Atlântico. Talvez que, no estudo do corpo humano, as faculdades mais altas e subtis d'esses homens se materializassem, e elles perdessem de vista o lado espiritual da vida na complexidade daquela máquina admirável, que parecia revelar arte bastante para em si mesma incluir toda a vida.

(Continua.)

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 9.º número)

E	V	A							
V	I	L							
A	L	G	E	R					
			E	R	A				
			R	A	S	G	O		
						G	I	L	
						O	L	A	

• • •

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

A	A	A	A	A	
A	L	L	I	I	
I	I	R	R	M	
B	O	O	O	O	
S	S	S	S	P	

Definições:

Parente próximo ou membro da mesma confraria. — Advérbio de lugar. — Encontra-se nos desertos. — Onde habita a família. — Igual. — Um lugar agradável. — Sem mais companhia. — O que todos os chapéus, em geral, têm. — Árvore venenosa da Malasia. — Onde se acende o lume. — Vizinhança de um monte, cidade ou rio.

• • •

O Joãozinho não podia entender a teoria da evolução, por isso estava maçando a mãe com perguntas.

— Mamã, eu descendo de algum macaco ?

— Não sei, meu filho, — respondeu ela. — Não conheci nunca a família de teu pai.

• • •

Um sujeito ia casar com uma viúva, e na manhã do casamento diz-lhe o irmão:

— Não sei como podes; eu não gostava nada

de ser o segundo marido de uma viúva.

O noivo sorriu com optimismo, e respondeu:

— Pois olha, pela minha parte, antes quero ser o segundo marido de uma viúva do que o primeiro.

• • •

Num estabelecimento de banhos apresenta-se um sujeito e pergunta:—

Quanto é o preço de um banho ?

O empregado:—

Dois tostões, mas se ficar logo com uma dúzia de bilhetes custa-lhe 2.000 rs.

— Mas como hei de eu saber se ainda vivo doze anos ?

• • •

O Lemos:— Então a tua mulher á uma hora que está naquela loja a comprar um chapéu, hein ? Já a chamaste ?

O Mota:— Já; tudo quanto me veiu á cabeça.

• • •



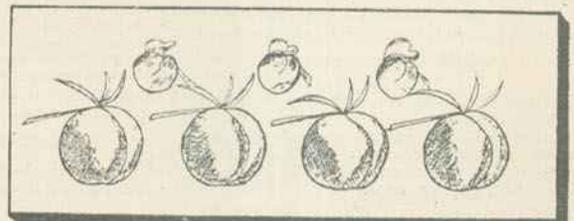
O namorado está a chamá-la. Donde ?

• • •

PÊCEGOS E ALPERCES

(Problema)

Aqui estão quatro pêcegos e três alperces. Se tivessem de colocar estes frutos num prato, de forma que os alperces ficassem separados uns dos outros pelos pêcegos, como os colocariam de modo que apresentassem uma disposição simétrica ?



SEGRÊDO BEM GUARDADO



Aida:— A Emilia está pedida em casamento, mas por enquanto não participa a ninguém; é segredo.

Tereza:— Como é que tu sabes ?

Aida:— Foi ela que me disse.

QUESTÃO DE TEMPO

Um viajante na estação do caminho de ferro:

— Sr. chefe, diga-me se ainda tenho tempo de me despedir de minha mulher.

O chefe:— Isso depende de há quanto tempo o senhor fôr casado.

• • •

— As mulheres, — observou elle — em tom de sentença, — são mais bonitas que os homens.

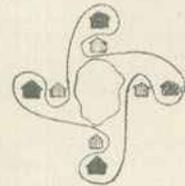
— Pois naturalmente, — exclamou ella.

— Não, — corrigiu elle com brandura, — artificialmente.

• • •

AS CASAS E O LAGO

(Solução)



Aqui está a maneira por que fui levantado o muro, de forma a interceptar o lago ás casinhas mais modestas.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1926

LITERATURA

A. A. — *Trovas*, 50 p., 5000.
 AGOSTINHO (JOSÉ) — *Camilo e a sua psicologia* — 282 p., 8.º ed., 8.º c. grav.
 ALVES (JOSÉ) — *Repertório. Monólogos — canções — duetos — tercetos — poesias e canções.* — 80 p., 8.º c. retr. do A. — 6000.
 AZEVEDO NEVES — *Vida miserável* (Crônicas). — 96 p., 8.º ed., 8.º c. grav.
 BABO (CARLOS) — *Seara de Luz* (Contos). — (80 p., 8.º, 6000).
 BRANDÃO (RAÚL) — *A Farsa*. 2.ª ed., 241 p., 8.º c. capa II. — 10000.
 BRANDÃO (RAÚL) — *Himnus*. 2.ª ed., 363 p., 8.º — 10000.
 CAMARA REIS (LUIS DA) — *Cidades antigas, terras mortas*. Hustrações de Tagarro. 1926; 24 p., 8.º.
 CARLING (JOHN R.) — *A Queda de César*. Trad. de Camara Lima. 238 p., 8.º c. capa II. — 6000.
 CASTELO BRANCO (CAMILO) — *O Senhor do Paço de Niuás*. Romance. 8.º ed., 273 p., 8.º — 7500.
 CASTRO (MARCELINO DE) — *Páginas sinceras*. Contos e poesias. 166 p., 8.º.
 CAYOLA (LOURENÇO) — *A Derrocada*. Peça em 3 actos. Com um pref.º do autor. 90 p., 8.º — 7500.
 CORREIA DE OLIVEIRA (ANTONIO) — *Verbo ser e verbo amar*. (Versos). 227 p., 8.º — 10000.
 DELGADO (HEATRIZ) — *Meus vícios* (Versos). 63 p., 8.º — 7500.
 DOMINGUES (MÁRIO) — *Entre vinhedos e pomares*. (Novela) 136 p., 8.º.
 EDU & TU — *Denúncia*, «Charge» à «Reinúncia» da poetisa Virgínia Victorino. (Sonetos), 86 p., 8.º — 8000.
 FERREIRA (JOÃO MARIA) — *Tríptico à memória do conde de Sabugosa*. (Sonetos) 15 p., c. capa II.
 FIGUEIREDO (ANTONIO DE) — *O Padre Sena Freitas*. (Confidência) 64 p., 8.º — 3500.
 FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO) — *Porque me orgulho de ser português*, 2.ª ed., 109 p., 8.º — 5000.
 FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Júlio Dantas — A sua vida e a sua obra*, 16 p., c. grav. — 2500.
 FRANÇA (ALFREDO) — *Panelcido*. Tragédia-comédia. Com ilustrações de Francisco Valença e Alfredo Cândido, 47 p., 8.º — 6000.
 GOMES (CELESTINO) — *Baladas para um certo olhar e outros poemas*. Com estampas em madeira por João Carlos e capa por Cândido Craveiro. 91 p., 4.º.
 GONÇALVES VEANA (MÁRIO) — *Para além do que se vê*. (Crônicas) 79 p., 8.º — 3500.
 GRAVE (JOÃO) — *Memórias dos dias finados*. (Crônicas) 209 p., 8.º — 8000.
 GUERREIRO MURTA (JOSÉ) — *Como se aprende a redigir*, 2.ª ed., 8.º — 10000.
 HERÁNY (J. DE) — *O Destino*. Trad. de M. S., 240 p., 8.º — 10000.
 MARDEN (JAMES W.) — *A Princesa dos Dollars*. Trad. de Camara Lima. 2.ª ed., 228 p., 8.º c. capa II. — 6000.
 MATOS (JOSÉ AUGUSTO DE) — *A Mocidade*. Versos, 8 p.
 MESQUITA DA CAMARA (MARTA DE) — *Pó do teu caminho...* Poemas, 86 p., 8.º c. capa II. — 7500.
 MOLIERE — *O Misanthropo*. Comédia em 5 actos. Versão líbrérica de António Feliciano de Castilho, 2.ª ed., 196 p., 8.º.
 MONTEIRO (NUNO DE) — *Anór de Deus e da terra*. (Poemas) 102 p., 8.º — 10000.
 NUNES (J. J.) — *Evolução da lingua portuguesa exemplificada em duas lições*. Com introdução e glossários, 225 p., 8.º.
 PÁVUS, PÁVUS & C.ª — *Barraca de Fanteoches* (1 volume), 36 p., II. — 5000.
 QUENTAL (ANTONIO DE) — *Prozas*. Vol II, 420 p., 8.º.
 RUANO DA SILVA (JONCK) — *Vingar a morte de um pai querido*. Novela cine-dramática em 3 partes, 31 p.
 SALGUEIRO (EDUARDO) — *Cantigas de um lusitano*. (Quadrás). Capa de João Peralta. Vinhetas de João Carlos. 3.ª ed., 126 p., 8.º.
 SETE (MÁRIO) — *A Filha de Dona Sinhá*. Romance. 2.ª ed., 224 p., 8.º — 7500.
 VALFLOR (JULIO) — *Agnarelas*. (Versos), 78 p., 8.º.
 XIMENES (MÁRIO) e BALMACEDA (ERNESTO DE) — *O Homem que matou a actriz*. Novela, 32 p., 8.º c. capa II. — 2000.

SCIÊNCIAS E ARTES

ALMEIDA LIMA (J. M.) — *Curso de física geral*. Tómo III, Óptica geométrica, 43 p., 8.º.
 CAMPOS MELO (JOSÉ MARIA DE) — *Mamul do fabricante de Tecidos*, 2.ª ed., 598 p., 8.º c. grav.
 CARVALHO SAABEDRA (J. C.) — *Zoologia elemental*, c. 157 grav., 7.ª ed., 493 p., 8.º — 14000.

CUSHA ROSA (A.) — *Desenho linear geométrico*, 6.ª ed., 190 p., 8.º c. grav.
 CUSHA ROSA (A.) — *Elementos de geometria plana e no espaço e suas aplicações*, 4.ª ed., 289 p., 8.º c. grav.
 GENTIL (PROF. FRANCISCO) — *O ensino médico em Lisboa*. A Patologia e a Terapêutica cirurgicas, 45 p., 8.º c. est. — 10000.
 KNAPP (GEORG) — *Cálculo das rodas de mada dos tornos para abrir todos os passos de rosca*. Trad. por Humberto de Sousa Reis e J. Fariado Henriques. Com 13 figuras e 6 tabelas, 77 p., 8.º — 10000.
 LIMA e SANTOS (ANTONIO J.) — *Problemas de máquinas*, 4.ª ed., 401 p., 8.º c. grav.
 LODIEL (P.) — *Para onde vamos?* Estudo sobre a vida futura. Trad. de A. de Almeida Rezende, 184 p., 8.º — 7000.
 MARDEN (O. S.) — *A Iniciação nos negocios*. Trad. por João Crisóstomo Lopes, 256 p., 8.º — 6000.

ESTRANJEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

RIBERA ROVIRA



Escritor e jornalista catalão muito ilustre, que se tem empenhado, com rara nobreza, em divulgar em Espanha a nossa arte e a nossa literatura. Pelo livro, pelo artigo e pela conferência, através de lucidos estudos criticos e sob traduções notáveis pelo brilho e pela fidelidade, muitos dos nossos mais altos valores literários tem sido impostos à admiração da Espanha culta unicamente por seu desvelado fervor lusófilo. Traduziu já, entre outros, livros de Raúl Brandão e Júlio Denis, assim como peças teatrais de Marcelino Mesquita, D. João da Câmara, Bento Mântua e Júlio Dantas. Deve-se fixar o seu nome com muita simpatia e reconhecimento.

MIGUEZ (VINCENT) — *Curso sistemático de lições de coizas*. Trad. e adapt. por J. Rodrigues Miguez. Com um prefácio de António Sérgio. Primeiro ciclo: 226 p., 8.º c. grav. — 10000.
 PIRES DE LIMA (J. A.) — *A Teratologia nas tradições populares*, 19 p., 8.º.
 SABINO COELHO (DR.) — *O Momento cirúrgico e o ensino litbonense*, 31 p., 8.º — 7500.
 SALAZAR (A. L.) — *Quelques points de l'histologie de l'ovaire La Lapine*, 219-380 p., 8.º c. 14 est.
 SANTOS DELGADO — *Tratado pratico e tecnico sobre fabrico e tratamento de vinhos*, 382 p., 8.º — 8000.
 SEQUEIRA (JOAQUIM JOSÉ DE) — *Compendio pratico de calculo comercial*, 240 p., 8.º — 12500.

HISTORIA E GEOGRAFIA

AÍRES DE MAGALHÃES SEPÚLVEDA CRISTÓVÃO) — *História organica e politica do exercito português*. Provas. Vol. XIV

— *História da engenharia militar portuguesa*. VI — *Engenheiros franceses ao serviço de Portugal*, 400 p., 8.º.
 ALVES MATOSO (PADRE JOSÉ), bispo da Guarda — *Compendio de historia universal*. Vol. II — *História da idade média, moderna e contemporânea*, 11.ª ed., 253 p., 8.º.
 AZEVEDO NEVES — *Falco de Castilho*. Discurso, 8 p. — 3000.
 BERTENOURT ROBINHOES (DR.) — *A Patria brasileira*. Rapido esboço da sua evolução politica, social e económica, 45 p., 8.º.
 Coleção de livros ineditos da história portuguesa dos reinados de D. Dinis, D. Afonso IV, D. Pedro I e D. Fernando. Tomo IV, 2.ª ed., XXXVII, 641 p., 4.º.
 HOTEL Atoria — *Colmbra*. Prospecto illustrado com vistas da região, 24 p.
 OLIVEIRA SOARES (J. AFONSO DE) — *Régua. Coração do Douro*. Centro de excursões e de turismo, 46 p., 8.º.
 PEDRO V (EL-REI D.) — *Escritos de*, coligidos e publicados pela Academia das Sciéncias de Lisboa, Vol. III, 368 p., 8.º.

RELIGIÕES

CARDOSO DE OLIVEIRA (J. M.) — *O Amor divino e a sua effie na terra*. Conferência, 42 p., 8.º.
 DISS (P. A. DE) — *A Virgem Prudente*. Pensamentos e conselhos acomodados ás juventudes christãs. Versão portuguesa, 377 p., 8.º — 11500.
 MAC NAID (S. E.) — *Pequeno dicionário bíblico*, 334 p., 8.º.
 SUTTER (P.) — *O Diabo*. Suas palavras e sua acção nos possessos. J. Hoffert (Alsacia). Trad. por «Santa Cruz», 114 p., 8.º.

BELAS ARTES

SILVEIRA PAIS — *Tratado elemental de composição musical*. (Harmonia), 223, III p., 4.º — 35000.

SCIÊNCIAS CIVIS

BELEZA DOS SANTOS (JOSÉ) — *Regime jurídico dos menores delinqüentes em Portugal*. Principios dominantes, 110 p., 8.º — 10000.
 BERTENOURT (A.) — *Juros simples*. (Juros ou descontos por fora. Coleção de 50 Tabuas desde meio de maio em maio, até 25 por cento, 115 p., 4.º — 20000).
 CAMPOS LIMA — *Teoria libertária ou o anarquismo*. Conferência, 50 p., 8.º.
 Código do processo civil, 386 p., 8.º, 7.ª ed. oficial.
 Cruz Vermelha Portuguesa. Boletim oficial de 1925 comemorativo do 60.º aniversário da Cruz Vermelha em Portugal. Volume IX da II série, 307 p., 8.º c. est.
 DESASTRES NO TRABALHO. Regulamentos, leis, portarias e modelos em vigor, 3.ª ed., 77 p., 8.º.
 FERREIRA PINTO (JULIO) — *Angola*. Notas e comentários dum colono. Pref.º do tenente coronel Ferreira do Amaral. Anotações de Velloso de Castro, 558 p., 8.º — 20000.
 GUSMÃO MADEIRA (MÁRIO DE) e PEREIRA DE MELO (RUY DE LIMA) — *Notas à lei do divórcio* — 25000.
 ODRIO DA GAMA e CASTRO e OLIVEIRA BATISTA (LUIS) — *Notas ao código penal português*, 2.ª ed. Vol. 4.º, 520 p., 8.º — 35000.
 PINTO LOUREIRO e ALMEIDA (MÁRIO) — *Suplemento ao código de processo civil nos tribunais*. (Actualização e anotações, VI, 680 p., 8.º — 10000).
 TAVARES BASTOS (JOSÉ) — *Naturalização*. Contendo todos os Decretos, leis e avisos, XX, 320 p., 8.º — 15000.
 VIEIRA (ANSELMO) — *A Crise nacional*, 563 p., 8.º — 20000.

CARTOGRAFIA

CARTA da ilha da Boa-Vista (Cabo Verde), 1924.
 CARTA da ilha do Príncipe, (Esboço), 1924.
 CARTA do distrito de Damão (Estado da Índia), 1927.
 Esboço da planta da cidade de S. Paulo de Louinda.

CAMONIANA

CAMÕES (LUIS DE) — *Os Lusiadas*. Anotados por Artur Viegas, 2.ª ed., XXXVIII, 373 p., 8.º — 12000.

FILATELIA

CATÁLOGO e preço corrente de selos postais de Portugal e colónias, 3.ª ed., 1926; 96 p., 8.º — 5000.

REVISTAS

Registamos as seguintes, de cuja existência damos fé, por termos á vista os seus últimos cadernos: «Brotéria», «Cetóbriga», que iniciou há pouco a publicação e se dedica á vida de Setúbal, «Eco dos Sports», «Educação Social», «A Guerra», «Portugalia», «Renovação», «Revista dos Tribunais», «Revista Escolar», «Seara Nova» e «Vida Elegante», que encontrei agora caminho.

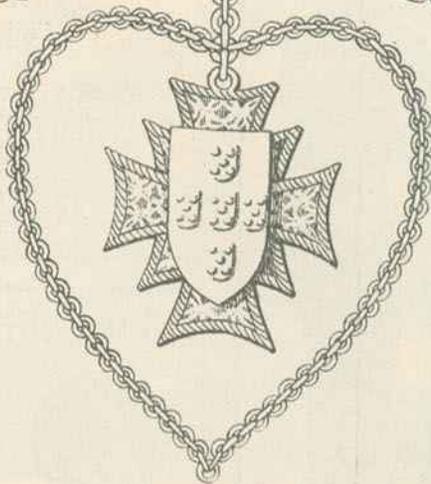
As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas bibliográficas que lhes sejam feitas

ILUSTRAÇÃO

JOALHARIA DO CARMO



JOIAS
E
PRATAS
ARTISTICAS



PRESENTES
PARA
ANIVERSARIOS
E
CASAMENTOS

SEDE NO PORTO

FILIAL EM LISBOA

RUA 31 DE JANEIRO, 53

RUA DO CARMO, 87-B

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: 1160

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: N. 1360



A marca da elegancia

ESPARTILHOS MODERNOS «POMPADOUR»

A marca do Espartilho e Cinta elegante e higiênico, obedecendo ao rigor da moda actual e às prescrições da ciência.

É a única que forma e conserva o porte airoso e gracil do busto, a linha esguia e flexuosa da Moda, o aprumo e distinção de todo o corpo.

ARTE, PERFEIÇÃO E LUXO — Execução primorosa

CASAS DE VENDA

LISBOA

A POMPADOUR

28, Chiado, 30

Telef.: C. 210

PORTO

ARMAZENS DA CAPELA

70, R. Carmelitas, 76

Telef.: 1885



Toma
Veramon
Veramon-Schering
em comprimidos é o melhor remédio especialmente contra as dores de cabeça e dos dentes. Não faz sôno.
A venda em todas as farmacias.

SALÃO MIMOSO

OS MAIS FINOS
CHAPEUS DE PARIS
AS MAIS PALPITANTES
NOVIDADES

282, R. Augusta — LISBOA

Maravilha da Comodidade

ATACADORES ELÁSTICOS
Para atacar de uma vez para sempre
(Em todas as cores)

Preço de cada par Esc. 2550

Porte gratis — Descontos a revendedores

Unicos representantes e Depositários em Portugal

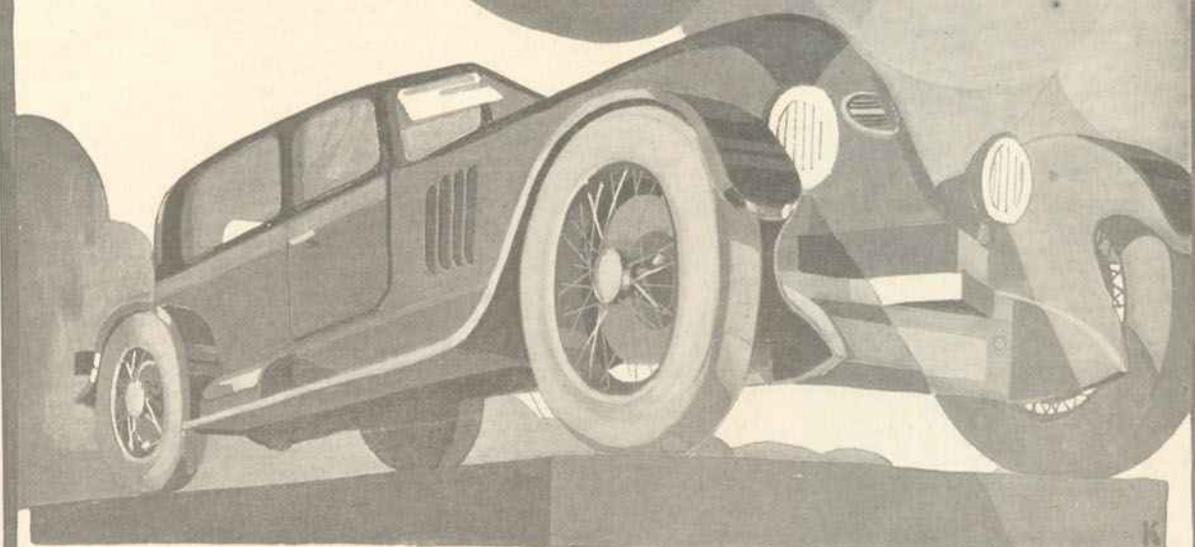
VICTOR C. CORDIER, L.^{da}
Rua do Assucar, 78 — BEATO

DEPOSITOS: { Em Lisboa: Rua da Prata, 275
C. Marquez d'Abrantes, 1 e 3
No Porto: Rua das Flores, 136

BORRACHA, CORREIAS, AMIANTO



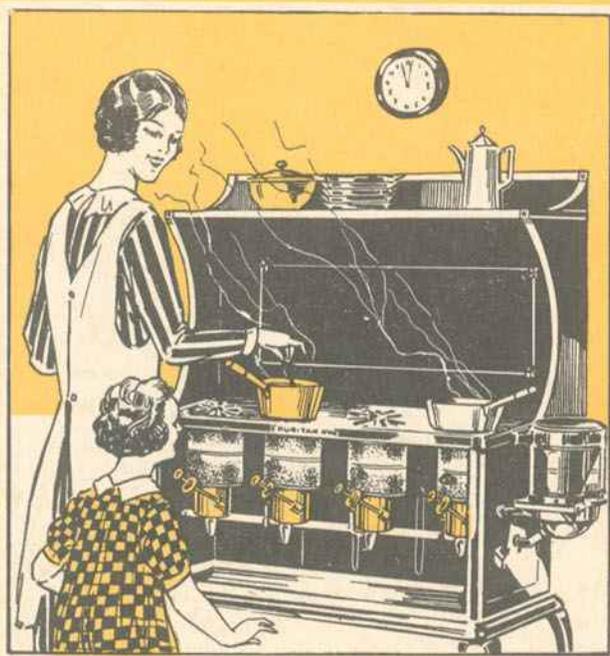
Renault



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.^{DA}
AUTO-PALACE

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:
RENAULT, DE DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI,
HUDSON e ESSEX



FOGÕES DE COSINHA

DE CHAMA AZUL E SEM CHEIRO

São indispensáveis pela sua comodidade, acio e economia de trabalho e de dinheiro.

Pelas suas especiais condições de funcionamento, pôde-se acender cada chama separadamente, conforme fôr necessário.

FÁCIL MANEJO

Exija sempre

PETRÓLEO



SUNFLOWER

para obter os melhores resultados

VACUUM OIL COMPANY

RUA DA HORTA SECA, 15-17 TELEFONE 960 TRINDADE (7 LINHAS)

Tambem à venda na casa J. G. RUGERONI

Rocio, 67—Telef. N. 3075

A quem apresentar este talão daremos um bonus de
 Esc. 35,000 sobre a compra de um fogão
 Valido até 30 de Junho de 1926

NOME _____
 MORADA _____